

LUZIA CREPALDI

**MEMÓRIA ORGANIZACIONAL NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE
MELEIRO: “MINHA ESCOLA TEM MEMÓRIA”**



LUZIA CREPALDI

**MEMÓRIA ORGANIZACIONAL NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE
MELEIRO: “MINHA ESCOLA TEM MEMÓRIA”**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Prof^a. Dr.^a Maria de Lourdes Borges.

CANOAS, 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C917m Crepaldi, Luzia.

Memória organizacional na Escola de Educação Básica de Meleiro
[manuscrito] : “minha escola tem memória” / Luzia Crepaldi – 2023.
181 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) –
Universidade La Salle, Canoas, 2023.

“Orientação: Profa. Dra. Maria de Lourdes Borges”.

1. Memorial. 2. Memória coletiva. 3. Escola. 4. Lembrança. I. Borges,
Maria de Lourdes. II. Título.

CDU: **316.7**

LUZIA CREPALDI

Dissertação aprovada para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos da Silva Freitas Júnior
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr. Alessandro Varela dos Santos
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof.^a Dr.^a Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Borges
Orientadora e Presidente da Banca - Universidade La Salle, Canoas/RS

Área de Concentração: Estudos em Memória Social.

Curso: Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais.

Canoas, 18 de dezembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, da inteligência e da sabedoria.

Às minhas colegas e amigas Josiane Bosa Duarte e Josemeri Peruch Mezzari, pelo apoio e colaboração durante todo o processo.

Aos apoiadores Alexandre Piazza Pirola, Jocenei da Silva e Vilma de Souza Florêncio da Silva, pela ajuda na revitalização da sala do memorial e na recuperação dos objetos.

Às minhas entrevistadas: Josemeri Peruch Mezzari, Josiane Bosa Duarte Tramontin, Luciane Terezinha de Luca, Lúcia Cardiga Coelho, Maria Terezinha Cardiga Pelegrini, Alvina Rocha Longaretti e Michelli Cadorin Piazza Toretto.

À minha orientadora Maria de Lourdes Borges, por todo apoio dedicado a mim e pelas orientações.

A todos, muito obrigada!

RESUMO

O objetivo desta dissertação é o de estudar as memórias da Escola de Educação Básica de Meleiro, em Meleiro, Santa Catarina, e lhes dar visibilidade por meio da criação de um espaço memorial. O referencial teórico aborda a memória social e a memória organizacional, temáticas da linha de pesquisa Memória, Cultura e Gestão do Mestrado Profissional Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. A metodologia se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e analisa, segundo a análise de conteúdo, as informações tendo por base entrevistas semiestruturadas, documentos e artefatos. Foram realizadas sete entrevistas com pessoas da comunidade escolar da Escola de Educação Básica de Meleiro, bem como também foram analisados documentos da escola. Os resultados das análises realizadas serviram de embasamento para a reestruturação de uma exposição permanente, um espaço memorial da Escola de Educação Básica de Meleiro, denominado Memorial Minha Escola Tem Memória, produto final do mestrado. Nesse espaço, estão expostos, de maneira a fazer sentido para a memória organizacional, objetos e documentos da pesquisa para que tenham visibilidade pública. Dessa forma, o ambiente se torna um lugar de estudos, de vivências e lembranças e da memória coletiva da instituição de ensino, servindo como ambiente de estudo e pesquisa para os atuais e futuros estudantes, professores e comunidade de Meleiro. Além disso, os resultados das análises indicaram que o Memorial “Minha Escola Tem Memória” é um espaço de aprendizagens, de convívio de pessoas, lugar de memórias individuais, coletivas e sociais. Por meio da repercussão positiva do Memorial na comunidade interna e externa, a temática da memória escolar emergiu como uma evidência de que a escola pode servir como uma instituição organizadora de memórias cercada de sensibilidade e humanidade.

Palavras-chave: Memorial; Memória coletiva; Escola; Lembrança.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to study the memories of the Escola de Educação Básica de Meleiro, in Meleiro, Santa Catarina, and give them visibility through the creation of a memorial space. The theoretical framework addresses social memory and organizational memory, themes of the Memory, Culture and Management research line of the Professional Master's Degree in Social Memory and Cultural Assets at La Salle University. The methodology is characterized as qualitative research and analyzes, according to content analysis, information based on semi-structured interviews, documents and artifacts. Seven interviews were carried out with people from the school community at Escola de Educação Básica de Meleiro, as well as school documents were analyzed. The results of the analyzes carried out served as a basis for the restructuring of a permanent exhibition, a memorial space for the Escola de Educação Básica de Meleiro, called Memorial Minha Escola Tem Memória, the final product of the master's degree. In this space, research objects are exposed, in a way that makes sense to the organizational memory, in order to promote visibility and become an environment for studies, experiences and memories and the collective memory of the educational institution, so that it become a place of participation, collaboration, studies and research for current and future students, teachers and the community of Meleiro. Furthermore, the results of the analyzes indicated that the Memorial "Minha Escola Tem Memória" is a space for learning, for people to socialize, a place for individual, collective and social memories. Through the positive impact of the Memorial on the internal and external community, the theme of school memory emerged as evidence that the school can serve as an institution that organizes memories.

Keywords: Memorial; Collective memory; School; Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia do arquivo morto rebatizado como Arquivo Vivo.	28
Figura 2 - Primeira Igreja Católica onde se iniciou a educação escolar em Meleiro.	29
Figura 3 – Segunda Escola de Meleiro, construída em 1925.	30
Figura 4 – Desenho a lápis grafite baseado numa fotografia da figura 2.	31
Figura 5 – Terceira escola de Meleiro, construída em 1942.	31
Figura 6 – Desenho a lápis grafite baseado na fotografia da figura 5.	32
Figura 7 – Fachada da Escola, 2022.	33
Figura 8 – Pátio interno da escola, 2022.	33
Figura 9 – Mapa do município de Meleiro.	48
Figura 10 - Entrega da lembrança para D. Maria Terezinha Cardiga Pelegrini.	86
Figura 11 – Convite do evento de Inauguração.	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista dos equipamentos.	26
Quadro 2 – Relação entre conceito dos imperativos da memória e aplicação no contexto escolar.	39
Quadro 3 – Cronologia da EEB de Meleiro.	44
Quadro 4 – Diretores da Escola.	46
Quadro 5 – Dados socioeconômicos dos alunos e de famílias da EEB de Meleiro.	48
Quadro 6 – Características das funções na escola.	50
Quadro 7 – Características das entrevistadas	53
Quadro 8 – Acervo de imagens das entrevistadas.	55
Quadro 9 – Etapas da análise de conteúdo.	59
Quadro 10 – Principais falas das entrevistadas da categoria “acervo do conhecimento”	73
Quadro 11 – Fala das entrevistadas na categoria “aquisição de informação”.	77
Quadro 12 – Etapas do processo do Memorial "Minha Escola Tem Memória”.	86
Quadro 13 – Evidências fotográficas de cada momento do evento.	87
Quadro 14 – Quadro de diretores da escola a partir de 1965.	90

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.2 Questão de pesquisa	12
1.2.1 <i>Objetivos</i>	12
1.3 Justificativa	13
2 MEMORIAL	15
2.1 As origens	16
2.1.1 <i>A formação</i>	18
2.1.2 <i>A profissão</i>	19
2.1.3 <i>A carreira</i>	21
2.2 Contexto	24
3 REFERENCIAL TEÓRICO	34
3.1 Memória social	34
3.2 Memória organizacional	38
4 CONTEXTUALIZAÇÃO	42
4.1 O município de meleiro	42
4.2 A escola de educação básica de meleiro	42
4.2.1 <i>Dados socioeconômicos dos alunos e de suas famílias no ano de 2022</i>	47
4.3 Estrutura de recursos humanos da EEB de Meleiro	49
5 METODOLOGIA DA PESQUISA	51
5.1 Delineamento de pesquisa	51
6 ANÁLISE DE DADOS	61
7 PRODUTO FINAL: MEMORIAL “MINHA ESCOLA TEM MEMÓRIA”	85
7.1 Sumário executivo do produto final	85
7.2 Características do produto final	102
7.3 Justificativa para o memorial “minha escola tem memória”	103
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE A - Fotografias do memorial “minha escola tem memória”	115
APÊNDICE B - Roteiro para as entrevistas de professoras aposentadas.	116
APÊNDICE C - Roteiro para as entrevistas com professoras em atividade	118
APÊNDICE D - Passo a passo resumido para organizar um memorial na escola ou em outras instituições	120

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é resultado de um estudo sobre memória social e memória organizacional na Escola de Educação Básica de Meleiro (EEB de Meleiro) dentro da linha de pesquisa Memória, Cultura e Gestão do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

Analisa-se a escola como um todo, envolvendo os diversos entendimentos individuais e coletivos. É uma organização de aprendizados. Quando se fala com um professor já aposentado no momento em que ele vem à escola para "matar as saudades", ele geralmente diz:

No meu tempo, se ensinava assim... aqui tinha uma figueira que foi plantada por mim em 1960, os alunos (nomes...) foram quem me ajudaram a plantar, ela (figueira) me lembra o meu tempo... também eu usava o mimeógrafo e aquele cheiro do álcool... e a tinta da matriz me faz recordar o meu tempo...(Palavras da professora Maria Terezinha Cardiga Pelegrini)

Essa rememoração pessoal levou esta pesquisadora a pensar e vivenciar através das palavras de Dona Terezinha (como ela é chamada) que isso tudo pode se perder com o tempo. Então, meu objetivo se tornou claro. “Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação desses diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem” (HALBWACHS, 1990, p. 14).

A Escola de Educação Básica de Meleiro é um espaço de memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, 1990), pois é nesse espaço que os grupos se encontram, formam-se e depois se vão, deixando suas impressões e suas vivências e as levando consigo também. Com o passar dos anos, essa vivência fica mais na memória individual do que coletiva. Quando esses indivíduos se encontram, a memória de ambos vem à tona. É possível considerar que alunos, professores e funcionários da escola têm suas próprias lembranças e suas memórias no que se refere à escola. Quando eles se formam, aposentam-se ou o contrato de trabalho acaba, essas vivências individuais ou coletivas são lembradas. Algo que possa recordar, que tenha ocorrido e que tenha deixado uma marca com os indivíduos e com os grupos. Suas lembranças os acompanham e podem descrever muito exatamente os fatos ou objetos que viram ao mesmo tempo que elas, e até mesmo reconstruir toda a sequência de atos e palavras dentro das circunstâncias definidas

sem que lembrassem de tudo aquilo que viveram. “Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratem de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

No entanto, no estudo realizado na EEB de Meleiro, são lembranças da escola e dos objetos que os envolvidos levam consigo, mesmo que se tratem de acontecimentos que só eles recordam (HALBWACHS, 1990).

Sob o aspecto organizacional, a escola é mantida pela Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina. É organizada e gerida por um diretor, que é eleito pela comunidade escolar a cada quatro anos, mediante a apresentação do Plano de Gestão Escolar (PGE), sendo submetido à escolha com data estipulada pelos órgãos competentes no último ano do quadriênio. O gestor eleito deve seguir o plano de gestão, que tem avaliação anual e pode escolher seus assessores. Deve seguir as orientações, leis, portarias e normativas do órgão em questão e, através deles, o gestor organiza a escola, sempre observando a realidade da comunidade escolar, em conformidade com o Decreto nº 194, de 31 de julho 2019; Diário Oficial – SC nº 21.069 de 1º de agosto de 2019; Portaria N/1434/SED de 06 de agosto de 2019; Diário Oficial – SC nº 21.074 de 8 de agosto de 2019.

Ao observar o cenário atual da escola EEB de Meleiro, e fazendo uso dos materiais dos arquivos denominados “arquivo morto” e nos depósitos improvisados da escola, houve a necessidade de uma organização mais eficaz que facilitasse a busca por informações e estudos pela comunidade escolar e externa da escola.

Neste sentido, o estudo da memória organizacional da EEB de Meleiro se fez necessário, pois não havia uma forma eficiente de busca da documentação. Os arquivos de documentos e documentos soltos, bem como móveis como escrivaninhas, armários, estantes, eletroeletrônicos e outros equipamentos estavam alocados em vários espaços da escola, sem a devida atenção. Eles se encontravam dentro de caixas, em prateleiras, em pacotes ou até mesmo soltos, cheios de poeira e insetos. Além disso, foram encontrados documentos em salas no ginásio de esporte, no depósito de materiais, em arquivos de aço na biblioteca; outros estavam na casinha do poço (local onde ainda existe um poço escavado na terra que abastecia a escola nos primeiros anos de uso. Neste local, foi construída uma cobertura rudimentar para preservar o poço e com algumas prateleiras). Lá estavam muitos equipamentos e instrumentos usados na escola. Também foram encontrados

documentos como livro de atas, registro de alunos, históricos escolares e documentos e processo dos professores aposentados. O denominado “arquivo morto”, com os documentos de alunos datado por ano, contendo todas as informações dos alunos, históricos, matrículas, ficha de matrículas, documentos pessoais, livros, atas e registros de portarias estava em vários lugares.

O memorial da escola é um espaço físico, organizado de forma sistemática que facilita a busca por informações pertinentes e onde as memórias se encontram mantidas e preservadas.

1.2 Questão de pesquisa

Diante do contexto apresentado, busca-se, através desta investigação, observar “De que forma as memórias organizacionais da Escola de Educação Básica de Meleiro podem ser entendidas através de um espaço memorial?”

1.2.1 Objetivos

O objetivo desta pesquisa é estudar as memórias organizacionais da Escola de Educação Básica de Meleiro e lhes dar visibilidade por meio do aprimoramento de um espaço memorial.

Os objetivos específicos são:

- a. Desenvolver arcabouço teórico sobre memória organizacional e sua relação com o contexto da memória escolar.
- b. Estruturar e aplicar pesquisa empírica com a comunidade escolar e a comunidade externa de Meleiro sobre a memória organizacional da EEB de Meleiro.
- c. Aprimorar a exposição permanente Memorial da Escola de Educação Básica de Meleiro por meio do conhecimento sobre memória organizacional adquirido no Mestrado de Memória Social e Bens Culturais.

A seguir a justificativa desta dissertação é apresentada.

1.3 Justificativa

A investigação dos elementos e a organização sistemática do memorial como produto final oferecem à escola subsídios para a pesquisa e estudos de alunos e professores que podem utilizar o local como espaço de pesquisa.

Quanto à viabilidade da pesquisa, existe a disponibilidade de tempo e os recursos necessários que comportam os estudos, as entrevistas e as pesquisas, bem como para a reorganização do memorial em novo espaço físico de uma sala de aula.

A ideia de se criar na escola um local adequado para o memorial já vem sendo pensada há muitos anos. Em 2019, durante a organização do Plano de Gestão, a execução do projeto foi incluída como uma meta de ação. Em 2020, os artefatos, móveis e documentos foram sendo recuperados e posicionados em um ambiente de aprendizagem. A ideia foi tomando corpo e, nos anos seguintes, foram acrescentados objetos, divisórias e recuperação do espaço físico. Depois de admitida e matriculada no Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, foi possível obter melhor entendimento sobre o assunto, com um significativo aumento de conhecimento voltado para a melhoria do memorial. Em função disso, em 17 de novembro de 2022, foi aberto o espaço do memorial pela primeira vez à visitação ao público, durante uma feira multidisciplinar da escola. Os dados existentes na escola não estavam acessíveis de modo que não existia espaço físico para a pesquisa, recuperação e organização e acesso. Assim, o espaço físico onde o memorial está instalado é uma sala com 48m² (quarenta e oito metros quadrados) adequado para o produto final.

A relevância do memorial para a escola é, sobretudo, preservar as memórias da instituição. Sistemáticamente arrumar em local apropriado os móveis, artefatos e documentos desde a criação da escola na esfera estadual e desde o início da educação do município de Meleiro, SC.. Proporcionar aos interessados e pesquisadores um lugar onde se possa adquirir, extrair e aperfeiçoar o conhecimento, na busca de informações sobre a própria escola, documentos de alunos, professores e funcionários da instituição. Além disso, o local se transforma em um ambiente de recordações prazerosas.

O memorial “Minha Escola Tem Memória” constitui-se em um espaço valoroso de pesquisas e estudos. Vale destacar que os dados e os arquivos

organizados e estudados vão além de informações e pesquisas. A criação e manutenção do espaço também serve de exemplo que incentiva outras unidades escolares e instituições a construir seu espaço de memórias. E, finalmente, o memorial “Minha Escola Tem Memória” serve de local de lembranças prazerosas, de atualização das memórias individuais e coletivas para toda a comunidade escolar interna e externa, já que pretende-se mantê-lo aberto à visita de todos os interessados.

O memorial da EEB de Meleiro denominado “Minha Escola Tem Memória” possui importante papel na comunidade escolar, colaborando para a formação geral das pessoas, da comunidade local, da sociedade em geral e do mundo.

2 MEMORIAL

Para apresentar essa trajetória, sugere-se uma busca pelas memórias relembrando momentos pessoais e como elas se deram no decorrer do tempo. É possível revisitar as memórias e recordações nos relatos pessoais.

No relato pessoal sobre lembranças e memórias, serão escritas aquelas que tiveram mais relevância e que contribuíram na formação da pessoa. Existem, nesta trajetória, memórias dolorosas e um tanto tristes, tensas, secretas... Sim, há e muitas, mas aquelas que deram certo e que me levaram a chegar aqui são maiores, mais fortes e mais iluminadas, mesmo que, na minha infância e adolescência, as luzes eram das lamparinas à querosene. E em noites de lua cheia, brincávamos ao relento sob a luz dos vagalumes. Nossa casa situava-se bem próxima à mata, em cima de um morro, onde a vista era esplêndida. Era uma casinha de madeira com fogão à lenha, uma chaminé, um "*lavandin*", uma mesa com bancos cuja madeira foi retirada da mata por meu pai e por ele construída. Em torno da casa, havia uma enorme chácara com plantas frutíferas, paiol para guardar os alimentos para os animais e coberto de palha, estrebaria, galinheiro, chiqueiro e um enorme espaço de terra de chão batido onde, aos domingos, as crianças se reuniam para jogar futebol e outras brincadeiras. A tarefa impecável das crianças, na época, onde não se tinha água encanada, era buscar água na fonte. A água era transportada em balde, colhida direto na fonte em meio à mata, que geralmente era nas grotas, onde a água brotava entre pedras e muitas árvores. Percorrendo entre caminhos e carreiros, passávamos por pinguelas, matas e rios, subindo e descendo morros. Em todos os lugares se viam as crianças com um balde em mãos rumando às nascentes de águas cristalinas. Durante todo o trajeto, ouvia-se o cantarolar dos pássaros e bichos. Vinham com um balde em mãos, as crianças a transportar a água para suas casas. Nas noites de inverno, o frio se fazia presente! Eram noites e dias de muito frio. Para nos aquecer à noite, ao redor do fogão a lenha nos encontrávamos unidos e entre o tilintar dos dentes a tremer, o fogo era aceso e suas chamas nos aqueciam. Por vez ou outra, era preparada pipoca, batata doce ou pinhão, todos cozidos na chapa quente do fogão. Ali, naquele ambiente, crescemos eu e meus outros irmãos. A janta, geralmente, era a tradicional minestra com alface e, por vez ou outra, era acompanhada de carne de porco e seus derivados. A noite adentrava e, entre um cochilo aqui, outro lá, chegava a hora de dormir, mas, antes, sempre se

rezava um terço ou um quarto. Todos rezavam, bem ou mal assim se fazia. Havia noites em que trabalhos também se faziam. Havia noites em que se debulhava o milho para fazer farinha, que era um alimento indispensável; em outras noites, desfiava-se a lã de carneiro para a fabricação de cobertas e cobertores. Em outros dias, era o desfiar da palha de milho para a confecção de colchões. Essa tarefa era feita em dias de chuva, na maioria das vezes. A disciplina era bem visível nessa época. Tinha a época de plantar e de colher. É época de arar a terra e o tempo de esperar. Tudo isso era importante para o sustento da casa e dos animais. O principal alimento do meio-dia, no almoço, era polenta, essa nunca faltava. Sou a oitava filha de uma família de onze irmãos, então, as coisas eram bem movimentadas e era nos trabalhos, principalmente nos dias de chuvas, em que todos ficavam em casa, que as histórias eram contadas. Havia naquele ambiente as memórias de nossos antepassados para se contar. Histórias de fantasmas, lobisomens e outras tantas. Nesses dias, as tarefas eram bem variadas, como colher alimento para os animais, escolher milho nos paióis, desfiar a palha para os colchões, desembaraçar a lã de carneiro para as cobertas, debulhar milho para a farinha da polenta, ou até mesmo brincar nos paióis e varanda, pois éramos crianças. Mesmo assim, cada um de nós tinha uma tarefa a cumprir todos os dias. As minhas tarefas eram tirar o leite das vacas e tratar e cuidar dos animais doentes.

Nesse cuidado com os animais doentes, acabava me apegando e eles se tornavam meus animais de estimação. Tive muitos, dentre eles: uma galinha, um pato, uma vaca, um porco, além dos gatos, cachorros...

Depois de revisitar minhas memórias, ponho-me a olhar alguns autores da região em buscas de embasamento. É hora de pôr no papel o resultado das viagens ao túnel do tempo de minhas lembranças.

2.1 As origens

Nasci em uma família descendente de italianos. Meu bisavô paterno veio da região do Vêneto, província de Rovigo, município de Loreo, Itália. Chegaram a Nova Veneza, Santa Catarina, em 1891. O maior motivo para a vinda dos italianos para o Brasil foi a extrema pobreza que a Itália estava passando. Esses italianos eram agricultores na Itália, o que chamou a atenção dos olheiros, pois o Brasil precisava de mão - de - obra barata e de povoar o sul do país, precisando principalmente de

peessoas para cultivar a terra. Instalado em Nova Belluno, hoje Siderópolis, Santa Catarina. Michelli Crepaldi comprou um lote de terras. Casou-se com Maria Olivo e, após o nascimento do segundo filho, decidiram morar em Morro Grande, onde havia um terreno bom para plantar. Meus pais foram agricultores de subsistência: plantavam o que precisavam para comer, vestir e se manter. Já minha mãe, Ermelinda Marcello Crepaldi (de apelido Melina), de origem ainda em investigação, era filha de Manoel Luiz Marcello e de Maria Francisca da Silva. Sabe-se que seu avô paterno chamava-se Manoel Luiz Gomes. Aqui, vemos um detalhe interessante no sobrenome de meu bisavô materno: seu sobrenome é Gomes, mas registrou o filho com o nome de Manoel Luiz Marcello, suprimindo o Gomes. Vendo que as pessoas que nascem na Espanha carregam o sobrenome das mães e não dos pais, suponho que a origem paterna de minha mãe seja espanhola.

Escrevo aqui um pouco sobre minha mãe: nascida de uma família oriunda de Imbituba, que supostamente morava próxima ao mar, a princípio (de origens indígenas por parte de seu pai e avô paterno), vieram morar em Araranguá. Meu avô, viúvo e com três filhos pequenos, casou-se com Maria Francisca da Silva, vindo firmar moradia em Morro Grande, mais precisamente em Três Barras, na localidade de Pingador, próxima das encostas da Serra Geral e que faz divisa com o Rio Grande do Sul. Ali, fizeram uma casa de madeira entalhada à mão com o topiador (ferramenta em ferro utilizada para cortar a madeira em tábuas). Com recursos próprios, montou uma serraria pica-pau movida à água. Mais tarde, adquiriu um terreno um pouco mais distante da comunidade, onde se chegava apenas com bois e cavalos. Neste lugar, construiu outra casa e transportou a serraria para lá, pois a madeira estava mais perto, e a água também era abundante. Criou ali sua nova família e filhos, entre eles, minha mãe, que acompanhava minha avó materna, Maria Francisca da Silva, quando solicitada, para atender às mulheres em trabalho de parto nas redondezas, ministrando chás com ervas naturais para as enfermidades e os cuidados das parturientes. Seu ofício? Parteira e erveira! Minha mãe não foi parteira, mas adquiriu o conhecimentos sobre as ervas e, depois dos 40 anos de idade, dedicou-se a estudar, fazer e ensinar as propriedades das ervas para muitas enfermidades.

2.1.1 A formação

Minha primeira profissão foi na agricultura junto com meus pais e irmãos, até meus 24 anos. Gostava de ler e fazer esculturas de barro, criar objetos para brincar e, com a volta aos estudos no Ensino Fundamental II, já com 18 anos, comecei a dar aulas em substituição aos professores da escola Dr. Jorge Lacerda, de Nova Roma, como diarista. Com isso, recebia pelo dia trabalhado, o que foi importante, pois no trabalho da casa e da lavoura, tudo era convertido à família e quem ganhava um dinheirinho eram os filhos homens; as mulheres não tinham esse direito. Depois do Ensino Fundamental, cursei magistério no Colégio Cenecista Nicolau Machado de Souza, em Meleiro, e me formei professora das séries iniciais. Em 1988, com a promulgação da Constituição Brasileira e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), começaram os concursos para os servidores públicos; inscrevi-me em um e passei para o cargo de professora. Logo em seguida, fui chamada para trabalhar como atendente num posto de saúde por dois anos, depois, dei continuidade às atividades do magistério, nas quais estou até hoje. Foi uma escolha ser professora? Não. Naquela época, não tinha o que escolher. O que me levou a essa escolha foram as circunstâncias, mais precisamente a falta de dinheiro e a falta de opções de trabalho. Não tínhamos outras opções, pois outros cursos eram nas cidades maiores, onde não tínhamos acesso.

Depois do Ensino Médio, com formação no magistério e que me habilitou a dar aulas para os anos iniciais, cursei o ensino superior: graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Comecei a trabalhar em escola municipal e passei por todos os níveis dentro de uma unidade escolar: desde a creche ao Ensino Médio, isso já há mais de 30 anos. Além de ser professora, fui diretora nas três escolas onde trabalhei, por mais de 16 anos. Trabalho há nove anos na Escola de Educação Básica de Meleiro. Participei do concurso de remoção em 2014, em que alcancei êxito e iniciei os trabalhos na escola em que atuo atualmente, desde fevereiro de 2014. Meu maior intuito com a remoção foi alterar minha carga horária para, posteriormente, me aposentar com 40 horas semanais, o que se daria em 2019. Porém, como nem tudo na vida sai como o planejado, em 2018, quando montei meu processo de aposentadoria, veio junto a surpresa de que me faltavam alguns anos para atingir meu objetivo. Assim, em outubro de 2018, assumi a direção da escola,

resultado da escolha direta dos colegas servidores efetivos, trabalhando por 15 meses. Em 2019, propus o Plano de Gestão Escolar, seguindo a legislação vigente e pelo decreto nº 194, de 31 de julho de 2019, na portaria nº 1434, de seis de agosto de 2019 e no edital nº 1.443, de 07 de agosto de 2019.

Durante todos os anos de vida como professora e gestora de escolas, pude perceber o quão importante são os espaços físicos, os objetos e as pessoas que fazem parte desses ambientes. As trajetórias individuais ou coletivas não estão escritas, estão contidas nos objetos e na mente das pessoas. Os objetos e arquivos documentais podem estar guardados e acondicionados em local inadequado, que impedem o acesso com vistas a estudar e a entender como se deu todo o processo de constituição de um espaço escolar. O documento aberto às pesquisas, às vezes, limita-se ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que, muitas vezes, é esquecido e não é atualizado.

2.1.2 A profissão

Na escola onde trabalho, observo muitos objetos guardados em locais inapropriados para a segurança deles. Em conversas com professores mais antigos da escola, fui percebendo que nesses objetos existem muitas histórias ocultas. E a partir das minhas interrogações sobre o tema, que foram muitas, e minha percepção de que a escola possui muitas histórias, minha proposição foi a de investigar esses objetos. A escola é uma organização pública mantida pelo Governo do Estado, que já possui em sua trajetória muitos profissionais que já se aposentaram. Mas não existe, além do PPP da escola ou nos documentos arquivados, um histórico dos objetos e da própria instituição que sirva como repositório de pesquisa e entendimento para novos alunos e professores que possam embasar uma maior compreensão sobre as memórias ali presentes. Além dos avanços apresentados neste relatório, no futuro se pretende estudar e analisar os dados dos objetos antigos da escola e qual é sua trajetória no tempo, pois cada objeto tem sua própria história (HALBWACHS, 1990).

Como aprendi a trabalhar? Fui me reeducando! Sempre fui observadora e aprendi muito com meus professores e na busca por mais qualificação. Sinto-me feliz com minhas escolhas e agradecida por tudo o que pude realizar por mim, para a escola e pelos meus colegas e alunos. Fazendo uma retrospectiva da minha

trajetória como professora e diretora, sinto-me feliz. Fui agraciada em todos os projetos que propus com êxito. Ainda sou diretora de escola e, somente nesse período, pude concretizar o projeto do memorial, que há muito tempo estava em meus objetivos pessoais e, agora, ele se tornou coletivo e social.

Quem me inspirou: Tive bons professores, que me incentivaram a continuar com os estudos numa época em que as famílias davam prioridade aos filhos homens. Enfrentei muitas dificuldades em todos os sentidos, mas tinha em mente que a única saída eram os estudos. Inspirei-me em pessoas que deram certo profissionalmente e não perdi mais tempo. O tempo para mim sempre foi urgente, já que havia perdido alguns anos na minha adolescência e, quando cheguei à universidade, que era paga, percebi que o tempo era valioso em todos os sentidos; então, dediquei-me ao máximo para não reprovar. Terminei o ensino superior em três anos e, em seguida, prestei concurso público e fui aprovada; depois disso, fiz especialização em História da Arte.

Onde busquei incentivo: Nas pessoas em primeiro lugar; depois, foi com a busca pelos meus antepassados e na busca pelas minhas origens. Esse desejo foi tomando conta de mim. O que mais me incentivou a realizar esse projeto foi a busca pelos que vieram antes de mim, na organização da árvore genealógica de minha família. Foi ali que fui percebendo o quão importante foi a trajetória de cada um deles. Percebi, também, durante essa busca, que as memórias e as lembranças dos meus antepassados estavam sendo esquecidas, estavam se apagando! Nessa busca por mais informação, fui percebendo que os objetos utilizados por eles ou estavam guardados em paióis, em forros, em varandas, ou estavam esquecidas. Outros objetos estavam sendo deteriorados pela ação do tempo. Fiz uma busca por objetos na casa de pessoas que pudessem tê-los, fotos e documentos que pudessem reavivar a memória das pessoas; procurei por meio de entrevistas com membros mais velhas da própria família e também com amigos que, de certa forma, tiveram contato com meus antepassados. Conseguimos reunir uma boa quantidade de objetos, fotografias e documentos. E, junto com meu irmão mais velho, José Crepaldi e seu filho (meu sobrinho), José Victor Crepaldi, conseguimos reunir todas as informações possíveis em um livro intitulado “Trentasei Giorni di Michele Crepaldi”, que foi publicado em 16 de dezembro de 2014, na cidade de Nova Belluno (Siderópolis, Santa Catarina).

2.1.3 A carreira

Adoro cultivar a terra, plantar e colher, sou colona, sou da roça de nascimento, colona do pé rachado. Essa foi minha primeira profissão e me orgulho muito disso. Vejo estranheza nas pessoas quando afirmo que gosto da agricultura, que gosto de plantar, de colher. Sempre digo que, se tivesse terras para cultivar, não seria outra coisa a não ser agricultora. Isso tem muito a ver com a educação que recebi de meus pais, que eram agricultores de subsistência. Acredito que a profissão de professor não veio por acaso, continuo acreditando que tudo na vida não acontece por acaso, tudo tem uma razão de ser. Ensinar uma criança, dar aulas, organizar o espaço físico de uma escola e pedagogicamente também é cultivar, é plantar nelas a inspiração, o querer, o saber e a vontade de ir além. Nem sempre todos os alunos internalizam aquilo que nos propomos a ensinar. Afinal, o que mais interessa é apontar caminhos possíveis de serem trilhados e que os levem para uma vida melhor e mais digna. Mesmo para aqueles que são varredores de ruas, catadores de lixo, faxineiras, empregados, médicos e tantas outras profissões, mas que em tudo que possam vir a ser que seja feito com orgulho, alegria e determinação. Todas as profissões são importantes, todas são essenciais, e nenhuma é menos digna que outra.

Estou na reta final para a aposentadoria. Mas, antes, quero terminar o mestrado, acessar a titulação no plano de carreira e, somente depois, me aposentar das atividades de professora. Estando com tudo isso terminado, pretendo viajar e conhecer outras culturas, adquirir outros conhecimentos. Dentro dos meus objetivos futuros, está a criação de um roteiro de memórias e identidades da minha cidade, Morro Grande. Criar o memorial do agricultor e dos primeiros moradores de Morro Grande, com suas histórias, memórias e culturas e incentivar a criação de um monumento em homenagem aos primeiros moradores da cidade. Organizar de forma sistemática as receitas com ervas naturais da minha mãe, em forma de livro. Bem, a vida tem muitas lacunas, quem sabe em uma delas me encaixo novamente e sigo construindo e vivendo, contribuindo como cidadã na evolução da cidade e desse povo no lugar onde vivo.

Segundo Candau, “a lembrança da experiência individual resulta, assim, de um processo de ‘seleção mnemônica e simbólica’ de certos fatos reais ou imaginários - qualificados de acontecimentos” (CANDAU, 2012, p.98). Com esse

pensamento, é possível que a família seja o centro das memórias primeiras, partindo de memórias individuais para as coletivas e das coletivas para as memórias sociais. A família é o ponto de partida das memórias coletivas e sociais. Seja uma grande ou pequena família, é ali, no seio dela que as memórias surgem, e elas são, na maioria, memórias coletivas que são exteriorizadas e compartilhadas entre si e entre seus grupos familiares. Nesse movimento entre grupos, também se observam as memórias sociais entre eles. Quantas memórias e lembranças estão se perdendo no tempo por não sermos incentivados a escrever, ouvir e relatar nossas próprias memórias e lembranças.

Desde minha chegada à EEB de Meleiro, em 2014, tenho observado que existem muitos objetos guardados, como móveis, eletroeletrônicos, documentos, fotografias. Eles estavam em locais variados na escola, largados, sem que lhes fosse atribuída a menor importância. Pareciam esquecidos, em locais inapropriados para a segurança deles. Com o tempo, ouvindo de professores e funcionários mais antigos da escola, fui percebendo que esses objetos guardam muitas histórias que precisavam ser contadas. Quando, em 2015, fui designada à função de secretária da escola, comecei a buscar e recuperar mesas antigas e colocar nos ambientes da secretaria para serem utilizados novamente. Eram muitos móveis antigos! Nesse movimento de recuperar os móveis, observei também muitos documentos em locais também não apropriados para a guarda deles. A partir dessas descobertas, fui buscando compreender mais sobre o assunto e resgatar tudo o que fosse possível. Dessa forma, as histórias começaram a ser contadas. Com minhas interrogações sobre o tema e minha percepção sobre a história que a escola possui, vislumbrei a oportunidade da criação de um espaço que pudesse abrigar todos os objetos, documentos, fotos e histórias. Surgiu a proposição de investigar esses objetos, móveis e documentos arquivados, espalhados pelo espaço escolar sem a devida atenção e cuidado com a preservação e sem uma escrita que identificasse a sua história e o que significava para a escola. Esses artefatos contam histórias, carregam uma história, uma mensagem, mesmo que nada tenha sido escrito. Essa mensagem, essa fala ou história, passou a ser ouvida nos corredores por alguns professores e funcionários. E também começaram a vir à escola professores já aposentados para matar suas saudades e rever amigos. Com eles, vieram algumas histórias muito interessantes do seu tempo de atuação! Pude observar o relato delas ao mostrar alguns objetos. Com isso, os relatos começaram a surgir, como:

“Que saudades tenho desta escola, aqui passei muitos anos de minha vida, fiz amigos, sinto saudades”. “Tenho sempre em minha memórias os alunos, os objetos. Trabalhei na época em que Dona Terezinha era diretora, a Dona Alvina, via ela sempre na cozinha fazendo a merenda. A Lúcia na secretaria”. Ou: “Na minha época, plantamos uma figueira aqui, ela não está mais ali! Por quê?” Tais objetos são como gatilhos para reavivar e recordar memórias e lembranças esquecidas sobre a história da escola e dos seus antepassados.

A EEB de Meleiro é uma organização institucional pública mantida pelo governo do estado, que possui em sua trajetória muitos profissionais formados que passaram por ela. Mas não existe, além do PPP e nos documentos arquivados, um histórico dos objetos e da trajetória da instituição que sirva como repositório de pesquisa e aprendizagem para os novos alunos e professores e que possam embasar uma maior compreensão sobre as memórias ali presentes. Com a criação e inauguração do memorial, organizado em espaço específico, há oportunidade de estudos, pesquisas e aprofundamentos. Neste espaço, tem-se possibilidades de estudos e análise de dados dos objetos antigos da escola e qual sua trajetória através do tempo, pois cada objeto tem sua própria história (HALBWACHS, 1990).

A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confundem com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal (HALBWACHS, 1990, p. 53-54).

No seio da família, encontramos espaços de memórias individuais, coletivas e sociais, memórias que podem permanecer ou ultrapassar os muros desse círculo quando alguém pertencente a outros grupos possa evocar. O grupo familiar é um espaço de cultura e de memória, onde é percebida a existência de memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, 1990). Quando um membro da família traz consigo a sua cultura e sua história familiar para a escola e encontra as lembranças dos colegas e amigos, fica evidente a existência de outras memórias que podem se classificar como coletivas, produzindo memórias sociais coletivas. Quando o professor faz analogia daquilo que o aluno traz consigo e divide esse saber com a turma, pode ser uma evidência de que a memória coletiva começa a se fazer presente.

Enquanto a fama se orienta para o futuro e para as gerações vindouras, que devem conservar um acontecimento declarado inesquecível, a memória se orienta para o passado e avança passado adentro por entre o véu do esquecimento. Ela segue rastros soterrados e esquecidos, e reconstrói provas significativas para a atualidade (ASSMANN, 2011, p. 53).

Um dos desafios desta dissertação foi escrever sobre a trajetória da minha vida. Para isso, deleitei-me nas memórias do passado que forneceram as lembranças cheias de significados, nostalgias e um pouco de melancolia. Por muitas vezes, achamos que não temos histórias para contar, mas, depois desta escrita, vejo totalmente o contrário do primeiro pensamento. Muitas vezes, temos medo de escrever deixando vestígios de alguns acontecimentos. Superada essa etapa e seguindo em frente, fizemos o que foi possível para que as futuras gerações tenham acesso a histórias como aconteceram. A memória segue e deixa rastros soterrados e esquecidos, e reconstrói provas significativas para a atualidade. Escrever sobre nossas lembranças é seguir e deixar rastros (ASSMANN, 2011, p. 53). As informações e descrições realizadas aqui foram perpassadas por uma visão pessoal da trajetória de vida, que se deram por rememoração de fatos e acontecimentos da vida familiar no decorrer do tempo.

Chartier (1991) diz que toda a reflexão está enraizada em uma prática histórica particular e dentro de um trabalho específico que sempre recordamos, separamos e analisamos o que mais nos chama a atenção, aquilo que nos dá sentido. Sem deixar de lado depoimentos e percepções, mas buscar dentro dos dados coletados e do referencial teórico algo que faça sentido, algo que procure explicar esta “tribo”. Assim, encontrar memórias e lembranças mais significativas nos faz pensar em quantas outras que ainda teremos se os esforços para as rememorações forem exercidos e buscados por outros membros da família. Olhar para dentro de si mesmo, revisitar os cantos mais íntimos da memória nos faz ver o quanto a lembrança é importante e, mesmo que algumas lacunas da memória sejam esquecidas ou sejam obscuras, tudo está ali; o que vem à tona e é evocado é aquilo que for possível relatar sem mencionar todos os envolvidos. No exercício da rememoração e na escrita, temos a livre escolha do que queremos passar adiante.

2.2 Contexto: escola de educação básica de meleiro

A Escola de Educação Básica de Meleiro (EEB de Meleiro) tem muita

representatividade na comunidade e no município, pois foi com ela que aconteceu o início e a continuidade da educação formal no município, no ano de 1920. A primeira escola, ou as primeiras aulas ministradas por uma professora às crianças dos primeiros moradores de Meleiro se deram dentro da estrutura física da primeira igreja católica, construída em madeira em 1920, tendo como primeira professora a senhora Maria Inês Tonelli Nápole e era mantida pela prefeitura. Já a segunda escola de Meleiro foi construída em madeira no ano de 1925, para fins exclusivamente educacionais e denominada Escola Pública de Meleiro, com uma sala de aula tendo como segunda professora Leobertina Fernandes de Souza.

Decorridos mais de 20 anos da iniciação da educação escolar, novamente a comunidade viu a necessidade de ampliação do espaço físico do ambiente e os moradores foram em busca de um terreno maior, onde pudessem construir uma nova estrutura com mais salas de aula. Encontraram um terreno ideal, com 16.095 metros quadrados, que foi doado por Manoel Bartolomeu Rocha e Luiz de Pelegrini. Em 1942, foi construída a terceira escola, em alvenaria, com três salas de aula e uma secretaria. A nova escola municipal ficou denominada de E.E.R.R Escolas Reunidas Professora Virgínia Borges Coral e está em atividade até os dias de hoje, sofrendo modificações em sua nomenclatura e ampliações em sua estrutura física. A estrutura física inicial ainda existe, sendo usada para abrigar a biblioteca da escola e o memorial que foi organizado e inaugurado em 18 de novembro de 2023. Nessa mesma estrutura e endereço, a escola vem tendo funcionalidade desde 1942, sendo mantida pelo poder municipal até 1949. A estrutura física da escola, desde o início da sua construção, com as três salas de aulas, tem 80 anos de edificação. A unidade escolar, como instituição estadual com registro, deu-se em 1950 sob o Decreto nº 809 de 17 de setembro de 1950 e publicado no Diário Oficial em 5 de outubro de 1950.

O memorial da EEB de Meleiro, no início de sua organização, encontrava-se em uma sala adaptada para guardar os equipamentos, objetos e móveis da escola, que foram sendo recuperados e guardados naquele espaço até o ano de 2022. Não havia ali organização adequada dos equipamentos, era mais um lugar para guardar o acervo.

A partir de estudos obtidos nas aulas do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, pensou-se em uma organização mais adequada. No primeiro momento, foi realizada uma lista dos equipamentos, o inventário do memorial. Com

essa atividade, percebeu-se a importância que cada item para a escola. Foram surgindo muitas histórias e relatos de professores e funcionários da unidade de ensino.

No primeiro inventário realizado, foram registrados os seguintes itens:

Quadro 1 - Lista dos equipamentos

- uma mesa em fórmica, de madeira e pintada em azul e sustentação de ferro;
- um armário com duas portas em madeira maciça com vidros na parte superior das portas;
- um armário com duas porta em material compensado;
- um armário tipo vitrine de madeira compensada;
- um rádio à pilha;
- um relógio de parede com pêndulo à pilha;
- um armário tipo vitrine de material compensado e vidro;
- uma estante de madeira com cinco divisórias;
- três quadros de vidro com documentos da escola;
- duas mesas de madeira com duas gavetas;
- um armário em madeira com três divisórias, usada para a guarda de remédios - denominada pelos usuários iniciais como a “farmacinha”;
- uma estante em madeira com três divisórias para biblioteca;
- duas carteiras (bancos) em madeira (mesa e banco) para dois alunos;
- um armário com forma triangular para a guarda de bandeiras;
- um quadro de giz;
- um *banner* com dez folhas - material ilustrativo sobre o segundo reinado;
- um jogo de carimbos de madeira com 18 peças, com mapas do Brasil;
- um jogo de carimbos com quatro peças (com os dizeres: fraco, regular, parabéns, estude mais);
- um jogo de carimbo da turma da Mônica com seis peças;
- um jogo de carimbos com seis peças, com figuras variadas;
- um jogo de carimbo com quatro peças, com desenho de animais;
- um jogo de carimbos com três peças, com motivos de paisagem;
- um jogo de carimbos, com motivos variados, com 14 peças;
- um dicionário;
- uma Bíblia;
- uma coleção com 13 livros da Enciclopédia Barsa;
- uma Coleção Brasileira Globo com dez livros;
- seis livros da coleção Barsa FNDE/MEC;
- uma enciclopédia para o Ensino Fundamental (secundários) 5ª série do 1º Grau e 2º Grau, com quatro peças;
- uma coleção com dois livros formas Enciclopédia de Cultura Geral;

- uma coleção com quatro livros de clássicos modernos, de Richard Llewellyn;
- uma coleção com três livros: Biblioteca da Natureza;
- uma coleção com três livros: Biblioteca Científica;
- um livro de biologia - Tomo 2;
- nove lembranças de participação em feiras;
- 15 lembranças de participação em jogos escolares;
- uma medalha de honra ao mérito;
- 60 lembranças de participação em eventos esportivos;
- 25 lembranças de participação em eventos de dança;
- quatro crucifixos em madeira;
- um crucifixo em metal;
- um quadro bordado em ponto cruz com o nome da escola;
- um balcão em madeira;
- uma máquina de escrever (Olivetti);
- um rebobinador de fita K7 (Diplomat);
- uma impressora multifuncional (Samsung);
- um telefone fax (Sharp);
- um aparelho para CD (LB);
- um aparelho para CD (Samsung);
- um retro projetor (Benq);
- um aparelho para vídeo (Semp);
- um aparelho para videokê (Raf Eletronic);
- três mimeógrafos;
- uma mesa de metal e fórmica;
- 12 lembranças de participação no festival de poemas;
- uma enceradeira elétrica (Smart);
- uma bíblia sagrada (religião católica);
- um quadro verde de giz;
- uma enciclopédia com 17 unidades (Delta Larousse);
- cinco volumes de Imortais da Literatura Universal: Tolstói, Daniel Defoe, Eça de Queirós, Choderlas de Lachões;
- cinco exemplares coleção Biblioteca da Matemática Moderna;
- uma coleção com dez exemplares: Grande Dicionário Enciclopédia Brasileira Ilustrada;
- uma Enciclopédia Juvenil, com 14 volumes;
- um volume da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros;
- um volume da coleção As Maravilhas do Mundo e;
- um volume da obra Atlas da Fauna Brasileira.

Fonte: Desenvolvido pela autora, 2023.

São esses os objetos, artefatos e documentos presentes no memorial

durante a Primeira Mostra que foi realizada e aberta à visitação durante uma feira e mostra de trabalho da EEB de Meleiro em 17 de novembro de 2022. O memorial teve sua primeira mostra aberta à visitação durante o evento realizado pela escola. Na primeira mostra, teve-se a visita de 180 pessoas e alunos de escolas vizinhas.

Para este ano, o memorial “Minha Escola Tem Memória” ganhou um novo espaço físico: uma sala que foi construída em 1942 e que foi adaptada para abrigar o memorial. Nesse novo espaço, foram acrescentados novos artefatos e documentos. O memorial passou a abrigar o acervo intitulado de Arquivo Morto, onde está toda a documentação da escola desde sua fundação. O antigo Arquivo Morto foi rebatizado de Arquivo Vivo, recebendo, inclusive, uma plaquinha com o nome **Arquivo Vivo**.

Figura 1 - Fotografia do arquivo morto rebatizado como Arquivo Vivo.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

A sala atual do memorial conta com 48 metros quadrados. Suas paredes foram construídas de tijolos maciços e argamassa de barro batido; suas portas, janelas, assoalho e forro são originais; também foi revitalizado o quadro de giz feito direto na parede. Os documentos denominados “arquivo vivo” da escola fazem parte do memorial, contendo três armários em metal galvanizado, com 16 compartimentos cada um, somando um total de 48 gavetas que guardam os arquivos, fichas, históricos dos alunos desde a fundação da escola. Também foram reformados para agregar o acervo do memorial dois armários em madeira maciça, com duas portas e vidro na parte superior, um balcão de madeira com três portas, um quadro de giz de

madeira em eucatex, prateleiras em madeira para a guarda de documentos, aquisição de caixas organizadoras para documentos, instalação de divisórias, pintura e reparo no assoalho de tacos, reforma de mais uma escrivaninha restrita. Todos esses artefatos reunidos e organizados constituem a memória da escola.

Com mais de 100 anos de história na educação do município, a Escola de Educação Básica de Meleiro criou sua memória escolar, sendo parte importante da memória social e histórica de Meleiro.

Ainda no sentido de evidenciar a trajetória da educação do município de Meleiro e com ênfase na Escola de Educação Básica de Meleiro, seguem algumas fotografias que contribuíram para esse processo.

Figura 2 – Primeira Igreja Católica, onde se iniciou a educação escolar em Meleiro.



Fonte: Mattos, 1980/1981.

A figura 2 retrata a paisagem local típica da década de 1920, onde havia mais pastagens para o gado e terras para o plantio. Ao lado direito da foto está a primeira igreja católica construída pelos moradores; ao lado esquerdo, está a casa do primeiro morador da praça de Meleiro, Antônio Rosso. Neste local, atualmente está localizada a igreja matriz Nossa Senhora da Glória, sede da Paróquia de Meleiro e o Hospital São Judas Tadeu.

Figura 3 – Segunda Escola de Meleiro, construída em 1925.



Fonte: Mattos, 1980/1981.

Nessa figura 3, temos a imagem da estrutura física da escola construída em madeira pelos moradores. Sua localização era na praça da matriz, bem próxima à igreja católica, onde hoje se encontra o salão paroquial. Foi inaugurada em 16 de fevereiro de 1931. Algumas pessoas presentes no dia da inauguração: Antonio Crippa, Luis Scandola, Francisco Canela, Leônidas Nápoli, Luiz Nápoli, Rodolfo Manfredini, Joanin Bordignon, Afonso Manfredini, José Mezzari, Dr. Carlos Gorini, Juvenal Ostetto, Francisco Manfredini (MATTOS, 1980/1981).

Figura 4 - Desenho a lápis grafite baseado numa fotografia da figura 2.



Fonte: Gabrieli Salvalaio Figueredo, 2023.

A fotografia que mostra a primeira escola do município inaugurada em 1931 foi reproduzida pela artista morrograndense Gabrieli Salvalaio Figueredo usando-se a técnica do grafite e se encontra exposta no Memorial da escola.

Figura 5 – Terceira escola de Meleiro, construída em 1942. Localizada na Rua Sete de Setembro, nº 600, Centro de Meleiro – SC.



Fonte: Mattos, 1980-1981.

Na figura 5, vemos a terceira escola construída para fins exclusivamente educacionais, em alvenaria, com três salas de aula e um espaço para secretaria. A primeira professora da rede estadual foi Virgínia Borges Coral e, depois, foi Teresa Manfredini Acordi. A parte da escola onde tem os portais ovais foi demolida em

1974, porém, as salas de aulas continuam e hoje abrigam a biblioteca.

Figura 6 – Desenho a lápis grafite baseado na fotografia da figura 5.



Fonte: Gabrieli Salvalaio Figueredo, 2023

A figura 6 apresenta um desenho feito à mão com lápis grafite a partir da fotografia da figura 5. A artista morrograndense Gabrieli Salvalaio Figueiredo reproduziu a edificação construída em 1942 e que atualmente abriga a biblioteca e o espaço do memorial escolar.

Figura 7 – Fachada da Escola, 2022.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Na Figura 7 vê-se a fachada e a entrada principal da escola.

Figura 8 – Pátio interno da escola, 2022.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Nessa imagem (Figura 8), observa-se o jardim interno à frente da escola.

Após a contextualização do espaço que serve de ponto de partida para a constituição do memorial da escola, busca-se o pensamento de especialistas que fornecem o aporte teórico para a legitimação científica desta pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, apresenta-se o embasamento teórico para esta dissertação, que aborda o pensamento de autores sobre memória social e memória organizacional.

3.1 Memória social

A memória social, de acordo com Halbwachs (1990), é adquirida em sociedade; sendo assim, é por meio dela que as pessoas se recordam, relatam e identificam suas memórias. Para Halbwachs (1990), a memória social é construída coletivamente, não sendo entendida como um fenômeno individual ou solitário.

Os costumes e rotinas diárias ganham significado através dos momentos vividos ao longo da vida, que são armazenados na memória. Segundo Graebin (2013, p.4), “é a memória que nos permite estabelecer relação entre as vivências presentes e as anteriores, religar dois instantes um ao outro”; por isso, a relação que cada um tem com os diferentes grupos sociais vai enriquecendo a memória coletiva.

A memória social é sempre coletiva (HALBWACHS, 1990) e também se dá nas esferas de uma instituição (THIESEN, 2013), quando os grupos interagem. Isso ocorre porque, segundo Halbwachs (1990, p.26), nunca estamos sós, estamos sempre acompanhados pelas nossas lembranças, são companhias onde quer que estejamos. Schmidt e Mahfoud (1993) entendem que, quando as pessoas lembram, elas sempre se referem a grupos do qual elas fizeram parte no passado, visto que a construção da memória ocorre por meio dele.

Há um grupo de memórias que não são fáceis de evocar porque se encontram na fronteira entre diferentes elos do pensamento coletivo. Além disso, mesmo a memória permanecendo individual, quando ela se movimenta, ou seja, quando é evocada, tem dois caminhos: ou ela é esquecida ou é compartilhada no grupo (HALBWACHS, 1990).

Além disso, a escrita é apresentada como suporte da memória (ASSMANN 2011, p.4). Segundo a autora, a memória, porém, não precisa estar vinculada à escrita, porque a escrita é um resultado de rememorações, sendo que as imagens também são meios de armazenamento (ASSMANN, 2011, p.4).

São considerados espaços de memórias os locais que são frequentados por um número considerável de pessoas que buscam aliar conforto, alento e/ou

distrações, podendo ser uma igreja ou um ambiente de reuniões. Nesses espaços, existem as lembranças salutares e outras nem tanto; contudo, são espaços nos quais se pode acrescentar e reviver suas próprias recordações. Nesse sentido, a escola pode vir a representar um espaço de memória (ASSMANN, 2011, p.4).

“Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Quando o autor afirma isso, significa que é por meio da união de indivíduos que a memória coletiva pode se manifestar. Isso pode se dar através de objetos que compartilham a mesma história. É ali que ela se revela. Por exemplo, ao compartilhar o mesmo objeto dentro de uma instituição, professores e alunos socializam suas experiências.

É importante continuar caminhando lado a lado com as memórias, para poder acessá-las coletivamente e, assim, reviver as experiências relacionadas às interações sociais como, por exemplo, os preceitos educacionais da instituição, os quais podem se encontrar nas pessoas, nos artefatos e objetos. (HALBWACHS, 1990). Sendo assim, a memória social é construída no convívio de grupos e na interação coletiva que se estabelece entre os membros de instituições, pois, assim, busca-se o seu bom funcionamento (HALBWACHS, 1990).

“O indivíduo é sempre o que permite que ele seja”, escreve Febvre, “tanto sua época quanto seu meio social” (FEBVRE, 1938, p.34). As relações entre pensamentos, comportamentos e gostos são moldadas pelas memórias e é nelas que se encontram possibilidades para novas circunstâncias, em que o passado pode ser revivido. A compreensão entre um indivíduo ou um grupo pode diferir em todos os sentidos, na sua percepção das relações, seja criando ou recriando memórias viáveis, a partir da geração constante de novos significados, tanto para os indivíduos quanto para a coletividade.

Halbwachs afirma que as memórias são coletivas porque são recordadas por outras pessoas que vivenciaram ou não experiências semelhantes às nossas, que vimos ou ouvimos. Isso ocorre porque, na verdade, nunca estamos sozinhos. Não é necessário, porém, que os outros estejam presentes ou que se diferenciem fisicamente de nós: temos constantemente em nós uma série de pessoas que não se misturam (HALBWACHS, 1990, p.26), mostrando que as memórias sofrem influência das relações sociais.

Ao visitar lugares que outros já exploraram ou visitaram e compartilharam conosco, recorda-se deles no pensamento, mesmo que não estejam lá

(HALBWACHS, 1990). Em momento solitário, as palavras e imagens são constantemente revividas em minha mente. A todo instante, em todos os lugares, não posso dizer que estava sozinho, que refletia sozinho, já que, em pensamento, eu me deslocava de um tal grupo para outro (HALBWACHS, 1990, p.27). Sendo assim, a recordação compartilhada é construída nos grupos, e é nesses grupos e no relacionamento com o outro que ela se torna evidente.

Halbwachs (1990) nos propõe a reflexão sobre as imagens do instante atual que nos remete à construção de memórias difusas e vagas do passado, sendo aquelas que necessitamos de outras pessoas para preencher algumas lacunas de memórias. Desse modo, a memória é vista não como uma tábua rasa, absoluta, ela está em constante reconstrução. Ao escutarmos as histórias de outras pessoas, seja de um amigo de infância, um parente, a memória é atualizada pela interação. Tanto em mim quanto no outro, as lacunas ausentes se complementam, pois vemos o outro como um reflexo (HALBWACHS, 1990).

Segundo Halbwachs (1990), nossas memórias mais significativas são apenas ecos quando evocadas, sem que percebamos isso. Quando compartilhadas com o grupo, essas memórias, que antes eram consideradas individuais, tornam-se coletivas. Seus desejos ou sentimentos inspirados pelo grupo são memórias sociais, que, afinadas com aqueles que nos cercam e vibrando em uníssono, são tão verdadeiras que não saberíamos quem é o autor, que geralmente não somos nós (HALBWACHS, 1990, p.47)

Para que nossa memória seja aprimorada, é necessário que as lembranças do grupo ao qual pertencemos estejam relacionadas aos eventos que compõem a nossa trajetória. Cada um de nós é um ser único, porém, com algumas memórias semelhantes, sendo que pertencemos a vários grupos diferentes, muitas vezes desiguais. Em escolas, por exemplo, existem grupos maiores compostos por turmas e grupos de professores que se afinam, mas todos pertencem ao mesmo núcleo comum, que é a escola. Cada grupo possui suas características distintas, sejam coletivas ou individuais, mesmo sendo membro de um grupo maior (HALBWACHS, 1990).

A memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo, que vai sendo atualizada enquanto memória viva e latente. Ela não se modifica, mas associa e restaura as lacunas do esquecimento. Recupera aquilo que está vivo na consciência do grupo que a mantém, aquilo que faz sentido, verdadeiro e original. Não se

estagna e se mantém nos limites do grupo, pois só faz sentido para aqueles que vivenciam o seu passado, o que faz sentido é assimilado e atualizado (HALBWACHS, 1990, p. 82).

Na memória coletiva, não há uma linha clara que delimite o passado do presente, apenas limites incertos e irregulares, o que se constitui em dois períodos históricos vizinhos. Se o grupo se desfaz, a história que ele guarda também desaparece, pois é o grupo seu protetor. A lembrança de uma sociedade se estende até onde pode, ou seja, até onde alcança a memória dos grupos que a compõem. Pode-se concluir que uma memória só sobrevive enquanto o grupo se mantém, ou seja, se o grupo desaparecer, a razão pela qual ele existia já não se justifica, pois a memória só se mantém enquanto o grupo permanece ativo. É relevante destacar que a memória de uma sociedade se dissipa gradualmente pelas extremidades que delimitam seus limites. À medida que seus membros se isolam em suas memórias individuais, elas tendem a desaparecer, mas, ainda assim, não param de se transformar. É difícil saber em que momento uma lembrança coletiva desaparece (HALBWACHS, 1990, p. 84).

Uma organização é moldada pelos hábitos da sua população e da comunidade em geral; sua trajetória se entrelaça com a história do local, do bairro ou do município. Os membros daquele grupo, seus proprietários, gestores e colaboradores trazem consigo suas próprias lembranças. Tendo a instituição um acervo com objetos, documentos ou fotografias, é possível, através delas, reconstruir a memória, preenchendo as lacunas por meio desses itens. Eles servem como estímulos para a recuperação dos lapsos de memória. Toda pessoa que visita o local pode se beneficiar desse processo. Para evocar seu próprio passado, um indivíduo, muitas vezes, precisa recorrer às memórias de outras pessoas (HALBWACHS, 1990, p.53-54).

Uma vez que temos também e em conjunto com nossas lembranças o esquecimento, é necessário que, em algum momento de nossa trajetória, ao buscar ajuda das outras pessoas, possamos evocar lembranças dissipadas e reconstruir a memória. Logo, é relevante ponderar que nunca estamos isolados (HALBWACHS, 1990, p.26), necessitando da presença de outras pessoas que percorrem o caminho ao nosso lado e nos entendem, pois as recordações que permanecem em mim também permanecem nele, mesmo que nunca tenhamos nos encontrado.

3.2 Memória organizacional

A organização ou instituição social pode sustentar suas lembranças por meio da Memória Organizacional (MO), que permite salvaguardar e aproveitar seus aprendizados e informações sobre acertos e falhas do passado, ou seja, proporciona o aumento no controle da organização, pela cooperação e aprimoramento da gestão. Nesse sentido, considera-se que a MO corresponde a um acervo de investigações que se organiza e se constitui em instrumento de guarda do conhecimento. A organização contribui para o estudo por meio de saberes e culturas passadas, além de oferecer sustentação aos meios decisórios (MENEZES, 2006, p.32).

A valorização da MO pode fornecer uma ordenação e melhoria do entendimento das informações e das lições assimiladas na execução das funções da ordem e das informações guardadas, seja na memória individual ou coletiva da equipe. De acordo com Miranda (2008, p. 23): o conhecimento, como ativo principal de uma organização, deve ser motivo de preocupação, razão pela qual deve existir uma facilidade de armazenamento do conhecimento organizacional consensual e integrado.

Segundo Tavares e Castilho Jr. (2018), o acervo de conhecimentos e de informações constituem elementos importantes para a memória organizacional, pois embasam e suportam suas atividades e seus processos decisórios.

Para Walsh e Ungson (1991), a existência de uma organização não está ligada a características distintas, mas é fundamental destacar que a criação de informações se dá durante o processo de solução de problemas e na tomada de decisões. Para que uma instituição possa tomar decisões assertivas, é necessário que ela tenha uma memória organizacional forte, construída a partir da história que é transmitida de pessoa para pessoa, contendo elementos que formam os conceitos da MO que são os elementos e as estruturas de retenção da informação e sua recuperação.

Para Walsh e Ungson (1991), esse conceito implica em três imperativos para consideração da MO:

- 1) aquisição da informação: conhecer os processos nos quais a informação é adquirida, armazenada e recuperada;
- 2) retenção da informação: especificar completamente a estrutura de

retenção, ou seja, o local da memória organizacional;

3) recuperação da informação: avaliar quais são as vias que fazem uso da memória e que impactam nos resultados de desempenho da organização, para, posteriormente, recuperá-la.

Quadro 2 – Relação entre conceito dos imperativos da memória e aplicação no contexto escolar.

Imperativo da Memória Organizacional	Conceito	Aplicação no Contexto Escolar
Aquisição	Refere-se à aquisição de conhecimento, em que novos significados das informações são absorvidos e incorporados pela memória organizacional, o que envolve a identificação das fontes mais expressivas e a seleção dos registros mais significativos.	Segundo os autores Walsh e Ungson (1991), para que uma organização, no caso em tela, a escola, obtenha informações e realize tomadas de decisão adequadas, é necessário que a escola seja estruturada, capaz de oferecer informações para as tomadas de decisões e atitudes assertivas para o processo de ensino e aprendizagens. Para que isso aconteça, será necessário que a instituição educacional tenha, em seu acervo, dados capazes de dar suporte à pesquisa e ao aprendizado. É comum recorrer aos relatos das pessoas mais velhas e experientes que já passaram pela escola e deixaram seu legado a fim de preencher as lacunas falhas.
Retenção	O processo de armazenar e manter as informações adquiridas refere-se à retenção dos processos da mente organizacional ao longo do tempo. Isso envolve o processo de organização, classificação e catalogação das informações obtidas de forma disponível e duradoura.	Para a adoção de decisões assertivas, é fundamental que a instituição tenha uma memória organizacional forte (WALSH; UNGSON, 1991) construída a partir da história que é transmitida de pessoa para pessoa. Abrangendo elementos, documentos de experimentos, de atividades de alunos e professores, pesquisas, projetos bem como avaliações de desempenho que formam os conceitos da MO que são os elementos e as estruturas de retenção da informação e sua recuperação. Isso permite que a escola guarde o conhecimento adquirido ao longo dos anos e possa consultá-lo quando necessário.
Recuperação	A habilidade de acessar e recuperar as informações armazenadas na memória organizacional refere-se à recuperação dessas informações na busca quando necessário. Para que uma informação seja eficaz e eficiente, é necessário que a instituição tenha um método eficiente de busca que seja	A busca mais específica pode ser facilitada através do desenvolvimento de um método de busca rápida. É possível recuperar a memória organizacional utilizando informações presentes nos bancos de dados digitais, catálogos, materiais didáticos e arquivos organizados por tópicos. Com isso, os professores, administradores e equipes pedagógicas encontram as informações e referências necessárias para planejar seus projetos e suas aulas a fim de promover uma

	veloz e relevante a ponto de serem buscadas sempre que necessário.	educação de qualidade baseados nos acontecimentos pretéritos e nos arquivos guardados.
--	--	--

Fonte: Desenvolvido pela autora, 2023.

A busca por conhecimento é proveniente de diversos locais, tanto internos quanto externos. No ambiente interno, nos repositórios de informações (que incluem indivíduos, funcionários, donos, cultura, transformações, estruturas e ecologia), é onde se encontra o conhecimento. A informação é assimilada por todos, mas é dividida em várias instalações, incorporada e adicionada à memória organizacional (WALSH; UNGSON, 1991).

A memória retida é constituída pelas experiências e conhecimentos a partir de suas próprias vivências diretas. Dessa maneira, os indivíduos armazenam a MO em sua própria capacidade de lembrar e articular experiências e suas relações mentais e que eles utilizam para oportunizar o processamento das informações. (WALSH; UNGSON, 1991). Sendo assim, é na tradição que os problemas tomam formas, são percebidos, pensados, sentidos e transmitidos a seus membros.

Entretanto, a estrutura organizacional influencia no comportamento dos indivíduos e na relação com o ambiente. Dessa forma, os papéis exercidos pelos indivíduos tornam-se a ligação entre as memórias individuais e a MO, tornando-se uma base de dados na qual o conhecimento é armazenado (WALSH; UNGSON, 1991). O ambiente auxilia para desenhar e legitimar as normas e atitudes na organização. Dessa maneira, as experiências interpessoais dos indivíduos são afetadas pelo desenho físico da organização. Outro tema relevante são as fontes externas que auxiliam na busca por outras informações. Se a memória das pessoas não der conta, é possível recorrer a fontes externas, como outras pessoas, historiadores, livros, jornais, associações e mídias. Do mesmo modo, as empresas procuram outras instituições para ajudá-las a recordar eventos passados. Por isso, ressalta-se que a organização não é o único lugar onde suas lembranças são guardadas (WALSH; UNGSON, 1991).

Quando se procura por informações dentro de uma organização, é importante considerar o contexto interno que envolve os indivíduos, as transformações, a estrutura e a ecologia. Caso seja necessário, como apresentado anteriormente, é possível recorrer aos arquivos externos para obter mais subsídios (WALSH; UNGSON, 1991).

A recuperação da informação, a partir das memórias, pode ser controlada ou automática. Essa última característica refere-se ao modo intuitivo e, sobretudo, fácil de conectar a MO, usualmente como parte de uma continuidade de ações estipuladas. O acesso ao conhecimento guardado de uma organização é necessário para a melhoria e a transferência de informações por similaridades, individualmente ou em grupo, a fim de tomar decisões assertivas para o futuro.

Para Walsh; Ungson (1991), a MO assume três papéis importantes na organização: o papel informacional, o papel de controle e o papel político. Conhecendo esses papéis desempenhados pelos indivíduos enquanto gestores e tomadores de decisão nas organizações, os autores postularam proposições de como acontece o uso inapropriado e o abuso da MO na vida organizacional (TELLES, 2013, p.38). Na abordagem de Stein (1995), a MO é um tema multifacetado, que envolve diversos aspectos, tais como: sistemas empresariais, gestão econômica, teoria dos sistemas, teoria política, comportamento organizacional, tomada de decisões e teoria da comunicação (TELLES, 2013, p.38).

A quantidade de arquivos gerados na sociedade atual é elevada, o que inviabiliza o armazenamento físico de todos eles, surgindo novas formas de conservação (ASSMANN, 2011 p.5). A autora salienta que o arquivo pode ser considerado como o depósito do passado, assim como objetos em uma mostra. Esses registros, mesmo que não tenham uma intenção explícita, representam a sua época.

A MO tem uma função significativa dentro das instituições, pois ela sinaliza a respeito dos princípios da organização. Por meio da MO, pode-se identificar elementos do contexto interno que envolve os indivíduos e pode propor transformações na estrutura, bem como esclarecer qual papel ela desempenha. A investigação por informações e saberes guardados no memorial e nas pessoas é essencial para a transmissão de lembranças individuais ou coletivas. Desse modo, as lembranças anteriores da escola se tornam indispensáveis para a construção do conhecimento e para futuras ações (WALSH; UNGSON, 1991).

A seguir apresenta-se a contextualização desta pesquisa.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO

4.1 O município de meleiro

A criação do município de Meleiro foi resultado de vários fatores. Meleiro passou pelo processo de colonização de suas terras por homens e mulheres dispostos a desbravar terras e lugares nunca antes habitados e também devido a dificuldades econômicas vivenciadas por essas pessoas. Consta que, por volta dos anos de 1892, chegaram em Meleiro seus primeiros habitantes fixos, de sobrenomes Rocha e Macedo, ambos descendentes de portugueses (MATTOS, E. 1980/1981). Sabe-se, porém, que em data remota, viam-se passar por Meleiro homens, diga-se, civilizados, por lugares cortados por caminhos íngremes de montanhas, cânions e vales, por rios e estradas chamadas de “picadas de mula”, pois era nos lombos de mulas que transportavam mercadorias para serem trocadas ou vendidas na “Velha Campinas”, hoje cidade de Araranguá (MATTOS, E. 1980/1981). O primeiro morador foi o Sr. Bartolomeu Rocha e sua esposa Celina; eram descendentes de portugueses, vindos da Bahia. Junto com Bartolomeu, vieram seus irmãos: João, Brandino e Manoel Rocha. Alguns anos mais tarde, os mesmos construíram a primeira igreja de madeira, ao lado da escola. O terreno onde hoje está construída e em funcionamento a Escola de Educação Básica de Meleiro (EEB de Meleiro) foi doado por Bartolomeu Rocha. Decorridos alguns anos, viam-se chegar os primeiros imigrantes descendentes de italianos. As primeiras famílias descendentes de italianos foram: Piazza, Mezzari e Ros.

A primeira escola, por assim dizer, ou as primeiras aulas ministradas às crianças, filhos dos primeiros moradores de Meleiro, deram-se dentro da estrutura da primeira igreja católica construída em madeira em 1920 (MATTOS, 1980/1981).

4.2 A escola de educação básica de meleiro

Decorridos quase vinte anos após a instituição da primeira escola exclusivamente para fins educacionais. Em 1942 novamente a comunidade viu a necessidade de ampliação do espaço escolar, com a doação do terreno de 16.095 m². Uma parte do terreno foi doada por Bartolomeu Rocha, pai da professora Alvina Longaretti, em 1944. A outra parte foi doada por Luiz de Pelegrini. A Associação de Pais e Professores (APP), através de ofício, conseguiu a doação de outra parte de

terras, doada pela prefeitura Municipal de Meleiro. Em 1942, foi iniciada a construção da nova escola, em alvenaria, com três salas de aula e novamente a comunidade se reúne, não medindo esforços, e o projeto foi realizado. Hoje, a escola possui 3.505,25 metros quadrados de área construída; a área para esporte é de 7.864,81 metros quadrados e a área para horta possui 1.735,19 m².

A escola está localizada à Rua Sete de Setembro, 600, centro, na cidade de Meleiro – SC. Atualmente, a instituição atende a mais de 300 estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, nos períodos matutino, vespertino e noturno. É a única escola do município a ofertar o Ensino Médio. A estrutura constitui-se de: Bloco Administrativo: sala de direção; sala de atendimento pedagógico; sala de espera; secretaria; sala de professores, com banheiro masculino e feminino; laboratório de informática e almoxarifado. O Bloco I constitui-se de biblioteca e quatro salas de aula e uma sala para o memorial. A biblioteca dispõe de um bom número de obras literárias. O Bloco II possui cinco salas de aula. O pátio coberto (área de lazer), com quatro banheiros masculinos e quatro femininos. Há um banheiro com acessibilidade, depósito de material de limpeza, cozinha e refeitório; cozinha para uso dos funcionários da escola; um auditório no piso superior. No Bloco III, com três salas de aula e uma sala adaptada para o SAEDE/AEE - (Atendimento Educacional Especializado). O Bloco IV contém dois pisos. No inferior, há uma sala onde se montou o Laboratório Maker, uma sala para o laboratório de Matemática e uma sala para Lego/Robótica. No piso superior, há três salas onde funcionam os laboratórios de Ciências Humanas e Sociais, laboratório de Arte e de Ciências da Natureza. No Bloco V, há uma sala com dois banheiros anexos, usada como espaço de convivência. O Bloco VI contempla área esportiva com ginásio de esportes, com 2.500m² de área construída; quatro salas no piso superior; no piso inferior, um espaço para cozinha e três salas para materiais da Ed. Física e banheiros masculino e feminino. Há a quadra para a prática de esporte e, no lado oposto a esse espaço, espaço para apresentações e duas salas para depósito. Uma quadra de esportes descoberta, pista de atletismo e amplo espaço com área verde. Ressalta-se que todos os espaços são interligados por passarelas cobertas, desde a entrada do portão principal.

A Escola de Educação Básica de Meleiro, segundo documentos arquivados, passou por uma série de mudanças em sua nomenclatura, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 – Cronologia da EEB de Meleiro

Data	Escola	Decreto/Lei	Professoras
1920	A primeira escola funcionava na igreja católica da comunidade Construída em madeira. Mantida pela prefeitura.		1ª professora: Maria Inês Nápole.
1925	A segunda escola foi construída em madeira pelos moradores, especificamente para atividades escolares. Mantida pela prefeitura.	Escola Pública de Meleiro.	2ª professora: Leobertina Fernandes Souza.
1931	Inauguração da escola.	Portaria/decreto nº 2142 de 16/02/1931.	
1942	Construída a terceira escola, em alvenaria, com 3 salas de aula.	Denominada E.E.R.R Escolas Reunidas Professora Virgínia Borges Coral.	A primeira professora da Rede Estadual foi Virgínia Borges Coral e, depois, Tereza Manfredini Acordi.
1950	Criação da escola na esfera estadual, instituindo o Ensino Fundamental Anos Iniciais.	Decreto nº 809 de 17/09/1950 Diário Oficial de 05/10/1950.	A denominação da escola passa a ser: "Professora Virgínia Borges Coral".
1953	Grupo Escolar Sérgio Lopes Falcão.	1º/05/1953.	
1960	Criação do Curso Normal Papa João XXIII.	Decreto nº 1.066 de 01/06/1960.	Foi criado, na vila de Meleiro, município de Turvo, um Curso Normal Regional, com a denominação de Papa João XXIII. Decreto nº 2573.282 de 21/10/1946.
1965	Mudança na nomenclatura: passou a ser Ginásio Normal.	Decreto nº 3.282 de 14/10/1965.	Ato de autorização para funcionamento do Ginásio Normal.
1966	Reforma geral e ampliação de salas de aula.	Construção de duas novas salas de aula.	
1970	Ampliação de salas de aula.	A escola foi ampliada com mais duas novas salas de aula.	
1971	Mudança na nomenclatura para Escola Básica Sérgio Lopes Falcão.	Decreto SE 10.457, de 17/02/1971.	
1974	Reforma geral e ampliação.	Foram construídas a ala administrativa, biblioteca, pátio coberto e	

		três novas salas de aula.	
1982	Portaria E/100/83, em 28/03/83.	As atividades do Pré-Escolar se deram início em 11/03/1982, um ano antes de sair o decreto oficial.	
1983	Criação legal do Pré-Escolar.	Decreto nº 2.288 de 26/04/1983.	
1983	Ampliação.	Construção de mais três novas salas de aula e sala para o Pré- Escolar.	
1986	Autorização para o funcionamento do ensino de 2º grau na Escola Básica Sérgio Lopes Falcão, no município de Meleiro, nos termos da Lei nº 7.044 de 1982, sem ensejar habilitação profissional.	Portaria E/236 de 09/04/86 - Artigo Iº. Parecer 210/86 em 17/03/86.	
1986	Mudança na nomenclatura com a denominação de: Colégio Estadual de Meleiro.	Portaria E/236 de 09/04/86, Artigo IIº.	
1986	Ampliação.	Construção de mais três novas salas de aula.	
1989	Foi criada a sala de Recursos Multifuncionais.	Portaria 03/03/1989.	
1989	Ampliação.	Construção de duas novas salas de aula e um bicicletário.	
1995	Ampliação.	Construção da cantina da escola com recursos da APP.	
2000	Mudança na nomenclatura para: Escola de Educação Básica de Meleiro.	Portaria P/0017 SED de 28/03/2000. Parecer nº 1.099 de 30/06/2000.	
2001	Ampliação.	Foi construída uma sala para Orientação Educacional, Varandas, sala para os professores e passarelas interligando o bloco administrativo com as salas de aula.	

2005	Ampliação da estrutura física.	Construção de um ginásio de esporte, auditório, refeitório, três salas de aula, três salas para laboratórios.	
2005	Reforma geral da escola.	Aumento da biblioteca de 48 para 96 metros quadrados.	
2011	Ampliação.	Foi construído um bicicletário coberto.	
2013	Ampliação.	Foi construído um banheiro com acessibilidade.	
2016	Criação do AEE.	Resolução CEE/SC nº 100 de 13/12/ 2016.	
2016	Criação de Ensino Médio Inovador.	Portaria nº 971 de 09/10/2009.	O Ensino Médio Inovador começou no ano de 2016 com a primeira turma.
2022	Institui o novo programa de apoio ao Ensino Médio e estabelece diretrizes, parâmetros e critérios para a participação.	Portaria nº 649, de 10/07/2018.	Na escola deu-se início ao Novo ensino Médio em 2022.

Fonte: Dados organizados pela autora, 2023.

A seguir, apresenta-se o quadro de diretores da escola a partir da inclusão na esfera estadual, com datas, períodos e como foram indicados.

Quadro 4 – Diretores da Escola

Nome	Período	Tempo	Função	Indicação/ Eleição
Adi Emilia Acordi.	1965 - 1973	8 anos	1ª diretora	Indicação
Maria Terezinha Cardiga Pelegrini.	1973 -1988	15 anos	2ª diretora	Indicação
Fanir Alexandre Ronchi.	1988	1 ano	Foi diretora adjunta e 1ª diretora do Ensino Médio	Indicação
Maria Arlete da Rocha Piazza.	1989 - 1990	2 anos	3ª diretora	Indicação
Rosângela Maria Piazza Meller.	1991 – 1992	2 anos	4ª diretora	Eleição
Ruth de Farias Coral.	1993 – 1994	2 anos	5ª diretora	Indicação
Rosângela Maria Piazza Meller.	1995 – 1998	4 anos	6ª diretora	Indicação

Pedro Paulo Mezzari.	1999 – 2000	2 anos	7º diretor	Indicação
Alaide Terezinha Preis Gabriel.	2001 – 2002	2 anos	8ª diretora	Indicação
Rosane Zanette Trevisol.	2003	1 ano	9ª diretora	Indicação
Goreti Felisberto Dordete.	2004 – 2005	2 anos	10ª diretora	Indicação
Gisele Olivo Fermo.	2006 – 2008	3 anos	11ª diretora	Indicação
Maria Bernardete Piazza Maccarini.	2009 – 2015	7 anos	12ª diretora	Indicação
Rosemeri Ostetto.	2016 – 2018	2 anos	13ª diretora	Eleição
Luzia Crepaldi.	2018 – 2023	5 anos	14ª diretora	Eleição

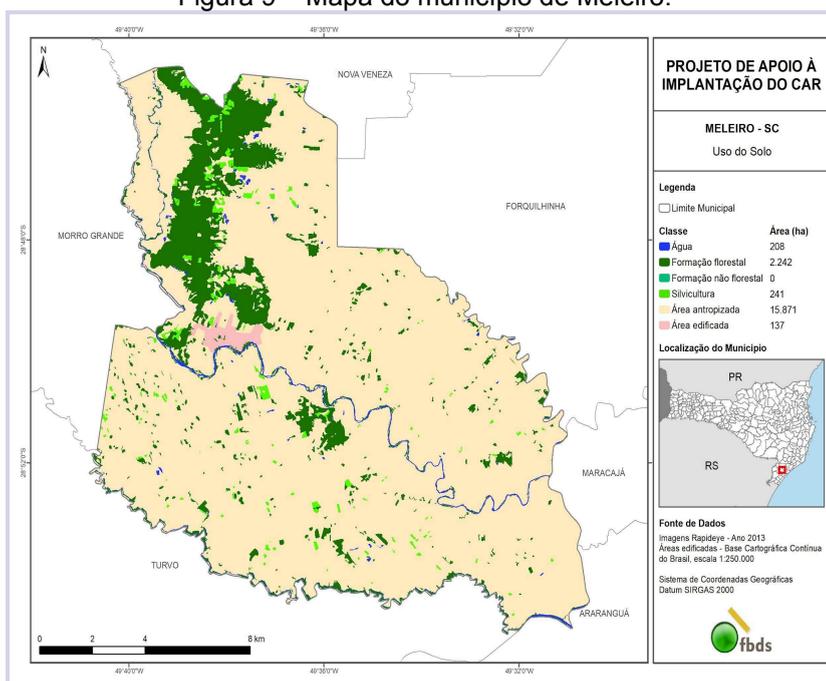
Fonte: Dados organizados pela autora, 2023.

A Escola de Educação Básica de Meleiro passou por diversas modificações, tanto na estrutura física como na estrutura educacional. A cada ano, vem desenvolvendo educação de qualidade pautada nas diretrizes do Estado de Santa Catarina, nas leis educacionais e na Base Comum Curricular. Atualmente, a escola atende a mais de 300 estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, nos períodos matutino, vespertino e noturno. A seguir, apresentamos dados dos alunos e de suas famílias no ano de 2022.

4.2.1 Dados socioeconômicos dos alunos e suas famílias no ano de 2022

O município de Meleiro se localiza no extremo sul de Santa Catarina, e seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,793.

Figura 9 – Mapa do município de Meleiro.



Fonte: Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, 2018.

O levantamento do perfil socioeconômico dos alunos e de suas famílias da Escola de Educação Básica de Meleiro em 2022 mostrou que a maioria deles são da etnia branca; em relação à religião, a católica é predominante, com metade dos entrevistados, seguida pelas religiões evangélicas. A maioria das famílias possui casa própria, sendo que a maior parte reside na zona rural.

Quadro 5 – Dados socioeconômicos dos alunos e de famílias da EEB de Meleiro.

Sobre a etnia dos alunos, a pesquisa mostrou que:	- 78% brancos; - 18% pardos; - 3% negros e outros; - 1% se intitularam de outra raça/cor.
Sobre a religião dos alunos, a pesquisa mostrou que:	- 50% religião católica; - 33% religião evangélica; - 14% outras religiões.
Sobre a moradia, a pesquisa mostrou que:	- 76% moram em casa própria; - 19% em casa alugada; - 5% em casa emprestada.
Sobre a zona de moradia dos alunos, a pesquisa mostrou que:	- 49,0% moram na zona rural; - 51,0% na zona urbana.
Sobre o transporte escolar, a pesquisa mostrou que:	- 15% informaram que vêm à escola a pé; - 15% usam a bicicleta; - 61% usam o transporte escolar, e o restante; - 9% vem de carro com os pais ou responsáveis.
Sobre ter acesso à internet, a	- 97% dos alunos possuem.

pesquisa mostrou que:	
A pesquisa sobre a profissão dos pais dos alunos mostrou que:	<ul style="list-style-type: none"> - 28,7% agricultor; - 10,7% pedreiro; - 10% motorista; - 50,6% dividem o percentual com profissões variadas.
A pesquisa sobre a profissão das mães dos alunos mostrou que:	<ul style="list-style-type: none"> - 31,0% são donas de casa; - 11,0% são agricultoras; - 16,0% são domésticas; - 5,0% são professoras; - 37,0% dividem o percentual com profissões variadas.
Sobre o trabalho dos alunos do ensino médio, a pesquisa mostrou que:	<ul style="list-style-type: none"> - 50,6% não trabalham; - 7% trabalham, mas são dependentes financeiramente; - 0,5% trabalham e são independentes financeiramente; desses: - 36,2% trabalham para ajudar nas despesas da casa; - 55,7% trabalham para ser independentes e - 7,9% trabalham para adquirir experiência.
A pesquisa sobre a escolaridade do pai mostrou que:	<ul style="list-style-type: none"> - 27% possui o Ensino Fundamental I; - 32,8% possui o Ensino Fundamental II; - 5,4% Ensino Médio incompleto; - 27% Ensino Médio completo; - 1,8% possui graduação; - 2,3% pós-graduação; - 3,7% responderam outros.
A pesquisa sobre a escolaridade da mãe mostrou que:	<ul style="list-style-type: none"> - 24,7% possuem Ensino Fundamental I; - 27,4% possuem Ensino Fundamental II; - 8,5% possuem o Ensino Médio incompleto; - 25,2%, possuem o Ensino médio completo; - 6,3% possuem graduação; - 7,6% possuem pós-graduação; - 4% responderam outros.
Participação dos pais nas atividades escolares dos filhos:	Sobre a participação dos pais nas atividades escolares, a média percentual é de 49%.

Fonte: Dados organizados pela autora, 2023.

4.3 Estrutura de recursos humanos da eeb de meleiro

Em junho de 2022, o número de funcionários envolvidos no funcionamento da EEB de Meleiro era de 66 profissionais. Desses, 59 profissionais da educação, três cozinheiras e quatro profissionais de serviços gerais.

No quadro docente da escola, em 2022, havia 48 integrantes. Desses, três são gestoras, uma é assistente de educação, duas são orientadoras educacionais e uma é assistente técnico-pedagógica. O quadro de professores efetivos é composto

por 14 professores, sendo que três deles estão afastados da sala de aula por estarem na equipe gestora. Uma professora está afastada em processo de aposentadoria. Assim, há 10 professores efetivos exercendo atividade de ensino. O quadro de professores é completado por 28 professores contratados em regime temporário. Todos com formação na área em que atuam, com pós-graduação nos níveis: especialização e mestrado. Nesse quadro, também há duas professoras com a função de orientadoras de convivência. Há três bolsistas que trabalham 20 horas semanais, um em cada turno (matutino, vespertino e noturno). A alimentação é de responsabilidade da empresa Risotolândia, que mantém uma equipe de três funcionárias, responsáveis pelo preparo das quatro refeições servidas aos alunos nos turnos matutino, vespertino e noturno. Há quatro profissionais que executam a manutenção do espaço físico. Eles são contratados por empresa terceirizada (Costa Oeste).

Quadro 6 – Características das funções na escola.

Função	Quantidade	Descritivo
Administrativo	07	01 diretora; 02 assessores de direção; 02 orientadores educacionais; 01 assistente de educação; 01 assistente técnico pedagógico.
Professores efetivos	14	14 professores ligados à escola por concurso público
Professores contratados	39	Professores contratados por tempo determinado (ACT).
Cozinheiras	03	Profissionais terceirizados.
Serventes	04	Profissionais terceirizados.

Fonte: Dados organizados pela autora, 2023.

A constituição do quadro de profissionais que atua na EEB de Meleiro segue as orientações legais emanadas do Ministério da Educação e Secretaria de Estado da Educação. Não há autonomia da instituição para contratação de pessoas para atuar no atendimento aos alunos, tanto nas questões que envolvem o atendimento pedagógico nem com os cuidados da estrutura física.

A seguir, apresenta-se a metodologia que fundamenta a pesquisa.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta seção descreve a metodologia de pesquisa utilizada para o desenvolvimento deste estudo. O objetivo primordial é tracejar o acesso, com várias opções, caminhos e desvios metodológicos, para a conquista dos objetivos sugeridos, apresentando elementos teóricos que demonstram as escolhas realizadas.

5.1 Delineamento de pesquisa

Esta pesquisa é classificada como um estudo qualitativo. Justifica-se a escolha desse método com base na análise qualitativa, fundamentada nos estudos de Minayo (2009, 2012). Os métodos qualitativos são apropriados para gêneros de pesquisas que estão sujeitos ao seu ambiente natural e passíveis de verificação de dados. Como afirma Denzin e Lincoln (1994, p.4), “a palavra qualitativo implica em uma ênfase nos processos e significados que não são rigorosamente examinados ou mensurados em termos de quantidade, montante, intensidade ou frequência”. Dessa forma, a questão de pesquisa e os objetivos sugeridos são mais adequados utilizando-se desse método.

Pode-se, também, relacionar os meios orientadores desta pesquisa como um estudo pioneiro para o contexto escolar da região de Meleiro, por oportunizar uma busca de informações sobre um determinado problema, com vistas a torná-lo mais visível.

Para complementar as estratégias orientadas pelos métodos de pesquisa, pode-se utilizar a análise documental (dados secundários), que consiste na análise de documentos relacionados ao fenômeno investigado (MINAYO, 2018). Para esta pesquisa, serão utilizados dados primários, como entrevistas semiestruturadas e, também, dados secundários, como relatórios, projetos, imagens, enfim, documentos que contêm informações da escola desde sua fundação.

A entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal e no sentido estrito de construção de conhecimento sobre determinado objeto, é a técnica mais utilizada no processo de trabalho qualitativo empírico. Constitui-se como uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa de um entrevistador e destinada a construir informações pertinentes a determinado objeto de investigação (MINAYO, 2018, p.141).

Para Minayo (2018), a entrevista pode ter duas classificações: uma sobre fatos cujos dados o pesquisador seria capaz de realizar por meio de outras fontes, habitualmente de cunho quantitativo; e a outra sobre o que se refere de modo direto ao indivíduo em relação à experiência que vivencia e em cima de suas próprias circunstâncias. No caso da pesquisa em andamento, serão conduzidas entrevistas semiestruturadas com indivíduos que fizeram ou fazem parte da instituição, objeto de estudo. É fundamental perceber que a entrevista, como forma definida como diálogo na pesquisa social (MINAYO, 2018), está submetida ao mesmo processo que as relações presentes na sociedade ou no grupo social, objeto de investigação.

William Thomas (1970) entende que as pesquisas qualitativas caracterizam-se pelo interesse na subjetividade dos participantes, de modo a estabelecer uma observação da realidade sob o formato de ideias, crenças, sentimentos, comportamentos e ação, isto é, sobre modos de pensar, sentir, agir e traçar o futuro.

Além disso, é relevante notar que a entrevista, como forma priorizada de interlocução na pesquisa social, está submetida ao mesmo sistema que os elos presentes na sociedade ou no grupo social, objeto de estudo (MINAYO, 2015).

O que torna o trabalho interacional (ou seja, de relação entre pesquisador e pesquisados) um instrumento privilegiado de troca de informações sobre as pessoas é a possibilidade que a fala tem de ser reveladora de condições de vida, de sistemas de crenças e, ao mesmo tempo, possuir a magia de transmitir por meio de um porta voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor (MINAYO, 2015, p. 63).

Assim sendo, pelo fato de motivar a expressividade oral sobre determinado tema, é primordial que a pesquisadora incorpore o contexto da produção da entrevista. Bem como, sempre que possível, que seja observada e complementada por informações oriundas da observação do cenário em estudo. Desse modo, é através da expressão verbal, seu material primordial, que o especialista terá em suas mãos fragmentos de relações, condutas, hábitos, amizades, vazios e mais os elementos da vida social que espelham o cotidiano (MINAYO, 2018).

Com o intuito de ter uma troca de ideias livre (MINAYO, 2015), as entrevistas têm por finalidade uma interação pessoal que se identifica por sua forma de organização e utilidade para o aprendizado a quem se destina à compreensão do

ponto de vista do outro. Foram realizadas sete entrevistas do tipo semiestruturada, utilizando-se um roteiro orientador conforme o Apêndice B. Para Minayo (2018), ao criar questões para uma entrevista, deve-se levar em conta a postura do entrevistador e do entrevistado. Minayo (2018) entende que as entrevistas semiestruturadas são adequadas quando se segue a uma instrução, apropriada fisicamente e aplicada pelo investigador durante o diálogo, não se restringindo ao roteiro orientador, tendo, portanto, certa flexibilidade.

A seguir, são apresentadas as potenciais entrevistadas para a pesquisa. Em geral, as entrevistadas são professoras aposentadas e professoras que estão em atividades, que trabalharam nos primeiros anos da escola, e outras que ainda estão em atividade. A seleção das entrevistadas foi realizada seguindo os seguintes critérios: ter experiência como professora ou funcionária da EEB de Meleiro e aquelas que foram professoras há mais tempo na escola, bem como a acessibilidade desta pesquisadora. Chama a atenção que não havia nenhum professor que se adequasse aos critérios.

Cada entrevistada aceitou participar da pesquisa concordando formalmente por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), inclusive com a concordância na divulgação dos seus nomes neste relatório e também em pesquisas derivadas.

O quadro 7 apresenta as características das entrevistadas.

Quadro 7 – Características das entrevistadas

	Ligação com a escola	Iniciais	Idade	Tempo na escola e função	Observações	Data da entrevista
1	Ex-Professora 1 Atuou como professora e como diretora pelo período de 1973 a 1988	Maria Terezinha Cardiga Pelegrini	84 anos	15 anos	Aposentada	Dia 03/10/2023 21'00".
2	Ex-Professora 2 Trabalhou por cinco anos como professora, entre 1961 e 1965. Depois, atuou em outras funções por 23 anos.	Alvina Rocha Longaretti	92 anos.	5 anos como professora. 23 anos como auxiliar. Total de 28 anos.	Adquiriu a aposentadoria em 1989.	19/09/2023 Primeira parte: 37'00 " Segunda parte: 28'00".
3	Ex-professora e secretária 3	Lúcia Cardiga	77 anos.	9 anos atuou como aluna.	Aposentada em	Dia 11/10/2023

	Estudou nesta escola por nove anos, cursando as séries iniciais de 1953 a 1958 e nos anos de 1961 a 1964 estudou no curso normal Regional Papa João XXIII. Iniciou na escola como professora em 1968, mas atuou como secretária por 26 anos.	Coelho.		26 anos como secretária da escola. Ao todo, foram 35 anos de escola.	1994.	: primeira entrevista: 01:15'00". Dia 30/10/2023 Segunda entrevista: 44 '00".
4	Ex-professora 4 Estudou por dois anos no pré - escolar, entre 1975 a 1976. Estudou por oito anos no Ensino Fundamental I e II, entre os anos de 1977 a 1984. Em 2011, fez remoção para esta escola, trabalhando como professora e assessora por 11 anos.	Luciane Terezinha de Luca.	53 anos.	10 anos como aluna. 11 anos como professora e assessora. Ao todo, 21 anos.	Aposentada em 2022.	Dia 18/09/2023 Primeira parte: 43 '00'. Segunda parte: 40 '00".
5	Professora 1 Estudou por quatro anos, entre 1974 a 1978 Nos anos de 1993 a 2014, foi mãe de aluno por 21 anos. Em 2014, veio de remoção para esta escola, ou seja, há nove anos.	Josemeri Peruch Mezzari (Mera).	61 anos.	4 anos como aluna. 21 anos como mãe de aluno. 9 anos como professora e assessora. Ao todo, foram 34 anos fazendo parte da escola.	Em atividade.	Dia 22/10/2023 02:08'00".
6	Professora 2 Estudou por sete anos, entre os anos de 1999 a 2007. Em 2015, fez remoção para esta escola, onde é professora há nove anos.	Michelli Cadorin Piazza Toretta.	34 anos.	Estudou nesta escola por oito anos. É professora há nove anos. Ao todo, são 19 anos de escola.	Em atividade.	Dia 24/10/2023 37 '00".
7	Professor 3	Josiane	39 anos	Estudou	Em	Dia

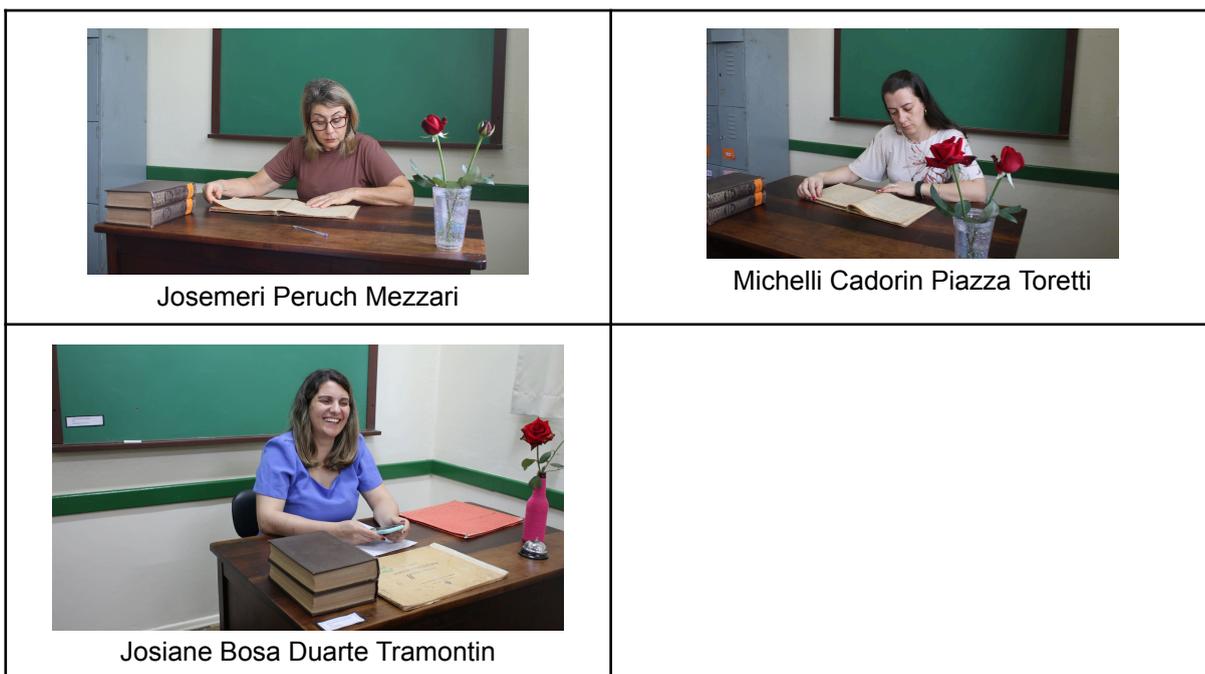
	Estudou nesta escola por três anos no Ensino Médio, nos anos de 1999 a 2001. Em 2015, fez remoção para esta escola, onde é professora há nove anos.	Bosa Duarte Tramontin		nesta escola por três anos. É professora há nove anos. Ao todo, são 12 anos de escola.	atividade.	23/11/2023 36'00".
TOTAL	Sete entrevistadas.				Tempo das entrevistas	7h51'00".

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Observam-se, no quadro 6, as características das entrevistadas. Todas aceitaram a divulgação do nome e da sua imagem nesta pesquisa e nas decorrentes, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, presente nos anexos desta pesquisa.

Quadro 8 - Acervo de imagens das entrevistadas.

 <p>Alvina Rocha Longaretti</p>	 <p>Luciane Terezinha de Luca</p>
 <p>Maria Terezinha Cardiga Pelegrini</p>	 <p>Lúcia Cardiga coelho</p>



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Salienta-se que, após a aplicação das entrevistas, cada uma delas foi detalhadamente transcrita pela pesquisadora. Após a transcrição, a cada entrevista, foi enviada uma cópia para cada entrevistada a fim de que cada uma delas pudesse analisar o conteúdo e fazer ajustes ou acrescentar dados. Apenas a uma das entrevistadas não foi enviada a entrevista para correção devido ao seu estado de saúde. O envio da transcrição das entrevistas ocorreu via *WhatsApp* para quatro entrevistadas e, para duas entrevistadas, foram enviadas cópias das transcrições impressas.

Como resultado das entrevistas enviadas para revisão, duas entrevistadas fizeram alterações em nomes e datas. Uma entrevistada fez alterações em nomes de pessoas que estavam incompletas. Uma entrevistada retornou à escola com novos dados e fez alterações em datas e nomes de pessoas e duas entrevistadas não deram retorno.

Além das entrevistas, as observações foram importantes fontes de dados para esta pesquisa. As observações são entendidas como dados provenientes da experiência da pesquisadora, a qual foi além de ver e ouvir, mas procurou examinar os fatos e fenômenos em tela daquilo que se deseja estudar (LAKATOS; MARCONI, 1992). A observação possibilita meios de perceber outras evidências de informações, seja na visão dos indivíduos, suas reações e atitudes diante de um fato, uma fotografia, uma imagem ou através de um diálogo. Evidenciou-se nas

entrevistadas uma expressão de alegria e agradecimento por serem lembradas, satisfação em fazer parte do estudo e emoção ao relatar suas trajetórias de vida em relação à escola.

Durante o evento de inauguração do memorial, uma fotografia ficou exposta para observação dos visitantes. Na imagem, o retrato de algumas pessoas em um momento da EEB de Meleiro. Como não se sabia o nome dessas pessoas, colocou-se abaixo da imagem a seguinte pergunta: “Você conhece as pessoas retratadas nesta fotografia? Se sim, indique o nome de quem você conhece.”

Assim, no dia da inauguração do memorial, teve-se as lembranças das pessoas que fazem parte de um grupo. Nesse caso, o grupo de ex-alunos e ex-professores da EEB de Meleiro. Para Halbwachs (1990, p.26), as memórias se caracterizam como coletivas porque são recordadas por outras pessoas que vivenciaram ou não experiências semelhantes às nossas, que vimos ou ouvimos. Isso ocorre porque, na verdade, nunca estamos sozinhos. Para o autor (1990), não há necessidade da presença de outros do grupo ou que se diferenciem fisicamente de nós: temos constantemente em nós uma série de pessoas que não se misturam, mostrando que as memórias sofrem influência das relações sociais.

Nessa atividade, foi possível perceber no semblante das pessoas uma “viagem no tempo”. A interação entre as pessoas trouxe à tona uma tentativa de refazer a linha do tempo, com considerações sobre momentos vividos e o ambiente que foi compartilhado por aqueles que frequentaram o espaço da EEB de Meleiro. Assim, houve a identificação de algumas pessoas que estavam retratadas naquela imagem exposta, reforçando a importância que as imagens têm para a construção das memórias da escola. Todas as fotografias foram importantes meios de lembrança e atualização de memórias (HALBWACHS, 1990).

Segundo o Bachelard (2008, p.3), algumas imagens são impactantes de tal maneira que causam efeitos imensuráveis no observador, despertando uma infinidade de sentimentos, desencadeando vínculos entre o sujeito que observa e o objeto observado. Essas percepções são despertadas no observador, pois consiste em uma relação íntima com o objeto; são sentimentos despertados pelo reconhecimento das imagens (ERJ KNACK, 2018).

Diante de certas fotografias, as pessoas identificam-se ou não, pois Bergson (1999) preocupa-se em como os indivíduos reconhecem as imagens. O reconhecimento ocorre de duas maneiras (ambas passam pela percepção): na

própria ação, no movimento, quando emana dos objetos, e por representação, quando emana do indivíduo, o que implica um trabalho do espírito, que busca no passado e na memória representações das imagens úteis à situação presente (ERJ Knack; Soares Poloni, 2018).

Halbwachs (1976; 1990) busca uma aproximação social da memória, lançando outra extensão para refletir o vínculo entre a memória e as imagens. A partir de seus motivos, as imagens podem ser vistas como poderosos elementos dos cenários sociais da memória, que são aplicadas pelos grupos sociais para atualizar e ressignificar a memória coletiva (HALBWACHS, 1990). A dimensão social envolve pensar a circulação e recepção das lembranças, bem como os seus suportes, que vão desde fontes escritas, até materiais e visuais (KNACK, 2018).

Candau (2012) problematiza a relação entre imagem e memória, ao questionar a possibilidade da existência de uma memória compartilhada. O conceito "metamemória" explora esse aspecto, pois quando a lembrança entra na esfera da linguagem, seja pela fala, pela escrita ou por outra forma de expressão, ela já é reformulada (ERJ KNACK, 2018). Assim, a interação entre as pessoas diante da fotografia exposta no dia da inauguração do memorial seria o compartilhamento das memórias de um grupo de pessoas que frequentaram o mesmo espaço em um determinado período de tempo, e cujas lembranças foram revividas e interpretadas.

Para Sontag (1977), as fotografias são meios de registrar momentos, eternizar situações que tenham significados para as pessoas, seja uma auto fotografia (*selfie*) ou uma imagem que lhes seja peculiar. Essas imagens são sentimentos impressos em um suporte que permitem serem guardados, seja para a posterioridade ou para registrar momento em que servirão de estudos futuros. Trazer à tona fotografias da trajetória da escola é como lembrar e contar sua trajetória vivida, eternizando momentos como se a ideia fosse congelar aquela imagem, permitindo explicar períodos e permitindo a construção de novos vínculos coletivos e sociais. Essas dimensões podem ser tanto pessoais como sociais. A fotografia nos aproxima com o que fomos e com o que não conseguiríamos imaginar sem a produção de um retrato (SONTAG, 1977).

Muitas das observações foram obtidas durante o evento de inauguração do memorial "Minha Escola Tem Memória" que foram consideradas como coleta de dados a fim de obter outras informações e enriquecer os aspectos da realidade. Essa observação ajuda o pesquisador a "[...] identificar e obter provas a respeito de

objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (MARCONI & LAKATOS, 1996, p.79).

As análises dos dados seguiram os preceitos de Bardin (1977) a respeito da análise de conteúdo, a qual é entendida como um conjunto de técnicas que se fundamenta na comunicação como ponto de origem (BARDIN, 1977). Nessa análise, é realizada uma interpretação de diferentes excertos das entrevistas e também de observações não participantes, interpretadas a partir de abordagens teóricas constantes no referencial teórico desta pesquisa. Para isso, a análise de conteúdo seguiu algumas etapas, como pré-análise, análise do material e categorização, as quais são explicadas no quadro 9.

Quadro 9 – Etapas da análise de conteúdo.

Etapa		Características	Para esta pesquisa
1	Pré-análise	<ul style="list-style-type: none"> - tem por objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais, indicando o plano de análise. - É o primeiro contato com os documentos. O pesquisador explora os textos a partir de impressões iniciais. - Procedeu-se à escolha dos documentos a serem submetidos à análise, que fundamentam a interpretação final. 	A partir de todas as entrevistas transcritas e revisadas pelas entrevistadas, procedeu-se à organização dos dados, agrupando entrevistas às transcrições por função, época em que os entrevistados tiveram envolvimento com a escola, além dos outros dados como observações e documentos.
2	Análise do material	<ul style="list-style-type: none"> - É uma fase longa e trabalhosa, que tem como objetivo administrar sistematicamente as decisões tomadas na pré-análise. - É a organização e a escolha das categorias de análise que envolvem as regras de classificação. - A transformação dos dados brutos se dá por recorte, agregação e enumeração, permitindo atingir uma representação do conteúdo, que pode servir de índice. 	Nesta fase, procedeu-se inicialmente à leitura flutuante das transcrições, seguida pela identificação dos excertos das entrevistas e dos documentos em categorias. Para esta pesquisa, as categorias foram eleitas à priori, ou seja, seguiram as fases da abordagem teórica sobre memória organizacional.
3	Categorização	<ul style="list-style-type: none"> - As categorias são um conjunto de classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das semelhanças entre os elementos. 	Nesta fase, foram identificadas e segregadas as partes dos excertos e dos documentos em termos das seguintes categorias: <ul style="list-style-type: none"> -acervo de conhecimentos; -aquisição de informações; -retenção de informações;

			- recuperação de informações.
4	Tratamento dos dados	- Tem por meta tratar os resultados brutos de maneira a torná-los dados válidos e significativos.	Depois de estruturadas as categorias e as evidências empíricas, procedeu-se à interpretação dos dados, cotejando-as com elementos teóricos, a fim de dar conta dos objetivos desta pesquisa.

Fonte: Adaptado de Bardin, (1977).

A seguir, apresenta-se a análise de dados desta pesquisa.

6 ANÁLISE DOS DADOS: MINHA ESCOLA TEM MEMÓRIA

A análise dos dados que se apresenta parte das evidências das entrevistas, das observações durante o evento de inauguração do memorial intitulado: “Minha Escola Tem Memória” e também a partir dos artefatos e fotografias, como explicado na seção metodológica. As pessoas entrevistadas foram selecionadas por terem ligação com a escola em certos momentos de suas vidas. Percebeu-se uma ligação muito forte com a escola e com suas lembranças que, conforme a entrevista avançava, vinham à tona de maneira suave e agradável. Em todas as entrevistadas, percebeu-se uma conexão forte com a escola, tanto que ao relembrar suas memórias, a emoção era percebida. Notou-se a alegria por serem lembradas através da entrevista e estiveram abertas para responderem às questões.

A primeira categoria analisada foi a memória **coletiva e organizacional**. Percebe-se que as entrevistadas têm memórias vívidas dos anos em que estudaram ou trabalharam na EEB de Meleiro. Observa-se que as entrevistadas se referem à escola e ao tempo em que conviveram nela com carinho, trazendo narrativas de memórias carregadas de emoções.

A entrevistada Dona Alvina relata, emocionada, que o pai dela, Manoel Bartolomeu Rocha, foi falar com o governador Celso Ramos (Governador na época) para a construção de uma escola com mais espaço físico, com mais salas de aula para abrigar todas as crianças. Na conversa com o governador, chegou-se a um acordo: Seu Manoel doou o terreno e o governador deu todos os materiais necessários para a construção. Pode-se ver evidências na fala da entrevistada Dona Alvina quando ela relata que:

"A escola era lá onde hoje é o salão paroquial. Era lá a escolinha! Não tinha escola! Não tinha nada! Meu pai foi até o governador e disse: eu dou a terra [terreno] e o senhor governador dá o material para fazer a escola. Uma nova escola. Era Sérgio Lopes Falcão. Escola Básica Sérgio Lopes Falcão (ALVINA, 2023).

Salienta-se que D. Alvina, ao relatar as memórias que tem sobre a escola e como seu pai era atuante nas questões da educação, emociona-se e faz questão de relatar que o pai teve muitas ações nesse sentido. Nota-se um olhar emocionado às suas lembranças com relação ao passado. Conforme Graebin (2013), os costumes e rotinas diárias ganham significado através dos momentos vividos ao

longo da vida, que são armazenados na memória, pois ela pode ser vista como um elo entre as vivências presentes e as anteriores.

Outras entrevistadas também relataram elementos memoriais a respeito das vivências em conjunto.

A entrevistada Alvina Rocha Longaretti tem 92 anos. Iniciou seus trabalhos na escola como professora em 1961, e assim atuou por cinco anos. Depois, devido a sua escolarização e grau de estudos serem insuficientes para exercer a função de professora, passou a exercer outras funções dentro da escola. Aposentou-se em 1989, com 28 anos de trabalho. Durante a entrevista, percebeu-se que D. Alvina tem muitas memórias e lembranças tanto de sua vida como dos anos que trabalhou na escola. Nota-se um apego carinhoso a tudo que envolve a instituição, até mesmo por ter sido seu pai um dos incentivadores da educação no município. Relatou alguns fatos sobre a colonização do município e o histórico da escola.

Foi possível perceber que Dona Alvina tem suas memórias nítidas e as expressou de maneira convincente. Relatou seus primeiros anos de escola, suas relações com a família, com os amigos e colegas da época em foi professora da Escola de Educação Básica de Meleiro. D. Alvina ficou feliz por ser lembrada e escolhida para fazer parte deste momento histórico. Estava ansiosa, pois gosta de contar as histórias de sua família, da cidade onde nasceu e onde continua morando com sua filha e com seu neto mais novo. No decorrer das entrevistas realizadas em sua casa, descreveu várias memórias e lembranças que muito serviram para embasar o estudo sobre a escola.

D. Alvina foi convidada para o evento de inauguração do Memorial “Minha Escola Tem Memória”; o dia, porém, estava chuvoso e, ao sair de casa, D. Alvina sofreu uma queda e não pôde comparecer.

Nota-se que a professora aposentada Luciane narrou suas lembranças com lucidez. Durante a entrevista no interior do memorial, foi evidente o sentimento que ela nutre pela escola. Ficou evidente nas palavras e expressões a saudade que sente da vida escolar e quão grata ela está por fazer parte da história do educandário. Sua trajetória profissional se confunde com sua vida pessoal, pois foi nesse ambiente que passou grande parte de sua vida e foi ali, naquele local, que Luciane adquiriu sua educação escolar, aprendeu a exercer sua cidadania, seu profissionalismo com zelo e apreço.

Nessa escola comecei a estudar. Nesta escola comecei a ser professora. Foi meu primeiro trabalho e nesta escola me aposentei. Minha história é grande aqui dentro. Comecei a estudar nesta escola em 1975, eu tinha 5 anos, em 1975 e 1976; eu fiz a educação infantil aqui, na época era pré-escola, pré-escolar 1 e pré-escolar 2. Não existia a educação infantil. A gente vinha para a escola a partir dos cinco anos. Estudei no Fundamental I, do 1º ao 4º ano fiz aqui também. Depois, fiz o Fundamental II, da 5ª à 8ª série. Aqui não existia Ensino Médio (LUCIANE, 2023).

Em suas narrativas, Luciane aborda os valores que a escola teve em sua vida. Foi onde sua vida social teve início, dela e de todos os que nela estudaram. Para Luciane, a escola era o centro de tudo, de informação, formação acadêmica, local onde se faziam amizades e de relações interpessoais. Espaço onde buscava inspiração em seus professores e em suas falas. Foi na escola que se desenrolou toda a expectativa de seguir na carreira de professora. Halbwachs (1990) menciona que a memória social é adquirida em sociedade; sendo assim, é por meio dela que as pessoas se recordam, relatam e identificam suas memórias. Para Halbwachs (1990), a memória social é construída coletivamente, não sendo entendida como um fenômeno individual ou solitário.

A entrevistada Luciane Terezinha de Luca está com 53 anos de idade. Possui formação acadêmica em estudos sociais, psicopedagogia institucional, gestão escolar e administração pública. Conquistou a aposentadoria em 2022. Sua vida escolar se deu muito cedo, começando a estudar em 1975 no pré-escolar. Luciane foi aluna na EEB de Meleiro no pré-escolar; em seguida, ingressou no Ensino Fundamental I nas séries iniciais e, posteriormente, estudou no Ensino Fundamental II. Na vida adulta, foi professora das séries iniciais do Ensino Fundamental I e do Fundamental II no início da carreira. Depois, lecionou nas disciplinas de História e Geografia, Ética e Cidadania no Ensino Fundamental II e, no Ensino Médio, lecionou nas disciplinas de História, Geografia, Ciências Sociais e Filosofia. Trabalhou por alguns anos no laboratório de informática da escola e, por último, trabalhou como assessora da escola por cinco anos. Suas impressões foram boas e otimistas. Como ela mesma relata: *“Nessa escola comecei a estudar. Nesta escola comecei a ser professora. Foi meu primeiro trabalho e, nesta escola, me aposentei. Minha história é grande aqui dentro”*. Luciane demonstra sentir falta da escola onde passou a maior parte da vida, tem um carinho especial por ela, por seus amigos e seus ex-alunos. A escola para Luciane era tudo. A socialização das pessoas se dava no recinto escolar.

A entrevistada Mera relata que, em sua infância, a escolaridade se deu em uma escola isolada multisseriada do interior. Nela, estudou as séries iniciais e, já naquela época, nutria a expectativa de estudar em uma escola grande da cidade. Ouvia comentários no seio da sua família que a EEB de Meleiro era muito boa, ensinava bem e tinha bons professores. Por certa ocasião, sua família recebeu a visita de professoras da escola para incentivar os pais do interior a darem continuidade à educação dos filhos. Seus pais foram solícitos e matricularam seus três filhos mais velhos. Mera, então, teve que esperar mais um ano, pois precisava ajudar a família nos afazeres da casa e da roça.

Fiz o ginásio nesta escola, o antigo ginásio, porque os anos iniciais, do primeiro ao quarto ano, foi na escola da comunidade de Sanga das Pedras. Escola multisseriada. Minha primeira professora foi a Dona Arina Boteon Delfino. Comecei a estudar nesta escola nos anos de 1974 a 1978, quando comecei no 5º ano. Foi uma grande expectativa, pois no próximo ano eu iria estudar em Meleiro, na escola grande. O que não aconteceu. Depois da 4ª série eu parei por um ano, meus irmãos também pararam de estudar na 4ª série. Depois eles voltaram a fazer o ginásio. Eu lembro que tinha três irmãos em idade escolar, mas não estudavam. Em uma de minhas memórias que tenho é com relação aos diretores da escola do Meleiro, do ginásio, que iam às casas fazerem uma campanha de incentivo para que as famílias orientassem seus filhos a voltarem aos estudos. Acho que foi a Dona Terezinha, ela esteve lá em casa, foi conversar com o meu pai e minha mãe sobre os meus irmãos mais velhos que haviam parado de estudar, foi oferecido vagas para fazer o ginásio em Meleiro (MERA, 2023).

Para a entrevistada, voltar suas lembranças ao tempo de escola lhe traz imagens de sua passagem pelos variados espaços de educação e de interações sociais. Para ativar suas lembranças, Mera se dispôs a relembrar os eventos no seu meio familiar onde, de certa forma, havia a discussão com relação aos estudos dos filhos e como se daria, de qual forma e para onde começar esse caminho. Todavia, a escola, como meio de socializações interacionais, também vai ao encontro dos indivíduos em idade escolar que, na época, estavam fora da escola, pois o acesso à informação era mais precário.

Parei de estudar por um ano, mas não via hora de chegar o final daquele ano para que eu voltasse a estudar. Eu adorava estudar! E foi bem difícil minha adaptação, porque ,quando terminei a 4ª série, minha melhor amiga Ema estudava numa série à frente (MERA, 2023).

Vale ressaltar que as interações sociais já eram difíceis para Mera. O meio social reflete em suas futuras interações.“O indivíduo é sempre o que permite que

ele seja”, escreve Febvre, “tanto sua época quanto seu meio social” (FEBVRE, 1938, p. 34). As relações entre pensamentos, comportamentos e gostos são moldadas pelas memórias e é nelas que se encontram possibilidades para novas circunstâncias, onde o passado pode ser revivido.

Josemeri Peruchi Mezzari está com 61 anos. Possui formação acadêmica em Língua Portuguesa e Magistério e é Mestre em Ciências da Linguagem. Foi aluna, mãe de aluno, professora e assessora desta escola. Sua função atual na escola é a de assessora de direção. Josemeri, a Mera, tem vasta experiência de vida escolar nesta Unidade de Ensino. Demonstra ter vastos conhecimentos e adota sempre a linguagem da contextualização. Sua vida escolar foi marcada por várias interrupções, mas isso não parece ter deixado angústia ou ressentimentos. Tudo na vida dela tem uma razão de ser e uma explicação, que são aceitas com serenidade por essa entrevistada. Mera estudou em escolas multisseriadas, escola com turmas seriadas e tece uma visão quase completa de suas vivências dentro da educação. Começou a estudar nesta escola em 1974, na 5ª série. Dessa data em diante, foram muitas interrupções, cada qual com suas justificativas. Adorava estudar e sua adaptação na escola foi difícil no início. Tem muitas lembranças de seus professores, colegas e alunos. Um fato interessante que ela nos relata é sobre uma canção do Roberto Carlos [música “O Portão”] que cantou para toda a classe em cumprimento de uma atividade. Essa entrevistada tem uma visão detalhada sobre a escola: *São tempos totalmente diferentes!*

Eu vejo a ideia da hierarquia na escola quando eu era aluna e mesmo quando era professora, existia mais respeito à hierarquia. Eu, como aluna, não transpunha o mundo do professor ou o mundo do diretor. Eu sabia que eles tinham o poder ou a verdade ou ainda suas funções. Cada um tinha o seu papel e precisava ser respeitado. Hoje, vejo que ao mesmo tempo o aluno pode saber o que cada professor faz. Não existe mais o respeito, o limite, se colocar no lugar do outro. Hoje se confunde qual é o papel de cada um. Ao mesmo tempo que se tem o acesso a esse conhecimento, não se tem a ideia do respeito. Os alunos entram em qualquer lugar, não pedem licença... e vejo que os próprios professores dão muita abertura no sentido de fazer com que o aluno tenha mais informação, como que se vai proceder. Por exemplo: eu coloco uma nota no sistema professor online, hoje para o aluno já é diferente. Antes a gente tinha somente um diário em papel onde se tinha a obrigatoriedade de registrar as informações, assinar e entregar na secretaria. E as anotações ficam arquivadas. Desta forma, as informações eram mais restritas à escola. Para obter uma informação de um determinado aluno ou professor, tinha que ir à escola verificar os documentos arquivados. Hoje, com o uso das tecnologias, essas informações se obtêm de qualquer lugar que tenha um computador e autorização de acesso em tempo recorde. Está acessível para muitas pessoas. Hoje temos a facilidade de obter essa informação e não se tem

consciência que aquilo fica disponível para ser acessado por muitas pessoas e com muitas facilidades e que tudo aquilo que foi registrado permanece. O aluno não tem consciência de que o escrito fica registrado (MERA, 2023).

Observa-se, na fala da professora, que muitas coisas mudaram e o respeito mútuo está cada vez menor entre todos os envolvidos na escola. Ela percebe que os alunos estão menos interessados. Para a entrevistada, as redes sociais estão a todo vapor, e o aluno não está preparado para todas essas novidades que enchem sua mente de coisas novas todos os dias.

Para a entrevistada Michelli, essa interação se dá igualmente com a já citada entrevistada Mera.

Estudei aqui nesta escola no Fundamental II, da 5ª a 8ª série, eu tinha 10 anos. O Fundamental I fiz na escola isolada de Rio do Meio, eu morava lá. Na metade da 4ª série, meus pais se mudaram e fui estudar no Núcleo, mas não gostei daquela escola, [Núcleo] meu pai também não gostou e, no ano seguinte, vim estudar aqui. Fiz todo o Fundamental II aqui nesta escola e o Ensino Médio também (MICHELLI, 2023).

Percebe-se que as falas são parecidas, mesmo sendo em tempos diferentes. Ainda aqui vemos como os meios sociais interferem em suas relações. Michelli relata que no meio social em que foi inserida não se adaptou. Halbwachs (1990) escreveu que as memórias são coletivas porque são recordadas por outras pessoas que vivenciaram ou não, experiências semelhantes às nossas, que vimos e/ou ouvimos. Isso ocorre porque, na verdade, nunca estamos sozinhos, não é necessário que os outros estejam presentes, que se diferenciam fisicamente de nós: pois temos constantemente em nós uma série de pessoas que não se misturam (HALBWACHS, 1990, p. 26). Enfatiza-se, assim, a influência das relações sociais nas memórias.

A entrevistada Michelli Cadorin Piazza Toretti tem 34 anos, possui formação acadêmica e especialização em geografia, em gestão escolar e ensino de geografia. Atualmente, exerce a função de professora desse componente curricular. Michelli foi aluna da EEB de Meleiro, é professora e faz parte do quadro de professores efetivos da escola. Michelli é jovem, com vasto conhecimento na sua área de atuação e conhece boa parte da trajetória da escola através de seu pai, que foi aluno desta instituição de ensino e da própria experiência como ex-aluna. Ingressou na função de professora por concurso em 2013. Suas expectativas para o futuro da

escola são otimistas e, ao mesmo tempo, de preocupação. Neste momento, como professora, destaca a importância em se preservar o passado e sua história.

A escola tem dificuldades, sim. Não é uma dificuldade pela escola em si, mas é pelo aluno não querer estudar, o aluno não tem vontade de ir em busca do conhecimento ou estar curioso para escutar o conteúdo que o professor está ministrando em sala de aula (MICHELLI, 2023).

Observa-se que a professora Michelli é jovem, sabe como o aluno pensa e se comporta, mas, mesmo assim, encontra dificuldades no relacionamento com eles. Ao ser questionada, a entrevistada tece um comentário:

Eu acho que é toda a sociedade, não existe um culpado. Estamos acostumados a ter tudo muito rápido e a pesquisa é demorada, e inserido nisso tudo está o professor sobrecarregado e que precisa acompanhar a rapidez que as mídias nos impõem. Não se pode parar. Tudo vem muito rápido e vai rápido também (MICHELLI, 2023).

Dentre todas as questões, a entrevistada tem desejos de uma educação melhor, que o professor seja mais valorizado monetariamente e mais respeitado por toda a sociedade.

Espero que ela continue aqui com uma estrutura cada vez melhor, que a gente tenha mais alunos, que a gente conserve a história da escola, porque a história que a escola tem, pelo município ser pequeno, e a maioria das pessoas do município ter passado por aqui, precisa ser preservada. Temos que manter esta tradição da escola ser uma comunidade, como pertencimento do povo do Meleiro. Se perguntar para todas as pessoas que passaram por aqui, cada um deles vai contar uma história nas suas rodas de amigos. Sempre tem um professor para lembrar, algum momento da vida dele tem algo que valha a pena lembrar (MICHELLI, 2023).

Mesmo nesses tempos difíceis, a escola continua sendo o centro de tudo. Lugar de respeito, de amizades, de boas lembranças e de muitas memórias. A escola é o centro de informações e formação acadêmica. Em tempos de mudanças, com as redes de internet, celulares cada vez mais sofisticados, a presença do professor na sala de aula é prioritária, a escola é necessária, a escola é boa, é positiva, salienta Michelli.

Para evocar memórias da infância, a entrevistada Josiane busca rememorar e expressar suas primeiras vivências dos anos de escola. Foi em um ambiente um pouco mais estruturado que o das outras entrevistadas. Pode-se notar, na fala de

Josiane, que a sua realidade escolar nos anos iniciais já era mais visível e estruturada.

Fui aluna desta escola no Ensino Médio. As séries iniciais estudei na escola de Educação Básica Sanga Grande, uma escola municipal. Fiz ali as séries iniciais. Depois, em 1999, vim fazer o Ensino Médio aqui nesta escola (JOSIANE, 2023).

Nesse ambiente escolar vivido e lembrado pela entrevistada, nota-se que existe uma estrutura organizacional diferente. Nela, cada turma tinha seu professor específico. Eram turmas seriadas e individuais. A escola dispunha de maior espaço físico, no qual cada turma tinha sua própria sala e cada disciplina com seu professor habilitado na área de atuação. Halbwachs(1990) afirma que cada um de nós é um ser único, porém, com algumas memórias semelhantes, sendo que pertencemos a vários grupos diferentes, ou desiguais. Em escolas, por exemplo, existem grupos maiores compostos por turmas e grupos de professores que se afinam, mas todos pertencem ao mesmo núcleo comum, que é a escola. Cada grupo possui suas características distintas, sejam coletivas ou individuais, mesmo sendo membro de um grupo maior (HALBWACHS, 1990). Para que nossa memória seja aprimorada, é necessário que as lembranças do grupo ao qual pertencemos estejam relacionadas aos eventos que compõem a nossa trajetória. Dessa forma, ao mencionar as memórias da infância das entrevistadas, percebe-se que em todas elas ocorreram fatos e momentos vividos; cada uma delas os experimentou em tempos diferentes e lugares distintos, porém com uma semelhança muito parecida. O que mais evidencia é o modo como essas memórias foram acumuladas ao longo do tempo e ainda permanecem vivas em cada uma delas. Isso porque a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo, que vai sendo atualizada enquanto memória viva e latente. Ela não se modifica, mas associa e restaura as lacunas do esquecimento. Recupera aquilo que está vivo na consciência do grupo que a mantém, aquilo que faz sentido, verdadeiro e original. Não se estagna e se mantém nos limites do grupo, pois só faz sentido para aqueles que vivenciam o seu passado, o que faz sentido é assimilado e atualizado (HALBWACHS, 1990, p.82).

A entrevistada Josiane Bosa Duarte Tramontin tem 39 anos. Possui formação acadêmica e especialização em artes visuais. É professora e assessora de direção na EEB de Meleiro. Josiane foi aluna desta escola no Ensino Médio.

Escolheu ser professora por admirar a profissão de professor. Em seus relatos, lembra com saudade dos amigos que fez na escola como aluna e como professora e das amizades que fez trabalhando em várias escolas. Ingressou como professora em 2015 e, em 2019, passou a exercer a função de assessora de direção. Para essa entrevistada, a EEB de Meleiro era vista com admiração por tudo que ela representava.

A escola é uma extensão da minha casa, é uma família para mim. É o lugar onde passo boa parte do dia, parte da minha vida. Tenho afetos por todos da escola. Vejo a escola como um ambiente familiar. Mesmo sendo o local de trabalho, o local onde exerço meu profissionalismo, mas, acima de tudo, é o local onde me sinto bem (JOSIANE, 2023).

Enquanto se observa Josiane falar, percebe-se em suas feições todo o amor dedicado à escola onde trabalha, onde suas filhas estudam e onde ela passa boa parte da vida. Nota-se que Josiane faz o que gosta, é entusiasmada, alegre e feliz, fazendo do trabalho uma extensão de sua própria casa. Para Josiane, a escola ajuda a superar dificuldades. Josiane foi aluna, é mãe de aluna e também professora e assessora. Quando questionada sobre sua visão da escola, ela relata quais dificuldades encontra:

É difícil! A parte da gestão escolar onde se trabalha gerindo pessoas e cada pessoa age de forma diferente das outras, tem pensamentos diferentes do todo, nesse processo, vejo que a escola tem por missão maior construir laços entre todos os segmentos da escola. A escola encontra muitas dificuldades, desafios que temos por obrigação enfrentar e tomar decisões assertivas para o bem comum. Penso que a escola precisa ter mais autonomia para gerir e encontrar soluções adequadas (JOSIANE, 2023).

Pode-se perceber que Josiane apresenta conhecimentos sobre a gestão da escola e sobre como gerir essas relações interpessoais que a todo momento se apresentam de várias formas, seja entre alunos, entre professores e a comunidade escolar.

Na escola tem de tudo! Tem a questão do relacionamento interpessoal que acaba distanciando uns dos outros e não se abrindo para o entendimento, que acaba desviando do processo que é ensinar. Temos aquele professor que não pesquisa, que não busca novas formas de ensinar, novas metodologias. Essa geração nova de professores não acompanhou a reforma da educação e não busca conhecer e reconhecer novos métodos, dificulta muito. Então, é necessário conhecer o passado para atuar no presente de forma contundente e eficaz, buscando entender os novos métodos de aprendizagens (JOSIANE, 2023).

Observa-se que, em suas narrativas, a entrevistada tem objetivos concretos para a escola e para sua atuação como professora.

Minhas intenções são de permanecer trabalhando nessa escola! Como professora de arte, tenho o objetivo de desenvolver ou criar um grupo de dança com alunos da escola, para estar atuando nos eventos escolares e da comunidade, seguindo a linha da dança, da ginástica, da expressão corporal, com atividades práticas, porque hoje o aluno está mais parado, está mais nas redes sociais do que nas atividades interacionais práticas. Hoje se vive muito no virtual e o presencial está deixando de ser algo prazeroso (JOSIANE, 2023).

A professora Maria Terezinha, a Dona Terezinha, como é mais conhecida, está com 84 anos e sua saúde está fragilizada, pois se encontra acometida pelo mal de Alzheimer. Na entrevista realizada, ela já não respondia com coerência às questões que lhe foram feitas. Cheguei a sua casa para uma entrevista sobre suas lembranças do tempo em que foi professora e diretora da escola que hoje leva o nome de Escola de Educação Básica de Meleiro. Entrei em sua casa como pesquisadora, mas também fui entrevistada. Minhas interrogações de pesquisadora foram além das capacidades da memória. Fico me perguntando onde estão as memórias de Dona Terezinha. Será possível encontrar nela alguns vestígios de suas lembranças? Confesso que foi bastante difícil e embaraçoso. A cada interrogação feita a ela, e em todas ela me questionava, sobre quem era essa pessoa? Quem é essa Terezinha? Ela fez um bom trabalho? Ela era uma boa pessoa? Dona Terezinha nasceu e sempre morou em Meleiro. Pessoa de muita estima e admiração pela comunidade escolar e por toda a cidade. Terminei a entrevista, ou melhor, a tentativa de entrevista me despedindo de Dona Terezinha e prometi que a convidaria para a inauguração do memorial da escola.

No dia da inauguração do memorial, observou-se o momento quando a diretora e professora aposentada Dona Terezinha adentrou no auditório, local do evento de inauguração do Memorial “Minha Escola Tem Memória”, e foi recebida com uma salva de palmas. Pudemos observar a emoção das pessoas ao vê-la ali. Foi um momento memorável. Mesmo acometida pelo Alzheimer, ela teve naquele momento lampejos de memória, reconhecendo algumas professoras e alunos

presentes no evento, até mesmo lembrando de algumas situações acontecidas no passado.

Pode-se questionar se as memórias que Dona Terezinha apresentou durante o evento são memórias ou lembranças reais. Será possível encontrar nela alguns vestígios de suas lembranças?

Segundo Halbwachs (1990, p.26), "nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros [...]". Quando o autor diz isso, significa que é por meio da união de indivíduos que a memória coletiva pode se manifestar, através de objetos que compartilham a mesma história, ali onde ela se revela. Por exemplo, ao compartilhar o mesmo objeto dentro de uma instituição, professores e alunos socializam suas experiências, aspectos que podem ter ocorrido na situação acima descrita.

É importante continuar caminhando lado a lado com as memórias, para poder acessá-las coletivamente, e, assim, reviver as experiências relacionadas às interações sociais como, por exemplo, os preceitos educacionais da instituição, os quais podem se encontrar nas pessoas, nos artefatos e objetos (HALBWACHS,1990). Sendo assim, a memória social é construída no convívio de grupos e na interação coletiva que se estabelece entre os membros de instituições, pois, assim, busca-se o seu bom funcionamento (HALBWACHS,1990).

No entanto, é possível encontrar as memórias de Dona Terezinha nos espaços da escola, nos objetos compartilhados e na convivência com outras pessoas e grupos do seu meio social (HALBWACHS,1990). Então, é possível que suas memórias estejam na coletividade, em seus membros familiares, nos colegas da escola, em seus ex-alunos e professores. Ainda cabe dizer que as memórias podem ser encontradas nas memórias coletivas e sociais (HALBWACHS,1990). Na memória coletiva, não há uma linha clara que delimite o passado do presente, apenas limites incertos e irregulares. O que se constitui em dois períodos históricos vizinhos. Se o grupo se desfaz, a história que o guarda também desaparece, pois é o grupo seu protetor. A lembrança de uma sociedade se estende até onde pode, ou seja, até onde alcança a memória dos grupos que a compõem (FEBVRE, 1938, p. 34). Pode-se concluir que uma memória só sobrevive enquanto o grupo se mantém, ou seja, se o grupo desaparecer, a razão pela qual ele existia já não se justifica, pois a memória só se mantém enquanto o grupo permanece ativo. É relevante destacar que a memória de uma sociedade se dissipa gradualmente pelas extremidades que

delimitam seus limites. À medida que seus membros se isolam em suas memórias individuais, elas tendem a desaparecer, mas, ainda assim, não param de se transformar. É difícil saber em que momento uma lembrança coletiva desaparece (HALBWACHS, 1990, p. 84).

Mesmo Dona Terezinha não evocando suas memórias individuais e coletivas dos tempos pretéritos da escola e da sua atuação como membro daquele grupo, temos a nítida impressão que outros componentes dos mesmos grupos evidenciam momentos coletivos que, em conjunto com Dona Terezinha, os vivenciaram. São fatos ocorridos em conjunto.

Dessa forma, a entrada de Dona Terezinha no recinto onde estava ocorrendo o evento “Minha Escola Tem Memória”, no dia 18 de novembro de 2023, causou comoção, admiração e emoções em todo o público presente! Naquele momento, a lucidez parcial de alguns momentos fica evidente. Ela reconhece seus colegas de trabalho, alguns de seus alunos e alguns fatos ocorridos. Como pessoa de muita estima, Dona Terezinha também se apresentou emocionada e foi aplaudida de pé! Naquele momento, pôde-se perceber que as memórias de Dona Terezinha estão em todas as pessoas que compartilharam de sua vida e de sua jornada nos anos em que foi membro atuante da escola. Cabe salientar que uma organização é moldada pelos hábitos da sua população e da comunidade em geral, sua trajetória se entrelaça com a história do local, das pessoas, do bairro ou do município. Os membros daquele grupo, seus proprietários, gestores e colaboradores trazem consigo suas próprias lembranças. Tendo a instituição um acervo com objetos, documentos ou fotografias, é possível, através delas, reconstruir a memória, preenchendo as lacunas por meio desses itens, que servem como estímulo para a recuperação dos lapsos de memória. Toda pessoa que visita o local do Memorial “Minha Escola Tem Memória” pode se beneficiar desse processo. Para evocar seu próprio passado, um indivíduo, muitas vezes, precisa recorrer às memórias de outras pessoas (HALBWACHS, 1990, p. 53-54).

Uma vez que temos em conjunto com nossas lembranças o esquecimento, é necessário que, em algum momento de nossa trajetória, ao buscar ajuda das outras pessoas, possamos evocar lembranças dissipadas e reconstruir a memória. Logo, é relevante ponderar que nunca estamos isolados (HALBWACHS, 1990, p.26), necessitando da presença de outras pessoas que percorrem ao nosso lado e nos

entendam, pois as recordações que permanecem em mim também permanecem nele, mesmo que nunca tenhamos nos encontrado.

A entrevistada Maria Terezinha Cardiga Pelegrini tem 84 anos. Exerceu a função de professora e diretora da EEB de Meleiro. Aposentou-se em 1989 com 28 anos de trabalho prestado à instituição de ensino. Dona Terezinha, como é mais conhecida, foi acometida pela doença de Alzheimer. Suas memórias foram afetadas a ponto de ela mesma não recordar com exatidão suas lembranças, não teve coerência nas respostas às questões que lhes foram feitas. Respondeu corretamente seu nome, sua idade e o dia em que nasceu. Depois disso, não respondeu a outras questões de forma que fizessem sentido. Nota-se que a doença está bem avançada e que, durante a entrevista, não apresentou lapsos de memória referente à escola e sua atuação como professora e diretora. Passaram-se os dias, e, perto da inauguração do memorial, foi entregue o convite para um de seus filhos. A expectativa de Dona Terezinha estar presente no dia do evento foi grande. Chegou no dia 18 de outubro de 23, e cada equipe se encarregou de cumprir suas tarefas. Mesmo com todas as dificuldades de saúde, idade e tempo, Dona Terezinha se fez presente ao evento, sendo recebida calorosamente por seus ex-colegas, amigos e professores. O momento de sua entrada foi de muitas emoções entre as pessoas, pois consideram Dona Terezinha uma pessoa que contribuiu muito para a escola. Embora acometida pela doença, naquele momento, Dona Terezinha teve lapsos de memória e reconheceu algumas pessoas, tecendo alguns comentários, e foi ovacionada com grande salva de palmas.

Quadro 10 – Principais falas das entrevistadas da categoria “acervo do conhecimento”.

Entrevistada	Excertos das entrevistas
Lúcia	Eu concluí o Normal Regional em 1964. A primeira série foi em 1956, foram 4 anos da primeira à quarta série, depois tinha o 5º ano, que a gente fazia o exame para entrar no 5º ano. Assim, fazia o 4º, depois fazia um exame para poder entrar no 5º ano... se falava em exame de admissão.
Luciani	Nesta escola comecei a estudar. Nesta escola comecei a ser professora. Foi meu primeiro trabalho e, nesta escola, me aposentei. Minha história é grande aqui dentro. Comecei a estudar nesta escola em 1975, eu tinha cinco anos, em 1975 e 1976. Eu fiz a educação infantil aqui, na época era pré-escola, pré-escolar I e pré-escolar II. Não existia a educação infantil. A gente começou a vir para a escola a partir dos cinco anos. Estudei no Fundamental I, do 1º ao 4º ano fiz aqui também. Depois fiz o Fundamental II, de 5ª a 8ª série. Aqui não existia Ensino Médio.
Mera	Fiz o ginásio nesta escola, o antigo ginásio, porque os anos iniciais, do primeiro ao quarto ano, foi na escola da comunidade de Sanga das Pedras. Escola

	multisseriada. Minha primeira professora foi a Dona Arina Boteon Delfino. Comecei a estudar nesta escola nos anos de 1974 a 1978, quando comecei no 5º ano. Foi uma grande expectativa, pois no próximo ano eu iria estudar em Meleiro, na escola grande. O que não aconteceu. Depois da 4ª série, eu parei por um ano, meus irmãos também pararam de estudar na 4ª série. Depois, eles voltaram a fazer o ginásio. Eu lembro que tinha três irmãos em idade escolar, mas não estudavam. Em uma de minhas memórias que tenho é com relação aos diretores da escola do Meleiro, do ginásio, que iam às casas fazerem uma campanha de incentivo para que as famílias orientassem seus filhos a voltarem aos estudos.
Michelli	Estudei aqui nesta escola no Fundamental II, da 5ª a 8ª série, eu tinha 10 anos. O Fundamental I fiz na escola isolada de Rio do Meio, eu morava lá. Na metade da 4ª série, meus pais se mudaram e fui estudar no Núcleo, mas não gostei e, no ano seguinte, vim estudar aqui. Fiz todo o Fundamental II aqui nesta escola e o Ensino Médio também.
Josiane	Fui aluna desta escola no Ensino Médio. Nas séries iniciais, estudei na Escola de Educação Básica Sanga Grande, 1ª a 4ª série. Depois, em 1999, vim fazer o Ensino Médio aqui nesta escola. Vim para esta escola de remoção no mês de outubro de 2015.

Fonte: Entrevistas realizadas pela autora, 2023.

Observa-se, na fala das entrevistadas, que elas embasam-se em suas memórias individuais, coletivas e sociais para expressar sentimentos suscitados por lembranças que emergem ao recordar sobre as primeiras vivências com a escola. Conteúdos memoriais que emocionam as entrevistadas quando relatam sobre suas experiências escolares ao expressarem suas memórias, podem evidenciar memórias afetivas que emergiram em relacionar o passado com a atualidade.

A segunda categoria analisada refere-se à “aquisição de informações”, em que novos significados das informações são absorvidos e incorporados pela memória organizacional. Envolve a identificação das fontes mais expressivas e a seleção dos registros mais significativos.

Nessa categoria, tem-se o entendimento de que as entrevistadas possuem conhecimentos e informações vividas sobre o passado da escola. Observa-se que elas trazem conhecimentos individuais, coletivos e sociais.

Nessa etapa das entrevistas, feitas quase todas no local do memorial, vê-se que as entrevistadas possuem acervos memoriais do ambiente e da escola. Pode-se observar que Dona Alvina conta sua história de vida que se entrelaça com a história da comunidade de Meleiro e de sua própria família.

Alguns dos meus irmãos mais velhos eram analfabetos. Não tinha escola! Não tinha nada! Aqui era só índio, animais e mato! Os índios... não sabiam

o que fazer, não tinham instrução nenhuma, viviam nos matos, então começaram a roubar. Roubavam! É naquela escola onde tá hoje, aquele chão ali, um hectare de terra, que foi meu pai quem deu. Eu me aposentei ali. Eu trabalhei por 28 anos. Eu comecei a trabalhar em 1961, me aposentei em 1989 (ALVINA, 2023).

Ao relatar suas lembranças sobre o passado da escola, Alvina deixa evidente as contribuições que sua família fez para a educação do município. Pessoa de memória indelével, tudo está registrado e é evidenciado por ela própria, fazendo questão de frisar um momento: “Aqui era só índio, animais e mato! Os índios não sabiam o que fazer, não tinham instrução nenhuma, viviam nos matos, então começaram a roubar!”

Os costumes e rotinas diárias relatados por Alvina ganham sentido e significado através dos momentos vividos ao longo de sua vida e que são armazenados na memória. Segundo Graebin (2013, p.4), “é a memória que nos permite estabelecer relação entre as vivências presentes e as anteriores, religar dois instantes um ao outro”; por isso, a relação que cada um tem com os diferentes grupos sociais vai enriquecendo a memória coletiva.

Eu me aposentei ali. Eu trabalhei por 28 anos. Eu comecei a trabalhar em 1961, me aposentei em 1989. Sempre na mesma escola. Aquilo ali foi minha vida. Me recordo de como tudo começou! Eu nasci aqui, me criei e tô morando aqui ainda graças a Deus! Por que o meu pai foi o primeiro morador de Meleiro, o primeiro! Aqui não tinha nada, nenhuma picada, nenhuma estrada, não existia nada. Tudo era mato, índio e bicho (ALVINA, 2023).

Durante a entrevista com Dona Alvina, foi notável o orgulho de seu passado e do quanto sua família fez pela escola, embora enfatize que seus irmãos mais velhos não tiveram a oportunidade de estudar por falta de escola e de professor. “O indivíduo é sempre o que permite que ele seja”, escreve Febvre, “tanto sua época quanto seu meio social” (FEBVRE, 1938, p.34). As relações entre pensamentos, comportamentos e gostos são moldadas pelas memórias, e é nelas que se encontram possibilidades para novas circunstâncias, nas quais o passado pode ser revivido. A compreensão entre um indivíduo ou um grupo pode diferir em todos os sentidos, na sua percepção das relações, seja criando ou recriando memórias viáveis, a partir da geração constante de novos significados, tanto para os indivíduos quanto para a coletividade.

O ambiente escolar continua sendo o centro de quase tudo, ainda nos dias atuais. É ali que as memórias individuais e coletivas são exteriorizadas, seja na medida que as interações são compartilhadas com os grupos e entre os diversos grupos da escola. A entrevistada Luciane relata que *“A escola era nosso centro, a escola era tudo para nós, tanto para fazer amizades, quanto para o nosso desenvolvimento. O objetivo das famílias e dos estudantes era crescer na vida, era se tornar alguém, ter uma profissão”*. E nessas interações, com os diversos grupos da instituição, é que as memórias são recuperadas, recordadas, interiorizadas e, de certa forma, externadas. Para Halbwachs (1990), as memórias são coletivas porque são recordadas por outras pessoas que as vivenciaram, ou não; experiências semelhantes às nossas. Isso ocorre porque, na verdade, nunca estamos sozinhos, não é necessário que os outros estejam presentes, que se diferenciam fisicamente de nós: pois temos constantemente em nós uma série de pessoas que não se misturam (HALBWACHS, 1990, p.26), mostrando que as memórias sofrem influência das relações sociais. Notadamente, os campos de aquisição de informações também são evidenciados na fala da entrevistada Mera, quando expressa suas emoções ao recordar que adorava estudar, mas suas condições humanas e familiares não lhe oportunizaram na época certa e na idade correta. Observa-se que ela alimentou esse desejo muito latente, pois a todo momento que uma oportunidade era avistada, ela aproveitava para internalizar mais conhecimentos.

Eu adorava estudar! E foi bem difícil minha adaptação em outra escola, ainda mais na cidade, porque parei de estudar por um ano depois da 4ª série. Via que minhas amigas seguiram em frente. Quando retornei na escola da cidade foi bem difícil minha adaptação. Minha amiga e meus conhecidos, assim como meus irmãos, estavam em outras etapas. Eu não conseguia entender os meus colegas, claro, eu era mais velha, então aquilo não era pra mim. Só o tempo me trouxe estabilidade emocional e pude fazer amigos na escola (MERA, 2023).

As relações e vivências da escola são percebidas e reconhecidas de forma natural por essa entrevistada, mesmo durante o processo de organização do memorial. A cada objeto selecionado, as lembranças vinham-lhe à tona e eram relatadas por ela de forma carinhosa fazendo uma relação com os dias atuais. Outra forma de perceber as coletividades e as relações sociais de uma escola foi vista durante o evento intitulado *“Minha Escola Tem Memória”*, que aconteceu no dia 18 de novembro de 2023. Durante o cerimonial de abertura, quando os ex-alunos,

ex-professores, autoridades e conhecidos se reencontram, viam-se os abraços calorosos, a contação de histórias, o sorriso alegre das pessoas pelo momento de encontro oportunizado. Em outro momento, enquanto um dos integrantes da mesa fazia uso da palavra, se avista a entrada de Dona Terezinha que, aos seus 84 anos, se fez presente. Foi recebida calorosamente pelos amigos e com grande salva de palmas. Nesse momento, a emoção tomou conta dos presentes no evento. Dona Terezinha, acredito que pelo calor da emoção, foi capaz de reconhecer suas amigas e colegas de trabalho, também reconheceu alguns de seus alunos.

A entrevistada Josiane relata que a escola é o lugar onde se sente bem e feliz:

A escola é uma extensão da minha casa, é uma família para mim. É o lugar onde passo boa parte do dia e da minha vida. Tenho afetos por todos da escola. Vejo a escola como um ambiente familiar. Mesmo sendo o local de trabalho, o local onde exerço meu profissionalismo, mas, acima de tudo, é o local onde me sinto bem (JOSIANE, 2023).

A escola conta sua trajetória através do acervo material e imaterial, através de objetos, documentos ou fotografias, sendo possível adquirir conhecimentos que servem como estímulos para a recuperação dos lapsos de memória. Isso também se evidencia nas entrevistas realizadas para o estudo desta pesquisa.

Quadro 11 - Fala das entrevistadas na categoria “aquisição de informação”.

Entrevistada	Excertos das entrevistas
Lúcia	Fui aluna, professora e secretária por muito tempo nesta escola. Primeiro, fui professora, depois fui secretária, me aposentei como secretária da escola. Eu concluí o Normal Regional em 1964. Fiz até a 4ª série e depois, para entrar no 5º ano, fiz o exame admissão. Me formei em 1964 no Curso Normal Regional Papa João XXIII.
Alvina	Alguns dos meus irmãos mais velhos eram analfabetos. Não tinha escola! Não tinha nada! Aqui era só índio, animais e matos! Os índios... não sabiam o que fazer, não tinham instrução nenhuma, viviam nos matos, então começaram a roubar. Roubavam! É naquela escola onde tá hoje, aquele chão ali, um hectare de terra, foi meu pai quem deu. Eu me aposentei ali. Eu trabalhei por 28 anos. Eu comecei a trabalhar em 1961, me aposentei em 1989.
Luciani	Estudei no Fundamental I, do 1º ao 4º ano. Depois, fiz o Ensino Fundamental II, de 5ª a 8ª série. o Ensino Médio fiz no CNEC, nos anos de 1985 a 1987. A escola era nosso centro, a escola era tudo para nós, né, tanto para amizades,

	para a gente se desenvolver. O objetivo era crescer na vida, era se tornar alguém, ter uma profissão.
Mera	Aqui nesta escola comecei a estudar de 1974 a 1978, no 5º ano. Quando terminei o 4º ano na Sanga das Pedras. Éramos quatro irmãos e todos vinham juntos. Parei de estudar por um ano, mas não via hora de chegar o final daquele ano para que eu voltasse a estudar. Eu adorava estudar! E foi bem difícil minha adaptação, porque parei um ano de estudar depois da 4ª série e minha melhor amiga estudava em outra turma. Tive que fazer o exame de admissão, era uma prova de sondagem para ver como eu estava em português e matemática para compor as turmas. Havia uma divisão entre alunos do interior e os da cidade. A turma A estudava de manhã e a B a tarde. Era bem nítida essa divisão.
Michelli	Comecei a dar aulas em 2011 nesta escola (ACT). Trabalho há 10 anos nesta escola, como professora efetiva. Fui aluna desde a 5ª série, eu tinha 10 anos, depois fiz o Ensino Médio aqui também. Fiz as séries iniciais na Escola Isolada Multisseriada Rio do Meio. Conheço bastante a história desta escola através do meu pai, que estudou aqui. Ele vinha de bicicleta do Rio do Rio do Meio até aqui, quando chegava tomava café com pão. Ele estudou nesta sala aqui onde está o memorial.
Josiane	Eu sou professora com graduação e licenciatura em artes visuais. Fui aluna desta escola no Ensino Médio. Nas séries iniciais, estudei na Escola de Educação Básica Sanga Grande, 1ª a 4ª série, escola municipal. Depois, em 1999, vim fazer o Ensino Médio aqui nesta escola. Aqui também trabalho. Vim para esta escola como professora de remoção no mês de outubro de 2015. A princípio, fiquei atribuída à escola; depois, no final do ano, a professora titular de arte estava em licença, então, tive contato com os alunos em dezembro do mesmo ano. Depois, em 2016, estava com 10 horas de aula e fui chamada para trabalhar 30 horas na secretaria da escola.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A terceira categoria analisada refere-se à “retenção do conhecimento”, que é o processo de armazenar e manter as informações adquiridas, refere-se à retenção dos processos da mente organizacional ao longo do tempo. Isso envolve o processo de organização, classificação e catalogação das informações obtidas de forma disponível e duradoura.

Nessa categoria, tem-se o entendimento de que, para a adoção de decisões assertivas, é fundamental que a instituição tenha uma memória organizacional forte (WALSH; UNGSON, 1991), construída a partir da história que é transmitida de pessoa para pessoa. Abrange elementos documentais de experimentos que formam os conceitos da Memória Organizacional. São os elementos e as estruturas de retenção da informação e sua recuperação. Isso permite que a escola guarde o conhecimento adquirido ao longo dos anos e possa consultá-lo quando necessário.

A proposta de organização do memorial da escola como repositório de memórias vem elucidar as falas das entrevistadas.

A retenção do conhecimento é relatada na fala da entrevistada Lúcia quando expressa saudades do tempo da escola expressadas por sorrisos e expressões alegres. Nesse momento, é notável o olhar marejado, como se ali estivesse uma tela e que Lúcia pudesse vislumbrar cenas do cotidiano escolar de sua época e de seus amigos.

Tenho saudades do tempo de escola! Bastante saudade! Bah! É que foi bom, um período bom! Então, tudo o que a gente gosta, sente mais a saudade, a falta né? Eu gostava bastante quando os pais vinham à escola fazer a matrícula, como a gente gostava! Como eu gostava. Gostava de conversar com os pais (LÚCIA, 2023).

Lúcia olha para o cenário em torno, observa os móveis e os objetos com expressões agradáveis e de sentimentos bons. Ela recorda seus momentos vividos ali e os traduz em sorrisos. A maneira como eram guardadas as informações na época em que Lúcia foi professora e secretária da escola proporcionou a recuperação das informações desta instituição e sua reorganização através do memorial físico da escola em espaço adequado e específico para esse fim. Dessa maneira, foi possível recuperar informações e organizar de forma sistemática todos os documentos e objetos que estavam em vários locais da escola. Para Walsh e Ungson (1991), uma organização não está ligada a características distintas, mas é fundamental destacar que uma instituição possa tomar decisões assertivas, é necessário que ela tenha uma memória organizacional forte, construída a partir da história que é transmitida de pessoa para pessoa, contendo elementos que formam os conceitos da MO, que são os elementos e as estruturas de retenção da informação e sua recuperação.

A entrevistada Lúcia Cardiga Coelho tem 77 anos. Exerceu a função de professora e secretária da escola. Possui Formação acadêmica no Curso Normal Regional Papa João XXIII, concluído em 1964. Iniciou seus estudos no ano 1953, na primeira série. Atuou como professora depois de formada no curso Normal Regional, que a habilitou a ser professora das séries iniciais; com isso, ingressou na escola por concurso público; a princípio, foi professora e, depois, exerceu a função de secretária da escola. Naquela época, a escola tinha o nome de Grupo Escolar Sérgio Lopes Falcão (Lúcia, 2023).

Nota-se que a entrevistada Lúcia se emocionou ao lembrar seus tempos de escola; suas expressões mudaram a cada lembrança relatada. Pode-se notar um olhar nostálgico para seu passado, quando Lúcia relata que poderiam ter cuidado mais das coisas antigas, como a usina elétrica da qual seu pai foi fundador e que forneceu energia elétrica para a escola.

...meu Deus, o que a gente tinha nas mãos... a gente se lamenta de não ter preservado, mas a gente não dá conta de tudo, né? Na época, a gente dava valor, sim, porque meu pai foi o fundador da usina elétrica... Meu Deus! Foi meu pai (LÚCIA, 2023).

Questionada se sentia saudades da escola, Lúcia relata que gosta de reviver momentos do passado da escola, gosta de folhear livros antigos. *Eu gosto de reviver assim, como esse livro antigo (folheando o livro antigo), eu gosto de folhear, de lembrar dessa época...*

O que mais lhe chama atenção é a sineta da escola, quando ela ouve soar a sineta, ela se reporta ao seu tempo de escola. *Objetos... eram tantos, que... a sineta! A sineta marcava bastante. Aquele sinal, assim... (gestos: balançava a mão) Lembro-me muito da sineta.* Lúcia relata que o professor era muito valorizado tanto em respeito como pelo salário, que era bom. Lúcia gostava do seu tempo de escola:

Bastante! Bah! É que foi muito bom, um período bom! Então, tudo o que a gente gosta, sente mais a saudade, sente falta né? Eu gostava bastante quando os pais vinham à escola fazer a matrícula, como a gente gostava! Como eu gostava. Gostava de conversar com os pais (LÚCIA, 2023).

Vale ressaltar que a entrevistada Josiane, que exerce a função de assessora da escola, tem visibilidade diferente do professor de sala de aula. Estar nesta função lhe possibilita ver o todo da escola.

Na escola como instituição, tem de tudo! Tem a questão do relacionamento interpessoal que acaba distanciando dos outros e não se abrindo para o entendimento, se acaba desviando do processo que é ensinar. Temos aquele professor que não pesquisa, que não busca novas formas de ensinar, novas metodologias. Essa geração nova de professores que não acompanhou a reforma da educação e não busca conhecer e reconhecer novos métodos dificulta muito. Então, é necessário conhecer o passado

para atuar no presente de forma contundente e eficaz, buscando entender os novos métodos de aprendizagens (JOSIANE, 2023).

A busca por conhecimento é proveniente de diversos locais, tanto internos quanto externos. No ambiente interno, nos repositórios de informações (que incluem indivíduos, funcionários, cultura, transformações, estruturas e ecologia), é onde se encontra o conhecimento. A informação é assimilada por todos, mas é dividida em várias instalações, incorporada e adicionada à memória organizacional (WALSH; UNGSON, 1991).

A quarta categoria analisada refere-se à “recuperação das informações”, que é a habilidade de acessar e recuperar as informações armazenadas na memória organizacional. Refere-se à recuperação dessas informações na busca quando necessário (WALSH; UNGSON, 1991). Para que uma informação seja eficaz e eficiente, é necessário que a instituição tenha um método eficiente de busca que seja veloz e relevante a ponto de serem buscadas sempre que necessário (WALSH; UNGSON, 1991).

A busca mais específica pode ser facilitada através do desenvolvimento de um método de busca rápida. É possível recuperar a memória organizacional utilizando informações presentes nos bancos de dados digitais, catálogos, materiais didáticos e arquivos organizados por tópicos (WALSH; UNGSON, 1991). Com isso, os professores, administradores e equipe pedagógica encontram as informações e referências necessárias para planejar seus projetos e suas aulas, a fim de promover uma educação de qualidade baseados nos acontecimentos pretéritos e nos arquivos guardados.

Nossa entrevistada Michelli vê a escola com uma comunidade, onde se pode obter conhecimento, cultura e ter vivências sociais. A escola tem uma história, uma trajetória antiga que é capaz de atravessar o tempo.

Espero que ela continue com uma estrutura cada vez melhor, que a gente tenha mais alunos, que a gente conserve a história da escola, porque a escola tem, pelo município ser pequeno, e a maioria das pessoas do município ter passado por aqui precisa ser preservada. Temos que manter esta tradição da escola ser uma comunidade, como pertencimento do povo do Meleiro. Se perguntar para todas as pessoas que passaram por aqui, cada um deles vai contar uma história nas suas rodas de amigos. Sempre tem um professor para lembrar, algum momento da vida dele tem algo que valha a pena lembrar (MICHELLI, 2023).

Entretanto, a estrutura organizacional do memorial escolar possibilita maior compreensão do todo da escola, através do objetos, documentos e artefatos, possibilitando aos estudante uma visão mais ampliada do passado para organizar o futuro. Essa estrutura facilita a busca por determinado assunto, influenciando nas medidas e tomadas de decisão, no comportamento dos indivíduos e nas relações com o ambiente. Dessa forma, os papéis exercidos pelos indivíduos tornam-se a ligação entre as memórias individuais e a MO, configurando-se uma base de dados na qual o conhecimento é armazenado (WALSH; UNGSON, 1991). O ambiente pode auxiliar estudantes e professores a buscar soluções adequadas ao processo de ensino e aprendizagem, para redesenhar e legitimar as normas e atitudes na organização. Outro tema relevante são as fontes externas, que auxiliam na busca por outras informações. Nesse caso, essa fonte externa foi buscada através de entrevistas semiestruturadas para dar base aos estudos. Se a memória das pessoas não der conta, é possível recorrer a fontes externas.

Mera foi aluna, mãe, professora e hoje é assessora de direção na escola onde trabalha, ou seja, na EEB de Meleiro. Mera possui uma visão bem detalhada de cada etapa vivida na escola, sempre exercendo suas funções com muito empenho e dedicação. Em relação à recuperação de informações, ela se apega a suas próprias memórias e aprimora estudando e revisitando os objetos, documentos e artefatos do memorial.

Eu participava de todos os eventos em que a escola organizava. Nessa época, era nítida a distinção de cada professor com suas turmas, aqui a escola não era multisseriadas, eram turmas unisseriadas com um professor para cada turma. Neste sistema, a comunicação entre escola/professor e família era facilitado. Eu notava muito empenho das professoras do primário [séries iniciais] com um método bem sistemático. Havia muito incentivo para a continuidade dos estudos. Neste período, começaram as feiras de ciências na escola aberta para a comunidade. Havia um empenho muito forte por parte dos professores em organizar e chamar a comunidade para as visitas e também para colaborar em algumas tarefas (MERA, 2023).

Nota-se que a entrevistada possui um vasto conhecimentos sobre a história da escola, mas, ao se deleitar na observação de certos artefatos ou livros e documentos armazenados, suas expressões mudam, para um patamar mais evoluído, pois, através do memorial, suas lembranças são aprimoradas. O acesso ao conhecimento guardado de uma organização é necessário para a melhoria e a

transferência de informações por similaridades, individualmente ou em grupo, a fim de tomar decisões assertivas para o futuro.

Para Walsh e Ungson (1991), a MO assume três papéis importantes na organização: o papel informacional, o papel de controle e o papel político. Conhecendo esses papéis desempenhados pelos indivíduos enquanto gestores e tomadores de decisão nas organizações, os autores postulam proposições de como acontece o uso inapropriado e o abuso da MO na vida organizacional (TELLES, 2013, p. 38).

A investigação por informações e saberes guardados no memorial e nas pessoas é essencial para a transmissão de lembranças individuais ou coletivas. Desse modo, as lembranças anteriores da escola se tornam indispensáveis para a construção do conhecimento e para futuras ações (WALSH; UNGSON, 1991).

O sistema de guarda de documentos e informações da escola, na época em que a entrevistada Lúcia exerceu suas funções de secretária da escola, era feito em pastas individuais guardadas nos armários da secretaria. Quando precisava de alguma informação ou documentos, era ali nas pastas que se encontrava, mas tudo só era permitido pela diretora. Era ela quem cuidava e armazenava os documentos. Outras informações eram obtidas com os órgãos superiores e que se buscava em outras cidades maiores. Muitas coisas eram resolvidas através do correio.

Bem, no início não tinha telefone. As informações vinham pelo correio. Os documentos da escola como notas, orientações, as decisões tomadas, atas, eram guardadas na secretária, ali na secretaria que tinha a guarda de documentos em pastas, tudo era guardado ali. Havia também a despensa, onde eram armazenados os alimentos para a merenda escolar. Quando precisava de alguma informação, eu buscava com a diretora, era ela a responsável por tudo na escola. Nada saía dali sem a permissão dela. Muitas vezes, a gente ia a Criciúma, que era a nossa regional, a gente se deslocava para lá quando precisava de qualquer coisa. No início, eu ia de ônibus, depois eu ia de carro, pois eu já tinha um carro (LÚCIA, 2023).

A quantidade de arquivos gerados na sociedade atual é elevada, o que inviabiliza o armazenamento físico de todos eles, surgindo novas formas de conservação (ASSMANN, 2011 p. 5). A autora salienta que o arquivo pode ser considerado como o depósito do passado, assim como objetos em uma mostra.

Esses registros, mesmo que não tenham uma intenção explícita, representam a sua época.

As evidências indicam que as memórias de infância das entrevistadas emergiram, mesmo em épocas diferentes. Observa-se que elas se referem às suas memórias individuais, coletivas e sociais entrelaçadas para expressar seus sentimentos e suas lembranças. Foi nítida a emoção na fala de cada uma das entrevistadas no sentido de recordar a passagem pela escola, seja ela, isolada, multisseriada ou a escola na qual nos referimos neste estudo.

Para Halbwachs (1990), a memória social é adquirida em sociedade, sendo assim, é por meio dela que as pessoas se recordam, relatam e identificam suas memórias.

7 PRODUTO FINAL: MEMORIAL “MINHA ESCOLA TEM MEMÓRIA”

7.1 Sumário executivo do produto final

A proposta de produto final, uma vez que o mestrado cursado é do tipo profissional, denominado Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, foi reestruturar o memorial da Escola de Educação Básica de Meleiro, em Meleiro, Santa Catarina. O objetivo é o de reavivar e de salvaguardar memórias individuais, coletivas e sociais. Diante disso, surge a ideia de organizar esses objetos e artefatos com suas histórias em um local que ficassem protegidos e que servissem de repositórios para estudos, servindo de apoio para alunos, professores e comunidade interna e externa que ajudem a contar a trajetória da EEB de Meleiro através do memorial “Minha Escola Tem Memória” ao longo do tempo. Lançamos a ideia na escola e foi bem aceita pela comunidade escolar, e cada um contribuiu com aquilo de que dispunha.

A realização e reorganização do memorial da escola nos leva a pensar para além dos artefatos, nas pessoas que fazem e fizeram parte da construção das memórias que esses artefatos representam. Com esse pensamento e na escuta de histórias passadas, torna-se necessário a organização do espaço memorial para que seja duradouro.

E foi dessa maneira que, no dia 18 de novembro de 2023, aconteceu a inauguração do Memorial “Minha Escola Tem Memória” juntamente com o 1º encontro de ex-alunos, ex-professores, convidados, alunos e professores em atividade com o título “I Encontro Minha Escola Tem Memória”. Para os participantes do evento, foi entregue uma lembrança. Na imagem 10, tem-se a mestranda, que entregou a lembrança à professora e diretora com mais tempo de serviço no cargo, senhora Maria Terezinha Cardiga Pelegrini.

Figura 10 - Entrega da lembrança para D. Maria Terezinha Cardiga Pelegrini



Fonte: Acervo da autora, 2023.

As etapas para a organização e inauguração do Memorial "Minha Escola Tem Memória" foram:

Quadro 12 - Etapas do processo do Memorial "Minha Escola Tem Memória".

Etapa	Descrição
1	Elaboração de roteiro de organização do Memorial "Minha Escola Tem Memória". Catalogar os equipamentos, etiquetar e organizar de forma sistemática cada produto e cada documento em ordem cronológica e por assunto.
2	Elaboração da lista de convidados, organizar o <i>folder</i> com o convite, criar e confeccionar a lembrança "I Encontro Minha Escola Tem Memória".
3	Organização das equipes responsáveis pelas tarefas: equipe de acolhida, equipe para o cerimonial, equipe da decoração, equipe para servir o almoço, equipe da cozinha, contratar fotógrafo. A organização das equipes foi: Equipe de acolhida: Luzia e Josemeri; equipe do cerimonial: Josiane, Luzia e Josemeri; equipe de decoração: Josemeri, Michelli e professores orientadores de convivência; equipe para servir o almoço: Michelli, Ana Paula, Jessana, Giseli; equipe responsável pelo risoto: Josiane, Luzia, Josemeri e mais professores e membros da APP/CDE.
4	Escolha do dia 18 de novembro de 2023 para a inauguração do Memorial "Minha Escola Tem Memória".

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

O evento foi marcado para o dia 18 de novembro de 2023, às 9 horas, no auditório da EEB de Meleiro. O início ocorreu com um pouco de atraso, em decorrência das fortes chuvas na região. A cerimônia de abertura foi comandada pela assessora da escola Josiane Bosa Duarte Tramontin. O cerimonial ocorreu seguindo o seguinte protocolo.

O quadro 13 apresenta o protocolo de abertura do Memorial “Minha Escola Tem Memória”, contemplando evidências fotográficas de cada momento do evento.

Todas as fotografias contendo pessoas foram autorizadas para uso e divulgação de imagens, áudio e vídeo.

Quadro 13 - Evidências fotográficas de cada momento do evento.

EEB DE MELEIRO - CERIMONIAL DE ABERTURA DO MEMORIAL “MINHA ESCOLA TEM MEMÓRIA”, em 18 de novembro de 2023

09 horas: Abertura do evento.

10 horas: **Solenidade de inauguração do memorial.**

Senhoras e senhores, bom dia!

Sejam todos bem-vindos à EEB de Meleiro, ao cerimonial de abertura do I Encontro “Minha escola tem Memória”. O objetivo é lembrar para viver. Que hoje seja um momento de encontros, memórias, saberes e cultura. A escola preparou esse dia com muito carinho para todos os alunos, professores, funcionários, ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários que fazem e fizeram esse dia acontecer. Iniciamos nossa apresentação cultural com o ex-aluno Tales cantando a música “Seguindo em frente”, do compositor Almir Sater.

Cerimonialista Josiane Bosa Duarte Tramontin e o cantor Tales Daniel.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

2- APRESENTAÇÃO CULTURAL

Música “seguinto em Frente” com o violonista e cantor Tales Daniel.

Foto do cantor Tales Daniel, ex-aluno.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

3-COMPOSIÇÃO DA MESA

Para compor a mesa, convidamos:

Prefeito Municipal de Meleiro: Eder Mattos.

Coordenador Regional de Educação de Araranguá: Luiz Carlos Pessi.

Diretora da escola: Luzia Crepaldi.

Secretaria da Educação Municipal de Meleiro: Érica Merêncio Pagnan Nazário.

Presidente da APP: Érica Cividini Scarduelli.

Representante CDE: Adriana Martins.

Representante do Grêmio Estudantil: Mariana Fabris Urbano.

Vereadores presentes.

Entrega da lembrança aos componentes da mesa - 8

Foto - Entrega da lembrança ao prefeito municipal Eder Mattos.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

4- INICIAMOS COM O HINO NACIONAL.

Convidamos os presentes, em posição de respeito, para cantar o Hino Nacional.

Foto da composição da mesa no momento do Hino Nacional.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

5- Exibição de vídeo sobre o histórico da escola.

O vídeo institucional alusivo aos 103 anos da escola foi feito pela ex-aluna e assessora Josiane Bosa Duarte Tramontin. Esse produto técnico encontra-se disponível no *link*: <<https://drive.google.com/file/d/1NY-x4ZssUnAsLVfdENjpb6Tr-mgZeNBo/view?usp=sharing>>

6- Homenagem aos diretores dessa escola.

Iniciamos nossas homenagens aos nossos diretores, que com muito empenho e luta diária, buscaram o bem-estar de toda comunidade escolar e o zelo pelo futuro dos seus alunos. Recebam nossa estima e gratidão.

Quadro 14 - Quadro de diretores da escola a partir de 1965.

NOME	PERÍODO	DURAÇÃO	
Adi Emilia Acordi	1965 - 1973	7 anos	1ª diretora
Maria Terezinha Cardiga Pelegrini	1973 -1988)	15 anos	2ª diretora
Fanir Alexandre Ronchi	1989 - 1990		3ª diretora Foi a 1ª Primeira diretora do Ensino Médio.
Maria Arlete da Rocha Piazza	1989 - 1990	2 anos	4ª (<i>in Memoriam</i>)

Rosângela Maria Piazza Meller	1991 – 1992	2 anos	5ª diretora
Ruth de Farias Coral	1993 – 1994	2 anos	6ª diretora
Rosângela Maria Piazza Meller	1995 – 1998	4 anos	7ª diretora
Pedro Paulo Mezzari	1999 – 2000	2 anos	8ª diretor (<i>in Memoriam</i>)
Alaíde Terezinha Preis Gabriel	2001 – 2002	2 anos	9ª diretora
Rosane Zanette Trevisol	2003	1 ano	10ª diretora
Goreti Felisberto Dordete	2004 – 2005	2 anos	11ª diretora
Gisele Olivo Fermo	2006 -2008	3 anos	12ª diretora
Maria Bernardete Piazza Maccarini	2009 – 2015	7 anos	13ª diretora
Rosemeri Ostetto	2016 – 2018	2 anos	14ª diretora
Luzia Crepaldi	2018 - 2023	5 anos	15ª diretora

Foto das ex-diretoras, ex-professoras, ex-orientadora educacional, ex-secretária presentes ao evento, no recinto do memorial.



Fonte: Crepaldi (2023).

Da esquerda para a direita

1 Ex- secretária Lúcia Cardiga Coelho - 1964 a 1994;

2 Ex- diretora Fanir Alexandre Ronchi - 1989 a 1990;

3 Ex- professora e ex-aluna Elisa Macarini;

4 Ex- orientadora Elizabeth Scardueli;

5 Ex- diretora Alaíde Terezinha Preis Gabriel - 2001 a 2003;

6 Ex- professora Dona Gi (Genir Amboni Scardueli);

7 Ex- diretora Rosângela Maria Piazza Meller - 1991 a 1992 / 1995 a 1998.

7 – Homenagem aos nossos professores, representados pelos professores aposentados na gestão da atual diretora Luzia Crepaldi nos anos de 2019 a 2023.

Cleusa Maria Scarduelli, Carla Jociane S. Scarduelli, Rosemeri Ostetto, Voneci de Souza, Luciane Terezinha De Luca, Cláudia da Silva Fernande e Eliane Terezinha Piazza Borges.

Foto da entrega da lembrança para a professora aposentada em 2023 Eliani Terezinha Piazza



Fonte: Acervo da autora, 2023.

8- Homenagens professores e ex-professores presentes.

Os ex-professores presentes poderão dirigir-se à frente para receber nossa homenagem.

Neste dia, queremos expressar nossa gratidão a todos os professores que, por horas, dias, meses ou anos, dedicaram-se e compartilharam seu conhecimento.

Quem não se lembra dos professores que marcaram sua vida, daquela aula cuja matéria era muito interessante, daquela bronca não bem recebida pela imaturidade? Dos jeitos particulares e únicos de cada um lecionar? Quem não se lembra da rigidez cobrada para cumprimento do

respeito mútuo?

Professores não são esquecidos, são lembrados com carinho e ternura.

Nossa gratidão e admiração a todos os professores que passaram por essa escola. Grandes profissionais, grandes exemplos.

Foto de ex-alunos da escola.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

9- Homenagens a alunos e ex- alunos.

Entrega de lembrança a alunos presentes das turmas de formandos do Ensino Fundamental:

1ª turma de 1965;

11ª turma de 1975;

21ª turma de 1985;

Entrega de lembrança aos alunos presentes das turmas de formandos do Ensino Médio:

1ª turma de formandos de 1988;

3ª turma de 1990;

13ª Turma de 2000;

23ª Turma de 2010;

33ª Turma de 2020.

10- Homenagem aos funcionários e ex-funcionários. O funcionário que está presente com mais tempo de serviço na escola.

Entrega de lembrança aos funcionários e ou ex- funcionários presentes com mais tempo de serviço na escola.

Foto da entrega da lembrança a funcionária com mais tempo de serviço presente no evento: Lúcia



Cardiga Coelho.

Fonte: Acervo da autora, 2023.

11- Pronunciamento:

Diretora: Luzia Crepaldi;

Coordenador regional: Luiz Carlos Pessi;

Prefeito Municipal: Eder Mattos;

Presidente da APP: Érica Cividini Scardueli.

Foto do pronunciamento da diretora Luzia Crepaldi.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

12 - Convidamos a todos para que acompanhem as autoridades até a sala 1 para o descerramento da placa de inauguração e conhecer nosso memorial escolar intitulado “Minha EScola Tem Memória” e, em seguida, nas salas 2-3-4-5-6, uma conversa com profissionais que estudaram em nossa escola e visitação. Logo após, às 12h, será servido o almoço de confraternização.

Foto da placa do memorial “Minha Escola Tem Memória”.



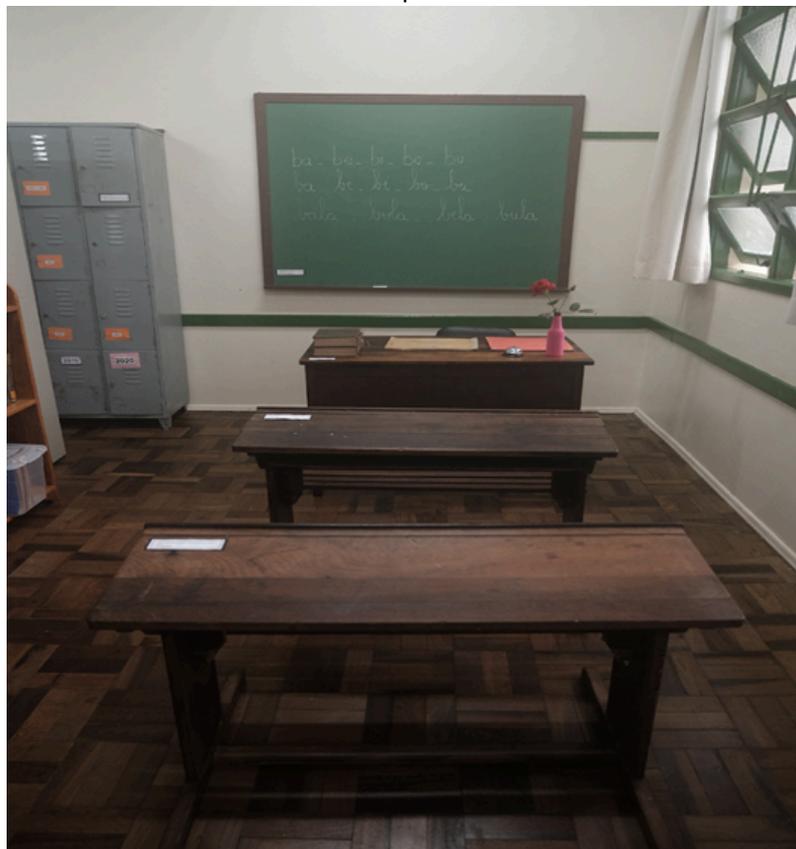
Fonte: Acervo da autora, 2023.

Foto do interior do memorial no dia da inauguração.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Foto da sala temática do memorial representando uma sala de aula antiga.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Foto contendo alguns artefatos do memorial



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Foto de ex-alunos e ex-professores no memorial.



Fonte: Acervo da autora, 2023

Sala 2 - TECNOLOGIAS: Prof. coordenador dos Laboratórios;

Sala 3 - MATEMÁTICA E EMPREENDEDORISMO. Prof^a coordenadora Jessana Patel dos Passos Aguiar;

Sala 4 - CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS E APLICADAS. Prof. coordenador Michelli Cadorin Piazza Toretti e Ivonir de Oliveira Bristot;

Sala 5 - CIÊNCIAS DA NATUREZA. Prof. coordenador do laboratório e professores Felipe Silvestre, Solange de Almeida Da Boit Presa;

Sala 06 - LINGUAGENS E COMUNICAÇÃO. Prof. coordenador e professores Aline, Nidia Mezzari Brovedan, Francieli, Daniel, Adriano.

O evento de inauguração do Memorial “Minha Escola Tem Memória” conseguiu demonstrar que houve o aprimoramento do primeiro memorial da escola,

adicionando-se ao espaço novos artefatos, construindo a escrita e o inventário dos objetos, organizando de forma que fiquem visíveis à pesquisa, estudos e visitação a partir dos conhecimentos adquiridos no Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais e, principalmente, robustecendo a memória coletiva e a memória organizacional da EEB de Meleiro.

Para a sua elaboração, foram realizadas várias pesquisas, como conversas informais com antigos professores, como com a D. Terezinha:

... aqui tinha uma figueira que foi plantada no ano de 1960, aquela [a figueira] lembra o meu tempo de professora, diretora.... Também eu usava o mimeógrafo e aquele cheiro de álcool... E a tinta da matriz me faz recordar o meu tempo... (Fala da professora Maria Terezinha Cardiga Pelegrini, obtida por meio de conversa informal com esta pesquisadora no ano de 2019).

Essa lembrança pessoal levou esta pesquisadora a pensar e vivenciar, através das palavras de Dona Terezinha, o quanto é importante deixar documentado, tanto as lembranças da professora, quanto a existência de uma figueira que se encontrava morta quando esta pesquisadora começou a trabalhar na escola como diretora. Esse episódio faz lembrar o que Halbwachs (1990, p.14) menciona a respeito da memória.

Assim como a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A lembrança pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedade múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem.

Dessa forma, para Halbwachs (1990), a lembrança situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedade múltiplas dentro das quais estamos engajados. Assim, Dona Terezinha lembra seus tempos de escola com muita paixão, e foi na escola onde ela passou a maior parte de sua vida, e alguns fatos ocorridos lá fazem com que ela se lembre e tenha saudades e os compare com sua própria vida. Em muitos casos, as pessoas têm apego àquilo que lhes foi importante ou que foi objeto de emoções. Dona Terezinha pode ter atribuído emoções àquela figueira, que pode se tornar quase um objeto de valor particular. Dessa maneira, quando outra pessoa modifica o objeto das emoções contidas, para ela, suas lembranças foram feridas e suas memórias se modificam. “Mas nossas lembranças permanecem

coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratem de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Para Halbwachs (1990, a memória coletiva em uma escola se dá pela coletividade de atividades, funções e até mesmo pelas disciplinas ou currículos que formam o todo da escola. São grupos de professores, de alunos, serventes e funcionários, até mesmo grupos coletivos que trafegam com o ônibus que faz sempre o mesmo trajeto, com os mesmos alunos, todos os dias. Essa coletividade parece que se forma de maneira bastante peculiar, pois não são as afinidades que formam o grupo, mas a necessidade de uso do ônibus e por seu ofício que a cada membro é atribuído. Tudo isso forma a coletividade da escola. Dessa coletividade é que surgem as memórias escolares, e então se supõe que a origem da memória coletiva da escola é a soma dos diversos grupos, mas sem perder a originalidade de cada um deles.

A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confundem com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal (HALBWACHS, 1990, p. 53-54).

A escola é espaço de cultura e de memória, e tem-se aqui a existência de memória individual e coletiva (HALBWACHS, 1990). Quando o aluno traz consigo a sua cultura e a história da sua família e, na escola, encontra as dos colegas e amigos, pode ocorrer ali naquele grupo uma memória coletiva; com a intervenção do professor no momento de ensinar, por via do histórico cultural trazido pelos alunos; quando o professor faz analogias daquilo que o aluno traz consigo e divide esse saber com a turma, acredita-se que, nesse ponto, a memória coletiva começa a se fazer presente. Para Canton (2009, p.21-22), o corpo humano funciona como coletor e condutor de memórias e é capaz de se lembrar de cheiros, de sensações e de lugares, podendo armazenar e demarcar, de forma individual, as situações para que, quando sentirmos necessidade de revivê-las, consigamos fazer isso facilmente.

7.2 Características do produto final

O objetivo de aprimorar o Memorial da EEB de Meleiro “Minha Escola Tem Memória” a partir dos estudos no Mestrado Profissional em Memória Social e Bens

Culturais, apoiou-se inicialmente com uma pesquisa qualitativa; em seguida, foi realizada a organização dos artefatos, fotos e documentos por meio de uma curadoria realizada por esta pesquisadora. A metodologia se caracteriza como uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 2001) e analisa as informações tendo por base entrevistas semiestruturadas, documentos e artefatos. As entrevistas foram realizadas com professores que atuam na Escola de Educação Básica de Meleiro, os profissionais já aposentados, além de ex-alunos que hoje estão no mercado de trabalho. Também foram analisados documentos da escola, os quais se encontram no arquivo permanente do memorial “Minha Escola Tem Memória”, como objetos e mobiliário antigo da escola (artefatos). A análise feita baseou-se na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Os resultados das análises serviram para embasar o aperfeiçoamento do memorial “Minha Escola Tem Memória” da Escola de Educação Básica de Meleiro. O espaço transformou-se em local de exposição permanente dos objetos da pesquisa de maneira a promover visibilidade e de se tornar um ambiente de estudos e de memória coletiva da instituição de ensino. O trabalho foi concluído, e espera-se que o espaço continue sendo organizado adequadamente na medida em que outros artefatos forem sendo incluídos. E que permaneça sendo motivo de participação, colaboração, estudos e pesquisa pelos atuais e futuros estudantes, professores e comunidade de Meleiro.

Portanto, como produto técnico para o Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, o memorial da EEB de Meleiro “Minha Escola Tem Memória” está inserido no contexto escolar como local de memórias individuais, coletivas e sociais que foi constituída por Halbwachs (1990) para distinguir-se da esfera da memória individual e comporta diversos sentidos polissêmicos.

7.3 Justificativa para o memorial “minha escola tem memória”

O município de Meleiro não possui um espaço físico adequado para abrigar, realocar e organizar o memorial da escola. Este espaço denominado memorial da Escola de Educação Básica de Meleiro intitulado “Minha Escola Tem Memória” vem sendo planejado há anos por esta pesquisadora e, com os estudos do Mestrado Profissional em Memória Social e bens Culturais da Universidade Unilasalle, o assunto tomou direções mais concretas. O espaço físico foi selecionado e adaptado em 2020, com a pintura da sala, pintura de divisórias e alocação dos artefatos,

dentro do escopo do Plano de Gestão Escolar. Desde então, o Memorial vem ganhando visibilidade no meio escolar, com a adição de novos artefatos e com espaço físico novo. O novo espaço fica em nas primeiras salas construídas da escola no ano de 1942 e que ainda preserva a estrutura original, com o assoalho de tacos de madeiras, porta, janelas e paredes de alvenaria feitas com tijolos maciços e argamassa de barro. A nova sala passou por uma revitalização e novos artigos foram adicionados.

A respeito das observações realizadas no evento de inauguração “Minha Escola Tem Memória”, pode-se fazer algumas observações. O dia 18 de novembro de 2023, foi um dia de muita chuva, trovoadas e ventos. Na noite anterior, as tempestades fizeram muito estragos na região, mas, em nossa escola, nada aconteceu. Mas estava muita chuva! Porém, no horário habitual, cada equipe se ocupou com suas tarefas para que o evento saísse a contento.

No horário determinado para o início, 9 horas, não havia chegado muitas pessoas. Apenas o fotógrafo, o cinegrafista e o cantor, que chegaram no horário combinado. Eu estava nervosa e apreensiva, pois a chuva havia aumentado e havia a questão do risoto, pois foram comprados todos os ingredientes e havia a conta para pagar. Então, a presença das pessoas e a compra dos ingressos era crucial. O público começou a chegar, e fiquei mais aliviada, pois o sucesso do evento era esperado para legitimar o futuro do memorial. Era preciso mostrar às pessoas que o memorial era importante. Havia a expectativa de sucesso por mim e pelas pessoas envolvidas. Enquanto esperávamos, aproveitamos para fazer as fotografias do memorial. Verifico com as equipes como estava o andamento dos trabalhos e tudo estava correndo dentro das expectativas. Demos início ao cerimonial com a mestre de cerimônia Josiane Bosa Duarte Tramontin acolhendo a todos com carinho e maestria. Foi composta mesa com as autoridades presentes: Luzia Crepaldi, diretora da escola; presidente da APP, Érica Cividini Scardueli; representante do CDE, professora Adriana Martins; representante do Grêmio Estudantil, Mariana Fabris Urbano; vereadora Morgana de Almeida; vereador Antonio de Oliveira e o prefeito Municipal Eder Mattos. Enquanto o cantor Tales Daniel deu seguimento aos trabalhos cantando a música “Seguindo em frente” de Almir Sater, o auditório foi sendo ocupado pelas pessoas que chegavam. Observo que as cadeiras foram sendo ocupadas por alunos, ex-alunos, professores e ex-professores e pessoas da

comunidade. Eu me encontrava ainda preocupada com que tudo desse certo, estava apreensiva e um tanto nervosa, pois era um dia especial para mim e para toda a escola.

O fotógrafo fez as imagens do memorial e depois cobriu o evento todo. Assim também o cinegrafista Adriano da Rosa, que é ex-aluno da escola e o cantor também ex-alunos que abrilhantaram o evento. Tudo estava indo bem. Percebo que Dona Terezinha Cardiga Pelegrini, Dona Alvina Longaretti e Luciane De Luca, minhas entrevistadas não haviam chegado. Dona Terezinha chegou com atraso, acompanhada de seus filhos. Foi um momento importante a chegada dela, pois, mesmo idosa e acometida de doença, ela estava ali para prestigiar o evento e ver o memorial. Suas amigas e colegas de profissão a receberam com muita alegria e um tanto surpresas por ela estar ali. As pessoas presentes a saudaram com uma calorosa salva de palmas. Isso prova que a escola é um local de lembranças de memórias, de encontro de amigos, de aprendizagens e, acima de tudo, de respeito aos que vieram antes, aos que já passaram pela escola. A escola é um local de socialização; portanto, é lugar de memórias sociais e socializadas. Fiquei surpresa, pois, até aquele momento, eu estava só, pelos menos eu me sentia sozinha, lutando pelas coisas em que eu acreditava serem importantes para a escola e para toda a comunidade. Parecia que somente eu via as coisas por aquele ângulo, pela maneira de tratar os artefatos com a importância que eu via neles. Eu tinha a impressão de que tudo daria errado em relação ao memorial. Fiquei surpresa ao ver que outras pessoas também se importam com a escola e com seu passado. À medida que as pessoas foram chegando, foi ficando mais claro para mim: “tem gente que ainda se importa”; “Não estava mais sozinha” diante de uma comunidade escolar que passou dos 100 anos. É muita história para contar! Foram muitas lembranças evidenciadas e comemoradas. Tive a oportunidade de observar as pessoas visitando o memorial. A placa foi descerrada e a porta foi aberta. Algumas pessoas ficaram surpresas com tudo que viram ali exposto; outras ficaram encantadas e as boas emoções emergiram nas pessoas. Tivemos vários depoimentos: a ex-orientadora Elizabete Scardueli relatou emocionada suas tentativas de preservar os móveis antigos da escola. *“Estou emocionada de ver tudo isso que está aqui, fico feliz em saber que agora todos aqueles móveis, objetos, estão num lugar seguro com o devido valor a cada um deles”*. Dona Fanir, professora aposentada e ex-diretora, não se conteve

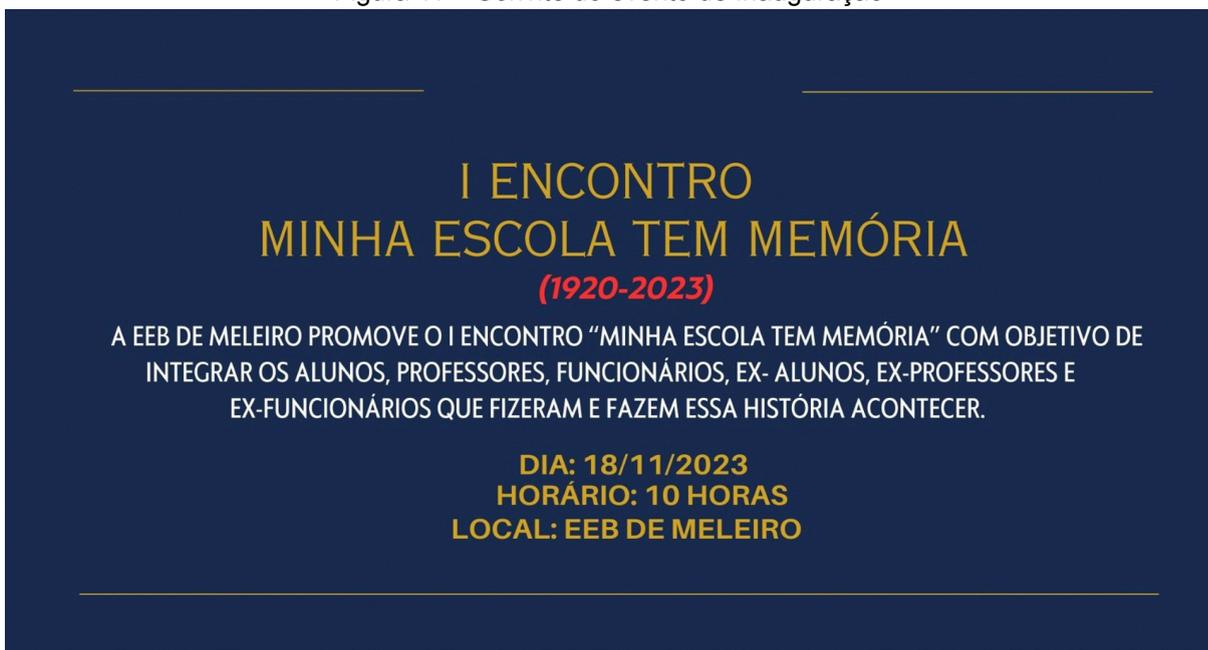
diante da sala temática antiga, com as carteiras conjugadas. Sentou-se na cadeira junto a mesa do professor, suas colegas sentarem-se nas carteiras conjugadas e deu uma aula do tipo “antigamente” ou do tipo “do meu tempo”. Encenou uma aula: convidou a todos a ficarem de pé para a oração inicial, e foi acompanhada pelas alunas. Uma oração foi feita, fez a chamada e abençoou a todos. Naquele momento, senti que tudo valeu a pena, todo esforço, todo trabalho realizado valeu! Continuamos a fazer história e a atualizar a memória coletiva e social.

A seguir está o link que remete à filmagem da inauguração com o cerimonial de abertura do memorial “Minha Escola Tem Memória”, ocorrido em dia 18 de novembro de 2023, com a presença de autoridades, alunos, professores, ex-alunos, e ex-professores. O *link* da filmagem de inauguração do memorial encontra-se em: <https://youtu.be/6h3UQRzhW1M?si=qdZrQUv8_rA1DBP9>.

As fotografias da inauguração do memorial foram realizadas pelo fotógrafo Adriano da Rosa. O link dos registros encontra-se em: <<https://drive.google.com/drive/folders/1XRXyQovKupaA03wkt-nxtJG15h9iW313?usp=sharing>>

A seguir, é apresentado o convite para o evento de inauguração do memorial “Minha Escola Tem Memória”, que foi compartilhado pelo *whatsapp* e postado nas redes sociais; também foram enviados por e-mail e outros foram entregues em mãos. A filmagem foi realizada pelo fotógrafo Adriano da Rosa.

Figura 11 – Convite do evento de Inauguração



Fonte: convite elaborado pela entrevistada Josiane, 2023.

Na figura acima, visualizamos o convite para a inauguração do memorial “Minha Escola Tem Memória” enviado aos convidados e postado nas redes sociais.

A seguir, apresenta-se as considerações finais desta dissertação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi o de estudar as memórias organizacionais da Escola de Educação Básica de Meleiro e lhes dar visibilidade por meio do aprimoramento de um espaço memorial. Acredita-se que esse objetivo tenha sido alcançado, sendo que as considerações feitas na seção 7 deste trabalho evidenciam todas as etapas de concretização do produto final, o espaço do Memorial da Escola de Educação Básica de Meleiro e o evento Minha Escola Tem Memória.

Foi estabelecido como primeiro objetivo específico desenvolver arcabouço teórico sobre memória organizacional e sua relação com o contexto da memória escolar. Essa proposta foi alcançada, tendo-se em vista que as entrevistadas evidenciaram que representantes da comunidade escolar guardam várias lembranças e memórias relacionadas a EEB de Meleiro, exteriorizadas por meio da emoção em suas falas, bem como artefatos como fotografias e objetos que fazem parte do espaço do memorial escolar.

Como segundo objetivo específico, pretendeu-se estruturar e aplicar pesquisa empírica com a comunidade escolar e a comunidade externa de Meleiro sobre a memória organizacional da EEB de Meleiro. Essa proposta foi alcançada, pois foram entrevistadas pessoas que ocuparam funções diversas na unidade de ensino, tais como diretoras, professoras, secretárias, e também pessoas que atualmente exercem funções diversas na EEB de Meleiro. As análises das informações trazidas tornaram possível a criação de arcabouço teórico sobre memória organizacional da EEB Meleiro e sua relação com o contexto da memória social e organizacional, embasado em Halbwachs (1990) e Walsh e Ungson (1991), uma vez que ambas florescem em meio às interações sociais, aos saberes e informações passadas, além de oferecer sustentação aos meios decisórios (MENEZES, 2006, p.32). Os resultados indicaram que, no contexto escolar em tela, a relação entre a memória social e a memória organizacional se revelam na maneira como os diferentes grupos sociais as recriam na prática, o que, por sua vez, vai enriquecendo a memória coletiva e, por conseguinte, produzindo avanços para toda a comunidade escolar.

O terceiro objetivo específico estabelecido para essa dissertação foi o de

aprimorar a exposição permanente Memorial da Escola de Educação Básica de Meleiro por meio do conhecimento sobre memória organizacional adquirido no Mestrado de Memória Social e Bens Culturais. Assim, foi possível evidenciar que o produto final deste mestrado, foi aberto com a cerimônia de inauguração do espaço do memorial da Escola EEB de Meleiro em 18 de novembro de 2023 com a presença de 75 pessoas. A organização sistematizada de artefatos como móveis, documentos e objetos também foi realizada, considerando-se o trabalho de uma curadoria, pois o espaço contempla a alocação, guarda e disposição dos materiais de estudo, de maneira que cada artefato faz sentido para a trajetória da instituição de ensino. O Memorial da Escola de Educação Básica de Meleiro: Minha Escola Tem Memória está aberto à visitação pública, à realização de mostras, estudos e, principalmente, como um local de recordações prazerosas, tal como evidenciado na inauguração. À medida em que o memorial vem sendo discutido nos corredores da escola, em grupos de professores e na comunidade, a temática da memória social e organizacional emergiu como uma evidência de que a escola pode servir como uma instituição organizadora da sociedade e mantenedora da memória coletiva de todos os que por ela passaram, independentemente de qual função nela exerceram.

Os resultados das análises demonstraram que a organização do memorial evidencia que a escola pode ser vista como um local onde os saberes devem ser públicos ou se tornarem públicos, podendo ser visto como um ato de oficializar a escola como um espaço primordial da sociedade.[Autor1]

A Escola de Educação Básica de Meleiro constitui-se de uma instituição, e por isso, tem um valor social; assim, também as informações se tornaram públicas através da constituição do espaço do memorial "Minha Escola Tem Memória", pois as pessoas que o visitam, como os alunos e professores da comunidade interna e externa, têm um local para respaldar as memórias da escola e da educação do município, bem como de outras escolas. Os resultados deste estudo, a partir da estrutura aplicada na pesquisa, aprimoram o olhar do leitor e deixam explícito a importância das memórias da escola, ancoradas no conteúdo do memorial, os quais estão repletos de significados que deixam rastros e memórias.

Registre-se também que as inúmeras imagens apresentadas na dissertação não deixam também de contar uma história. Neste trabalho, as fotografias contam

sobre a memória e a importância das diversas pessoas que estiveram presentes no evento de inauguração do memorial. Não somente professores, estudantes, entrevistados, diretores, mas as imagens dão conta de uma narrativa histórica da Escola de Educação Básica de Meleiro. As fotografias aportaram para uma construção coletiva de uma memória social a partir do cotidiano, das lembranças, das vivências, dos grupos e das relações ocorridas nos xx anos da EEB Meleiro.

Durante a execução do produto final deste mestrado, que foi a estruturação culminando com a inauguração do Memorial Minha Escola Tem Memória, foi possível vivenciar a alegria e a satisfação das pessoas envolvidas nesse processo. Ali, professores aposentados foram homenageados com uma lembrança de participação ofertados pela escola. A emoção de fazer parte da história da escola tomou conta dos presentes. Cada ex-diretor/a recebeu sua lembrança, também os professores que se aposentaram nos últimos cinco anos, na gestão desta pesquisadora, foram igualmente homenageados. Outra categoria de homenageados foram os ex-funcionários da escola que se encontravam presentes e alguns ex-alunos. Nessa etapa, estava presente a entrevistada e ex-secretária da escola Lúcia Cardiga Coelho. Dona Lúcia muito contribuiu com suas memórias e lembranças relatando os fatos ocorridos na escola, assim como aspectos relacionados à organização e guarda de documentos no período em que atuou como secretária.

Observa-se que nem todos os agentes públicos, professores e pessoas ligadas à instituição vêem nos objetos recursos para a memória da instituição. Para que isso se torne um tema comum, percebe-se a necessidade de um trabalho que enfoque a escola como espaço de memória, de história local e de pessoas reunidas; fazem-se necessárias mais pesquisas e mais projetos com essa temática.

Com o memorial inaugurado e organizado, cresce a preocupação e a responsabilidade dos agentes públicos, professores, alunos e funcionários da escola e de toda a comunidade, quanto à preservação do acervo documental e organizacional. À medida em que o tema “memória” passa a ser tratado regularmente, ele torna-se mais presente na vida organizacional e ganha legitimidade junto ao corpo de colaboradores e funcionários. Os resultados apresentados nessa pesquisa não substituem a necessidade de busca por outras

histórias e de outros tipos de acervos, como um acervo virtual, que amplia a fonte de pesquisa e de conhecimento, ficando como sugestão para futuros trabalhos e pesquisas. Outras formas de acervo cultural, pesquisa e de organização virtual podem ser desenvolvidos e organizados. Tais empreendimentos podem demonstrar à comunidade escolar que o acervo pode ser fonte de discussões, de preservação e de memórias e que não se trata apenas de preservar documentos e objetos com valor permanente, mas, principalmente, de utilizá-los de maneira a garantir os motivos para sua preservação.

Assim, a partir do que foi apresentado, sugere-se como futuras pesquisas o aprimoramento de estudos relacionados às memórias sociais e coletivas; pesquisar e instituir o histórico dos objetos, documentos e artefatos existentes no memorial “Minha Escola Tem Memória” e, dessa forma, criar um acervo digital que possibilite maior visibilidade para estudos e pesquisas das memórias da Escola de Educação Básica de Meleiro.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas/SP: Unicamp, 2011.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- BARROS, José D'Assunção. **Memória e História**: Uma discussão conceitual. Tempos Históricos. 2011. v. 15, n. 1, p. 317-343.
- BERND, Z. **Breve panorama das principais teorias da memória**. Material de aula, Curso Memória Social Bens Culturais, Unilasalle, 2013.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2009.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. São Paulo: Estudos Avançados, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.
- CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- CREPALDI, José Victor. **Trentasei giorni di Michele Crepaldi**. Siderópolis/SC, 2014.
- DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **Handbook of qualitative research Thousand Oaks**: Sage, 1994.
- GRAEBIN, Cleusa M. G. **Resumo a partir de vários estudos sobre memória** - autores recomendados na bibliografia da disciplina. Material de aula, Curso Memória Social Bens Culturais, Unilasalle, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus** - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, ano 08, n. 13, 2008. Disponível em: <http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>. Acesso em: 9 de maio 2023.
- GOODY, Jack. **A lógica da escrita e a organização da sociedade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos

Tribunais, 1990.

KNACK, E. R. J.; POLONI, R. J. S. Editorial. **Revista Memória em Rede**, v. 10, n. 18, p. 1, 14 jan. 2018

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. Ed. São Paulo: 1996

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Memória e História**. Campinas: Unicamp, 1992.

LEROI-GOURHAN, A. **O gesto e a palavra 2: memória e ritmos**. Lisboa: Edições 70, s.d. MORIN, E. L'unité de l'homme. Paris: Seuil, 1974.

LÉTOURNEAU, Jocelyn. **Ferramentas para o pesquisador iniciante**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MATTOS, E. **Meleiro: um fértil chão**. Meleiro, SC: 1980/1981.

MENEZES, E. M. **Estruturação da memória organizacional de uma instituição em iminência de evasão de especialistas: um estudo de caso da CONAB**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Conhecimento e da Tecnologia). Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Vera. **Aprendendo a aprender: Atividades e experiências**. Curitiba: Editora Positivo, ano 9, n. 2, maio 2008.

PAZIN-VITORIANO, M.C.C. Centros de memória empresarial: documentos de arquivo como artefatos da cultura organizacional. In: OLIVEIRA, L.M.V.; OLIVEIRA, I.C.B. **Preservação, acesso, difusão: desafios para as instituições arquivísticas no século XXI**. Rio de Janeiro: AAB, 2013, p.916-927.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SCHMIDT, Maria Luiza Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, 4(1/2), p. 285-298, 1993. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v4n1-2/a13v4n12.pdf. Acesso em: 9 de maio 2023.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Ed. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1977.

STEIN, E.W. (1995) Organization memory: Review of concepts and recommendations for management. *International journal of information management*, v. 15 (1), p. 17-32

TAVARES, J.; DE CASTILHO JUNIOR, N. Memória organizacional em apoio às decisões em uma empresa do setor tecnológico. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, p. 50–59, 20 jun. 2018.

TELLES, Telmo. **Adega Chesini** - os elementos constitutivos da memória organizacional: do nonno ao nipote. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais. Unilasalle, Canoas/RS, 2014.

THIESEN, I. **Memória institucional**. João Pessoa: UFPB, 2013.

THOMAS, W. The definition of the situation. In: COSER L. A; ROSEMBERG, B. **Sociological Theory**. Toronto: Mcmillan Co, 1970. pp. 245-249.

WALSH, J.; UNGSON, G. **Organizational memory**. Academy of management review. v.17, n.7. 2002. p.57-91.

APÊNDICE A - Fotografias do memorial “minha escola tem memória”

Imagem do momento em que Dona Terezinha foi recebida no evento.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

APÊNDICE B - Roteiro para as entrevistas de professoras aposentadas

ROTEIRO PARA EX - PROFESSORA DA EEB DE MELEIRO

Nome:

Contato:

Idade:

email:

Tempo de serviço na EEB de Meleiro:

Função na escola:

Época que trabalhou na EEB DE MELEIRO. ____ a ____ (ano) trabalho

Endereço residencial:

QUESTÕES

- 1 - Qual seu nome? Sua idade? Com quantos anos começou a dar aulas e qual sua formação?
- 2 - Quantos anos você trabalhou como professora? Em quais escolas você trabalhou?

Com relação a sua experiência na EEB Meleiro

- 3 -Qual era o nome da escola quando você foi professora?
- 4 - Como eram as aulas no seu tempo de escola como professora?
- 5 - Sobre as salas de aulas: Tinha energia elétrica, livros e cadernos? Quadro de giz?
- 6 – Na sala de aula, como eram os móveis: tinha, armário, carteiras, mesa do professor, material escolar, livros, cadernos....
- 7 - O material do professor: como eram adquiridos?
- 8 - Quais equipamentos havia na escola para auxiliar nas aulas?
- 9 - Havia luz elétrica, banheiro, cozinha, merenda?
- 10 - Como você preparava as aulas?
- 11 - Como era a escola: de madeira, alvenaria, tinha servente, cozinheira?
- 12- Havia alimentação para os alunos? Quem preparava?

- 13 - No seu tempo de professora, como os alunos vinham para a escola? E você morava próximo da escola?
- 14 - Os alunos usavam uniforme?
- 15 - Como os alunos aprendiam? Por quê?
- 16 - Quantas salas de aula tinha na sua época?
- 17 - Qual objeto da escola marcou sua carreira? Por quê?
- 18 - Teve algum aluno que marcou sua vida? Por quê?
- 19- Como era dar aulas no seu tempo? Foi gratificante?
- 20 - O salário do professor na sua época era bom, supria o trabalho realizado?
- 21 - Você tem saudades do tempo de escola? Por quê?
- 22 - Como as informações, as orientações chegavam à escola?
- 23 - Os documentos, notas, orientações ou decisões ficavam armazenadas/guardadas? Havia um depósito, uma sala, um armário para guardar os documentos?
- 24 - Quando precisava de informações, onde buscava?
- 25 - Na sua percepção, quais aspectos positivos a escola apresentava?
- 26 - Na sua percepção, quais aspectos negativos a escola apresentava?
- 27 - Quais as principais dificuldades você encontrou na EEB de Meleiro, na profissão de professora?
- 28 - O que a escola significa para você?
- 29 - Você sente saudades da escola? Por quê?
- 30 - O que a sua experiência pode ensinar para os professores de hoje?
- 31 - Qual mensagem você deixaria para os professores de hoje?
- Gostaria de falar alguma coisa que não foi mencionada nas questões? Qual?
-

APÊNDICE C - Roteiro para as entrevistas de ex-aluna e ex-professora da escola

ROTEIRO PARA EX-ALUNA E EX - PROFESSORA DA ESCOLA

Nome:	Contato:
Idade:	Email:
Qual tua formação:	Disciplina
Onde você mora:	

QUESTÕES COMO ALUNA

- 1 - Você foi aluna desta escola e também foi professora?
- 2 - Em que ano você começou a estudar nesta escola?
- 3 - Você estudou nos anos iniciais, anos finais do Fundamental e Ensino Médio também?
- 4 - Fale sobre suas lembranças como aluna.
- 5 - Como era a escola, quantas salas, era pintada, tinha biblioteca, área para esporte?
- 6 - Havia na tua época de aluna aulas de educação física, arte?
- 7 - Quem eram seus professores? Lembra?
- 8 - Algum professor te marcou em algo?
- 9 - Qual disciplina mais gostava?
- 10 - Você se sentiu bem na escola?
- 11 - Havia bullying naquela época?
- 12 - Você usava uniforme, como era? Alguma vez foi sem uniforme? O que acontecia?
- 13 - O que você lembra da escola na época em que foi aluna?
- 14 - Você conhece a história da escola?
- 15 - Havia equipamento na escola que era utilizada por alunos e professores?
- 16 - Como você via a escola como aluno?

COMO PROFESSORA DA ESCOLA

- 1 - Você foi professora desta mesma escola?
- 2 - Como você via a escola como professor?
- 3 - Houve mudança na escola, na estrutura física, na educação, nas normas?
- 4 - Você teve um olhar como aluna e agora como ex-professora esse olhar é diferente? Por quê?
- 5 - Como a escola é lembrada por você e seus amigos?
- 6 - Como você vê a escola como ex-aluno e ex-professor?
- 7 - Como as pessoas se referem à escola?
- 8 - O que a escola significa para você?

- 9 - Suas lembranças da escola te trazem boas recordações? Por quê?
- 10 - Se fosse voltar no tempo você estudaria novamente nesta escola? Por quê?
- 11 - Trabalharia novamente nesta escola? Por quê?
- 12 - Algum aluno/a marcou você? Por quê?
- 13 - Tem algum objeto da escola que te traz boas recordações? Por quê?
- 14 - Quais pontos positivos a escola tem para você? Por quê?
- 15 - Quais pontos negativos a escola tem para você? Por quê?
- 16 - Sente saudades da escola?
- 17 - Que mensagem você deixa para os alunos e professores de hoje e do futuro?
- 18 - Gostaria de falar alguma coisa que não foi mencionada nas questões anteriores? Qual?

APÊNDICE D - Passo a passo resumido para organizar um memorial na escola ou em outras instituições

- 1 - Em primeiro lugar, deve-se ter em mente para que servirá o memorial e quais suas contribuições para a sociedade.
- 2 - Qual espaço físico vai ser colocado o memorial?
- 3 - Recuperar o espaço físico e organizar em divisórias, prateleiras e móveis.
- 4 - Fazer uma listagem de tudo o que for encontrado.
- 5 - Reunir todos os artefatos em um local onde se possa recuperar e fazer a catalogação.
- 6 - Recuperar os artefatos
- 7 - Fazer um histórico de cada artefato e nomear.
- 8 - Catalogar os artefatos por data, ano e por tema.